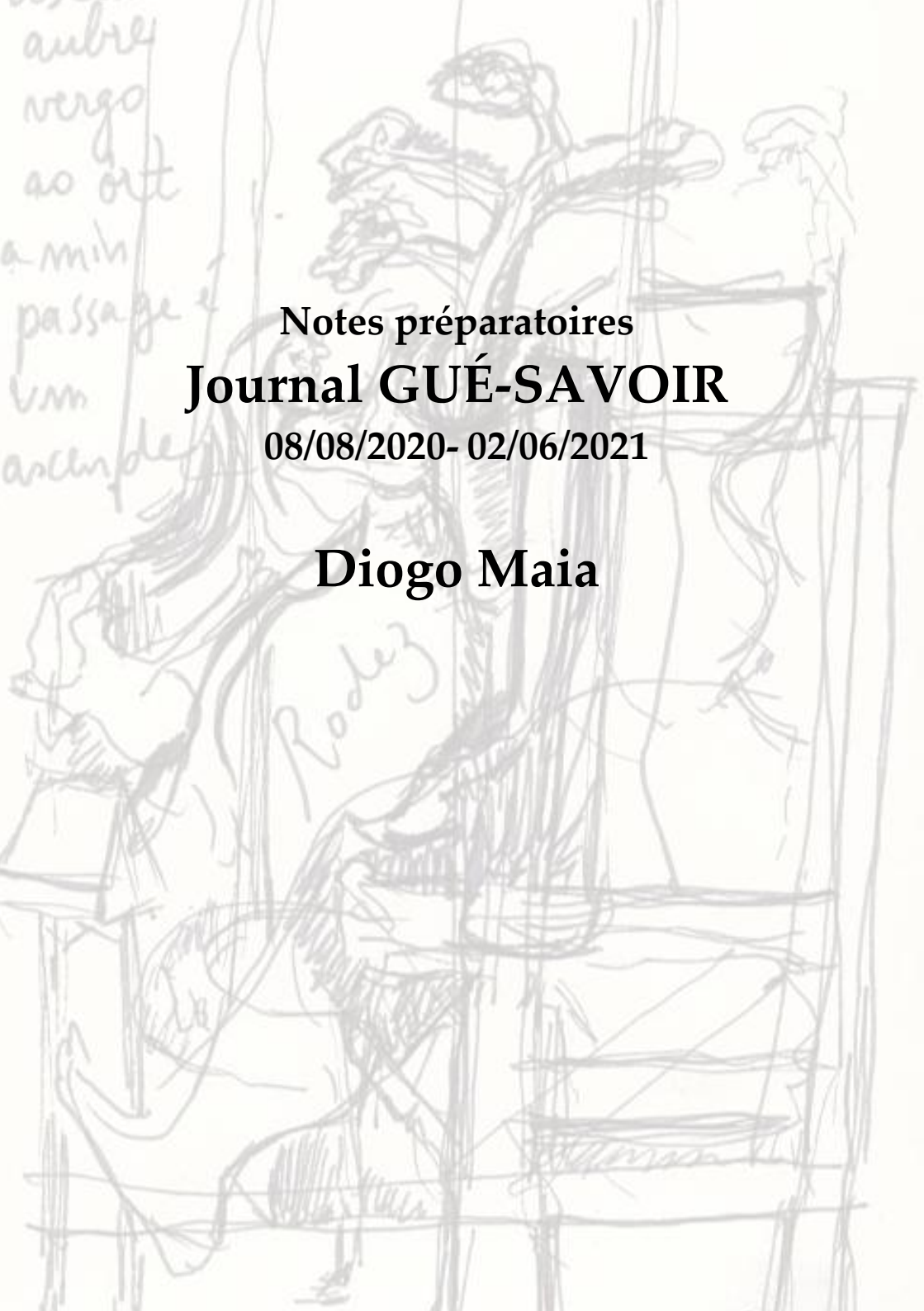


Notes préparatoires

Journal GUÉ-SAVOIR

08/08/2020- 02/06/2021

Diogo Maia

JACQUES ROBAUD, *FLEUR INVERSE*
RAIMBAUT D'ORANGE

10. Le « no sai que s'es »

Ecoutez mais je ne sais ce que c'est seigneurs ce que je commence *vers estribot* ou *sirventes* non je ne trouve pas de nom pourtant je ne peux le construire si je ne lui trouve une fin
telle qu'il n'y ait personne qui ait vu son égal fait par homme ou par femme en ce siècle ni en celui qui est passé

Escotatz mas no say que s'es . senhor so que vuelh comensar . vers estribot ni sirventes . non es ni nom no-l sai trobar . ni ges no say co-l mi fezes . s'aytal no-l podi acabar .
que ja hom mays non vis fag aytal ad home ni a femna en est segle ni en l'autre qu'es passatz.

08/08/2020

Je me chanvre à ton prix le doux, prix aorte, circule.
Première réflexion sur la Canebière- chanvre.
Non fujas, fuyas meu meo
neno de outro, sou eu
que de raiva eu fujo.
Não fujas.
Lamargue que alaguem esta canebière, eles todos parados
ligeiros (à noite- nottepará)
Como si o teu bras não me mexesse et après deu-se minutos
et était là-bas profond, suivi,
Ah tu veux dire large et il
Il est sent tu es heur/or
matine- la cane.
Estás ligado (terre.terre)
bieille terre suit le sol
bras suivent une paix si
tu attendais, occupé, monooccupé.

La canebière d'attente.
Je me disais que son bras
énorme pendant se formait
si t'es formé, les temps ne
passent sans une certaine,

Le bras est en bout de
situation, un élément à ne
pas être coupé,
si lèu la nuit allez, nuit unijambiste.
A la canebière une longue
estaca- chaga- debout hirsute
attendait le char.
T'es une forma claire cela
me transporte- chaire fraîche
Ta douleur debout telle
un arbre que (i) (i) *res*samble
en toute évidence à un sexe érigé.
Je continue dans cette réception ?
De ton bras meuble, outil interne, capacité
La douleur s'infiltre petite-frêle sans mots.
Que ce soit dit, prononcé
à l'aube matina à l'arbre très érigé, não arejado
bafejado,
ceux- là, les arb*res* sans matina (arb*res* sans soufle).

Les cheveux milles
aux odeurs, tu attends,
que tu viennes
que le cor de terre vienne
une mèche- pa*res*h (paraíso) - jardim.
Une mèche de terre mêlés
une odeur d'homme,

Boulevard Chave-arbre formé, tout est allez allez.
Son, seu sentido.

13/08/2020

Depois du boulevard chave- antes église saint michel
que tu ouisse (tivesses) o cielo depois (ela pensa al ciel que
je t'adore, des fois vu face au ciel, il l'emplit d'une force.
Boulevard bloqué, l'arbol... tu l'as fait.

à l'arbre penché, le cor (contre sens) (contre or)
si tu savais...

O vento dá dau-se daudado
il vent dau, dau, dau.
S'il te faz dau il vent
fermoso, bem-talhado.

O vent bem b si tu savais
que le vent libère (fère) l'arbre
quandos'il te faz ainsi
ocupado au large ocupado
Si l'arbre- o qualcuno, ele veio da árvore,

ar, guidinos, munos, moitos,
só tu me *res*piras.

Falava assim um vento no arbol
de boulevard chave.
Noite Demeter o ar de bafio
de sexo e de uma certa inconsequência
o je andava planalto e foi aí que as llénguas o
deturparam.

b de feição mistral anal
que dios me perdoa a sua confusão
temps de palavra- allezau
lent vent da geração.
Como se o bem lent vent fosse bem bom viéu.

14/08/10

Si la différence existe,
trovada, si l'absence ne naît que si la différence
une fleur perron dans une ville (goudron fleur tu
me amas)
cabeça cabeçou cap capté
si la nature te fait heur
une vièle, seille, (Mar), o vento veut
physionomie, si le vent s'adoucit,

et la villese retrouve son placer bem talhado
uma table ronde (discussion plena de vent)
à noite alaranjada eu voz
à procura (incauta) a certa simples (viesses tu
cip*res*te)
Cypris collé-sous jonc de mer
meu mon mio amado amado.
Viesses tu certo fils d'une ville de outra hora.
Luz laranja (si o teu bet, bise) o bem bien.
Tu foste
ao bordo
à raz
carrierro d'une route.
Route d'ano de casa h aspiré sem soufle
ser ter mu amasses e saío
son mer quente ele.
Quando descob*res* um café que é mesa redonda,
corredor
entre as ameras, corredor de passagem.
Vais/ a curto pudor/
luz laranja certa parecida a uma cidade ville de risco
o corredor de passagem (encavalitados)
certo dia.
Son.
Aquele ar na passagem
air de passage
me laissait pondre
la ville orange que je voulais :

le peuplier (choupo)
chaîne
chanvre

15/08/2020

La découverte d'une ville
orange blanche
si tu le savais
l'art tenção
sert d'attention
de façon lente et après.
(eu não vejo nada, eu ne vois allez)
la découverte d'une ville de façon d'attention.
Elle sert, elle est comme acertiva déréglé-non.
Elle est une façon fação fac face d'attente,
a sua tête sert (como o vento).
entière (inteira face) -inteira árvore,
Lou manque d'air, lou maque de ter a tua
Lá ao large as duas llénguas, moitas, são no cimo
últimas, severas, as vezes as llénguas
não quiseram mergulhar (não ao mer entero).
Savem tabem ao mer ao sabor
sapare tapare caer-todas
diziam eles diziam
Elas face (ao entero) uma lhéngua

face marealhada mer alhado
elas face ao parti duas tanti lhéngua.
Cada ortografia no cimo do mundo (se tu étais
comme un arbre-branche)
peuplier-alto-haut
anda lá- allez haut
Não ao sabor (entero).
Ao mar partido
brisado
a côte lado
ó mar que
renouvelle
renocoiar
o teu
a tua
ville
Quando tua ville ciudad d'air não vier (certe) (certe)
uma vague alerta,
uma vague alternativa.

19/08/2020

Depois de vivitar
habituas-te a um certo cuto mer
A questão tenso é uma tenção mer -terreque
devient, este tudo, fluvius.

O que poderá ser?
Sim uma certaine femme afiadora?
A llénqua e ela carregada d'ortograf
para lutar?
Giriá une femme gíria a majore
a luj (luz) é laranja rasante no forte que t'es fort
penser la força, force d'une ville et la transformer-
objet trouvé,
já não falta nada.
Estarás aí?
Estarás aí?
A majore, o folquet- reuno o que sei
que tu (ta) vague me rentre dans l'oeil
si un bâteau fort ne pleure pas
Marseille baigne ville só
ville plaine quando tu a vias inteira entera duas
llénguas ou mais.
Joy, jar oy o teu e ele vestido
meu certo amor, certo estado
certa canção meu amor
minha estrada pleure
e as gentes (sem nada)
bras las, agarrados
Au-delà dali há
montanha ela ent vai na ciudad
ó ciudad dali há (la são joão)
caminhava, rente
há um aperto (sem árvo*res*) certo.

Numa grille
certa luz eu vi-te
e ela certa vi-te
agri (estava luce)
abri (estava um ramo)
contra luce nesse pin dobrado
ali negro ao fundo sentia algo
uma viaj, un vent.
Estava a ficar sem aquilo que c*res*ce, cyprés estava
espinha a uma certa doce.

21/08/2020

Quando está pássaro a passar naquele ciclo amarelo
a árvore está anexa. Quero dizer proche (ai anda)
quando a asa do aucello é fuerte.
O céu fica firme- a cidade que descubro- sem
cip*res*te,
e os que existem são raros e sós.
Se a tu voz aucello fosse ali,
se aquele céu descurrasse o teu.
Quando está o paraíso a pensar naquele círculo
o cip*res*te esta ali verde, toujours verde
há uma barreira
la grosse auto-route-soleil
se tu queimasses, si tu quisesses não saber e ela
outra.

Procura o aucel uma outra.
Procura o aucel uma outra
procura de palavras per hacer viço
A árvore está ali colada
arrachée au sol, indiferente
l'être d'une ville ne soucie guère de l'existence,
laissé par le bitume.
Si tu alimentais cette ouverture.
La maladie de l'arbol
o viço dá-se, o viço é um poço
Mas falo-te de uma estrada ?
Mer aucello.
Pensava aucello e descobria
uma outra forma (ciel aqui)
o arbol acorrentado (aqui)
o teu corre
o estrado daquela figura !
amor ó dona p*res*a p*res*ado
pesado, prisa
o delicor de uma aucelha
xojem, daquele, daquela, fuste, lustre
se aquela estrada dividida
aucello e barulho
(tu ó ser)
Vais descobrir.
A questão dupla, questão dupla d'aucelho
a quesão dupla das falas oiseau pajaro, vaca
vacarme.

Se eu pudesse ocultar tal,
omettre ce ton ce teint cette tonalité qui
du ciel descend e la route baigne, orange, rasante.
ah oui la grâce d'un dialogue.

23/08/18

L'anse de Malmousque
L'anse de Maldormé
Segundo a natura,
A explosão de Beirute integrada a uma outra vila.
Tu desapareces (visto-viço de amor) o
visto do amor (a sua realidade) e sua explosiva.
Segundo a matéria tu andas
segundo uma visão,
a natura (ali no mar) (ela entra densa e tu)
caminhar pronta a sua
caminhar pronta a sua
caminhar pronta a sua

24/08/2020

La Porte Bietron (ancienne usine)
Si je demande ce que elle est
la porte Bietron une voix me dit

venue de la brise industrielle : ancien pigeonnier
Qui t'as deviné ó danger habillé sous ce portail ?

Voyager si loin
si o mot fosse codificado
se elle à Riberac, o castelo de Riberac o rio,
já vi um ideia, j'irai l'idée,
Retour à l'ostau (grande promessa)
Uma parecida, uma
vivida assim o homem
sentado (funo) e a sua recherche lenta
dura, intensa.
Se tu soubesses que ostau donner
se tu soubesses, ostau dado, o que fazer
sem que o ostau petrifique, agonise...
a sua ode cherche rebelde tourné vers la montagne
o laur, l'air de chaque rive- ideia de um ar
Algo apaga a nossa p*res*ença (si loin),
a palavra mot verde (re-vert) à chegada.
Entrada do aucello à beira do mar.
à beiro do rio ostau-rio sil (galiza)
rio hipótese-rio am-rio abrebelde
a tua montanha
a saída do teu vi
ville-bile à beira do (a ville que é a bile do corpo natura)

uma acidez, umas quantas construcções (ervas no solo)
quantos dias ali vestidos,
eu vi-et parecido
Falaram-me de uma montanha- Sainte Beaume.
Ao cor ou cors (inflexão)
Tu (arbo)
Arbo (laur) (verg)
laurado, vergado, peuplado
(laurier, vergier, peuplier)
vid (vidoeiro)
vitrouille, les vituailles
De Saint Baume (não conheco)
au Sil (que me arranha a memória)
um qualquer rio, um qualquer courel (estou à procura de uma harmonia arbol para um ostau dentro)
Ver a estrutura de um lai
d'uma alba, tenso conflito dia e noite
falaise contra a porta
alva dura luz "frouma"
numa nuvem allez fat set
Naquela nuit
gominée
ton chétif
tu sous une place
sombre
sans concordat

allez
vou agora ver uma carte
um mapa para ver se sil é o berço
o bierzo de um ostau vert de agora.

30/08/2020

Alterado
a tua cidade a uma
rede perf de duas regiões pays ninguém sabe se há uma rede
ele é dupla (entranha na sede)
contar de ti
O lugar, luoco, lieu d'un scribe
para uma rede de vento bento que liga cada uma das cidades
sonho
sonho a montanha associada au corps
cambia de ciudade (u profundo)
ao ac*res*centar o u, escapatória
érau, sem h, o hérault (que diz a mensagem)
Orixe da Poésia
poe, cam, ant (fazer)
se eu andasse a cada árvore
vista

lou corps num ciudad (fait-divers- divers corps) a
montanha como escape
cadre,
de tous les sentiments
importants, évidents, sérieux.
Je pense
Saint Beaume
plaine de Crau
Sainte Victoire
Alpilles (como auga a escorrer al céu)
lá (haut ciel)
dupla montanha
duplo sexo
dupla léng
duas rives
duas formas de andar
Vigo- mar de vigo (Martim Moxas)
O Courel,
O Ostau Melide.
Melide um doce ido, um doce passado.
Integrar a costa côte
côte à côte côte que coute
como se tu ligasses, pelo barulho, N'brise
o teu sorriso
Não há árvo*res*
só uma esplanada perto da Major, prisão na costa
um calor perto que puxa à prisão
Ribadeo – rive de deus

Há um enorme barco ali, desmesura talhado assim
que o teu lábio rive, rivé sur le mien (cost) trinca
o amor,
tu torna-te um conflito (uma partida).

1/09/2020

ao sair ontem
um purrado para uma
acolhida, l'accueil- éceuil (le danger)
posso escrever-te.
A marche de son pied
Como dire pied ?
Sair : je vois ta bise- le vent,
ao sair- as palavras d'ardeur
(como se a palavra fosse amor na marche – amar – à margem- amasse)
Na cidade acolhida ecueillida (écueil+velida)
ponto de partida desta viajem (carrièro lonc)
é o vento qui demeure,
o único, o vento qui plaît,
o único sinal de uma ciudad
embouteillé
embouché
cheia,
millenária

Bouco
bouchée
como se o tempo s'y en grouffe, mistral, vento
la marge plaine sol
o vento de Marselha, massalia
a marcha do vento, o mercado do vento (ver cantiga)
lou biso, l'ant céu, avant chambre de vento.

02/09/2020

O vento de Marselha
auzelha o teu dono dona
uma construcção terrível
ó silenci que tu esperas
ao fort saint joan que circundas
margem, a única ao mar,
O vento de marselha, ça relève
ce qui *res*te de ce qui se lève
em qualquer dia, moitos motz se lèvent
Bouco ouverto ali no cyprès
ouvia-te a caminho
o teu mar (vent) aucelo
o que ouvi, esta ciudad uma trindade
ali no cyprès, uns colados aos outros
de pé et près

o teu vento masse revira-nos
Quando ele não há nada avança (danger !)
perdes a casa, o vento ali no cyprès certo
tudo reunido :
Bouco,
cyprès
o joan aboím de courel
ouves ? Audiatz ?
Falava-se de uma janela
quando duas provenças ligadas
deixa vir
esta casa.
Bouco – cyprès – o que o vento vos faz ?
A seguir uma canso alterada,
Foi o vento nuage (o fino/cento amor) que se
instalava no cyprès
na fila de cyprès (elas) (humanos)

O ar, este vento
que m'entra
o que aconteceu ?
Na solidaire ano, protegidos por uma
máscara, só, inteira, ela, se fosses
tu fosses um cip*res*te.
Cip*res*te sempervirens
toujours vert
barreira ao fogo
No terreno, no terreno (te)

o ar medrava ap*res*sado eu
Tu?
sim
o barrado de fogo, o cipris, o Bouco.
Parecias um meu querido
meu querido Bouco
ruisselait (tu vieste-joui) neno
quando aquele mar sabia
a estanho (destruído) o ponto
Falo de Beirute.
Tu entraste na igreja (direita)
o teu sexo cip*res*te ali (és natura)
entre, entre o teu e o meu.
Tu falaste p*res*unçoso e lento
que c'e via, é como um ponto.
Deixas não ir, tens mudo de o
deixar (levanta-lhe a camisola,
o seu amor (cruzado) deixa-se
Eu não sei quem fala (não sou eu)
vejo o ponto destruídopara
que estarás uma
vida ali, seimpre ?
Tu desastas o copioso choro
no mar, ela entrada
Quem ?
Vi-te ente
o vento, viunto, a sua
estadia, a sua forma,

aquilo que se espera de uma tarde (de uma vida simples)
o vento (que te torna verde)
nele, na sua boca, Bouco,
estás a chegar.
Já não acredito que aquele verde (memória e sabedoria)
não fique.
A estadia
a forma
a inquieta forma de ali.
Não inte*res*sa o teu
vento,
o teu Bouco,
é isso o teu vento.
Natureza, site
como um sexo inexperiente
o Homem (vestes)
como um grito sans mesura.

03/09/2020

Como ao longo do céu clair acho
drut
a sua forma que o facho encontra
como há néu do céu, no escuro fronta
a sua ueva que desire l'hâche vid vinha
e se pudesses continu air a rima

tua Bouco o teu vento
destroi-te uma ciudade benta
uma linha
um corpa trop se de rima viesse
au secours
não me preparei para o Bouco
aninhado dissesse que ele o
corpo vai morrer a cidade e
as saídas de uma cidade sorties de
secours estão obstruídas, sentidas
o Bouco não quer mais
o Bouco procura dizer o que não pode
poda, poesis
que o vento ali.
Cento, o Bouco é demasia a sua
il suo vento
Bouco a levar na benta ventas ?
Vais preparado para te lançar
Massalia e depois quis a domna
transfigurar-se em verde
quando ficou verde...
saiste de uma cidade.
Massalia est embouteillée
as bouteille de fougue (odorante)
(par les gens) gominé
attablés à sa condition.
Si tu étais mal endormie de sagesse
(un antique chardon mal lavé),

tu vous à l'aube
de ton dessin
bientôt (lèu) commence
poésie claire (ils) (le potere)
veulent te transformer

Si je ne parle pas de ton port :
détruit
été ammoniac sans répit
Que ta vague toi,
t'imprègne, que ton jardim (absence de vert)
délices m'apprennent
tu sais – je t'aime
et un serveur, teinté – les
cheveux teintés passe
(humidité à la main)
l'éponge que nettoie,
la ville, sac de dos,
bouclier, ta façon de vivre
allez une petite...
Si tu me dési*res*
(t'es devant le tribunal)
(t'es face l'inconnu)
Massalia la destruction se frôle
(tangente) va où ?
Tu les mettras où ?
Si la Provence a l'air – l'alen – l'arbre
ne permet d'y aller

l'éponge humilité efface
ce contre désir de bâtir
si ton air (ta femme)
ta femme com tissé te laisse allez...

6/09/2020

Il traverse les bras de la rivière
la frondaison
Miguel Torga et la marche
« Marcher était pour moi un plaisir
innoncent, ma façon privilégiée de connaître
le monde, l'exp*res*sion la plus directe de ma liberté »

07/09/2020

O sab sap de um cyprès
quais passat auzigét por ele
o ciprès pleino de sentimento
havia uma perna (ele na sua
sombre), ele a sua causa do
desejo, eu estava ali ao
a olhá-lo (vert œil) o meu cip*res*te
a tua sap set (sede)
Onde estaria o Bouco ?

O Bouco do cip*res*te?
O enseignement (rima) branche,
a ideia de mundo)
O cip*res*te sabia discutir o seu Bouco,
às vezes ele entra na regadia chambrette.
Perna, braço e o verde
ao larango aurenga, certo, pontiguado
a tua certa farta de um outro
lado, queria o Bouco do cyprès verde sempre verde.
Se a cidade não escavasse
o Bouco, a estrella o camín,
o sémin, en, tout le motz daquele gît
do Bouco.
Gicle vert ao sabor
outra camba

08/09/2020

Quando calor se faz
aqui (eu fiz) o cant
Quando a brise chega
morta (allez) t*res* morta
encontorta muda de ar
de provenço perfume où ?
O viço que cade um porte eu
animal, aquele

mudar eu não hablo,
que há, ai quero calor saí
estribeira, pela ella, pélo
o teu cabelo cap não hablo
até dura, o viço.
O que é ?
A vontade, ela chega,
não vê nada.
O céu.
Aucè, aucèu,
dolor ao céu
rodeado, o lento
o homem pelo viço (cipreste)
sempre (toujours)vent
comó naqueló noitó
Hoje de manhã aperta
o aucèu meio viço
Estava ali
perto casa na costa, o passeio
mudava, a camba, assento rápido
o certo amor.
De noite o viço habla fort
cato ato o amor
eu fui ali (gare) tantas escadas
(saint carl, o homem está pronto
fosses tu um homme (florido)
a cair tombado
fosses tu um homem casal (dois)

o teu o teu mar acasalado
roubar-te-ia uma motz.
Quando de Massalia
dois pés prontos dois braços
um veludo tocado na aisselle (aucèu)
belo que je me frottais, inclinado
al fuerno (la braise) e vi uma árvore.
Alçado, flanco, o cyprès a pé?
Tanta sombra, estadia, eu já rare fait
(l'air) arfado com o mar sem saber (sap)
tudo num veludo velido
tudo sens fino abóboda daquele com seu mar.
Vi-te acolá
vestido em amor, sem cap pareces
que uma ragionne (rage) no cap alto
allez qualquer árvore if, if if
qualquer if

09/09/2020

Se te esconde*res* – nascondar
o teu perímetro certo
ombra do Bouco, l'arbre não saberá
Se te encontar (oh luench) p*res*ente no teu
se me esconder (ao/a amor)
no céu esconde o teu visage

tu ria, o rio a ria, o amor, a mor
eu braço se tu esconde*res* a palavra do teu Bouco
esconde o teu certo amour.
Se te fize*res* escondido, senhal, saigne là,
se (if) o teu Bouco expelir
se o teu Bouco se fizer ouir
o teu certo viço ficará
o teu Bouco pleino de viço
e tu te escondes, tu, poêle, pêle,
pelada à vide,
o teu alen (respira)
como teu Bouco-já estás
molhada mujada, mouille
o teu Bouco assim de noite
nicure, notte, lavada, cada flor
se bat, cada flor terrá, enterrado no terreno
do viço, allez terreno, o teu
eu plein battu d'oiseau.
Se te faz paire, maire =
tu velido ao certo, dá-lhe tu
avenir martelado no if que faz camba
quando andas acolá embriagado pela molhé
que nunca será
fosses ó toza, certa, incauta
a tua flor direita drech
un drech inclinado
(o souffle du je est accablé en domina par la voix
toza,

il aurait aimé l'avoir entière, mais la toza ne s'offre
toison d'or, toza d'or, le souffle à rat, sans savoir.
Si tu marches, vaz-y, dort et puis, costumé, va la
voir sou, fou, à cou)
a tua flor drech, inclinada (pons, fons)
que uniu, que liga
Bouco à boca (prendre la langue) mia senhora
quando
de dia árvore pleine quand il sort boîte ambigu
pour se cacher (court senhal)
ce sucre, ce contenu, lui, il
me voit, / son bruit l'emplit (de contenu)
par sa bouche (regarde ceux qui s'achèvent),
au matin, lumière des sentinelles, ils ne se lavent
pas les mains.

10/9/2020

Lacustre que custa
no diálogo (a dolor um rio)
quando és mais calmo
a tua sede set
Lacustre tu procuras tu
sentes essa forma (porto)
lacustre alargado,
un bassin tremendo (allez) fronde

como o Bósforo aqui a comunicar
contigo, comigo
o amor sente roc e
assim, tu alimentado
tu, em quis perceber
a sua o dolor dolor, a auga
canto esse rio dolor
ó canta
vi que o Mistral andava.
Um per de cipreste
um paire dans cette
nuit tu me le faisait
enchanté roc
(Mistral falava do Rhône)
a rua, o carreiro,
o poço, a boca)

O mistral o rumo ó dou
ó roc tu partes e eu não
Tu haces eu roc ainda
tu neuma, NA, neidado
ao fim da cobla
sentida.
Finda o seu ou
na medida
na estremida, ah lacustre
ninguém fala
A morta silvada

uma criança no fundo
uma rua pulule a luz que

O roc assemelhado
Bouco Bassin
A boca lacustre
Sentado na roc, no port
Que tu alta*res* meu lacustre
tu buste
meu amigo
não te deixes
só de uma faca
só de um alen
ah na vez água
tremenda.

Que eu no fundo fundo a sabor
o amor fresco do roc, sen
avec ad um parfurme
assim noich nuèch arrelia
um certo
(falo aos vestígios)
tu dessa parecida
englouti
pedra rose
o roc a sair ?

12/09/2020

Procurar uma bucha(brecha)
Chercher o Bouco
Falar o provenço
o set no castelo
vou a partir a Salon.
Que amb provenco o
teu ar
a tua brecha, o
bus chama-te
e o oriental suloeil (sol e olho-oiel)
entrado na costa cost
do castelo (se tu fosses uma mulher)
aqui a prova que um femo (femno)
deitado no roc, em harmonia
Estar dépossédé da sua cidade
O castelo repousa e o pássaro, o roc levanta
a prova do desconhecido
ignota roc, arrebenta
O autour entorno do castelo desapareceu
estas nas costas do castelo ?
Não tournes
Não tournes o dos
a natura sous le castelo
repousado
O que signfica o castelo ?

Aqui não há guerra (salon),
nem cours d'amour, nem provenços,
dépossédé, des-face, des-viço,
contra.
No ar de Provenço
Rue des Lices, o château
sobre o roc, apedral, couché
que perfurme (único e dépossédé) que *res*pira !
Poujado de la Glaciero, j'ai sur un panneau.
Perto da fonte, emplacamento a cair.
O castelo « poujado » no Galciero,
as tuas vestes, o teu f*res*co sobre aucèu,
aunós,
o ar de Provenço haleine hors d'elle,
dépossédé,
fala,
o último lavoir de Salon
poujado ali.
Couvent des Cordeliers,
tombeau,
uma mulher tensa de um...
um sabes sombrio, uma morte já ocorrida.
Num café , la voyante- cyprès de moi,
un séjour estadia, elle dit que nostradamus
est là, juste en-dessous de toi.
Chapelle des Marty*res*, ce bar
Claude chegou e já lá estava Hélène a contar
que Nostradamus, o ar de provenço vem de baixo.

Uma voûte de ar, alens, de proenco
O claude sentia o alcool, que poderia ser ?
O bon coeur de Provenco,
o soléu saía,
o bon coeur lay, e o lay, nele, está o frágil
que nos vive.

13/09/2020

Por veces a história
o lati de aucèu no soleu de Provença
visto castelo aboiam na parede d'árvore,
tu, tumulo, cabelo, chivau desengrado,
oh Claude, sietz, auzigets, aqui perto de mim
num éclair, num xeito contavas lay o château
lay na fons enorme, mossue, uns tiravam-se
desajeitados de fronte em água, tenho a história
que tu me fazes (salon et tout dépossédé- senza
fonte,
nostradamus, salon, Helene entra parece-se com...
Font de Maire
Esta fonte nourrit la fontaine, le seul lavoir de Salon.
T'es maire, côte à côte, la maison : une ligne d'arb*res*
se pose sur la ligne des champs, ton vent maire con-
duit

l'auga ao Bouco, tu não que*res* a fonte da morte, maire.
Todos estes dias passados no bus, o cip*res*te ali pontiagudo
serré vers le ciel, allez, une barrière do soléu, do ar, de l'air.
O Bouco parece-se a este lavoir, estrado ao contrário, ele, o seu,
num fluxo.

O que se aparenta à outra aparição, é o café de Hélène,
posição, arbol, o passado mártir, a árvore (de forca?) pendurada no horizonte.
Ouvi René Char falar sobre a *"filante"*
Desapareceu no teu olhar.
Sálon (tantos pinheiros, alguns dobrados pelo vento)
e um regalo de jardim
fonte escura volumosa na cansada, pois cheia, praça.
Como se tu vivesses, Empéri, en péril
agoniado pela a escada monumental que te agride,
que des-des consolida o *res*to,
Emperi fechado a futuras brincadeiras.
A filante, esta planta, que fuga !
Que na fuga no teu olhar (sera o lay ???)
A questão do olhar no ambiente.

Uma certa vida, uma certa estadia, uma certa
luz, o ar.
Pas de lumière pour racheter si douce et pérenne
présence, uma certa estadia, um certo arbol,
um certo, uma certa estadia.

Quando ouvi o amor misdangerado nas salas,
no Bouco muino que cada fleur sort, ce que je veux
dire :
logre, logron,logrener, ta vision, ta façon d'être, ta
vie.
Quando ta vie, vid, saboreia, a luz o ar fica
e dá nostre, e dá-se ao autre.
E agora que se prepara a nau tensa, tensar de
l'avenir
região-ragionne-medo-paura- port-foi ali no tenso
do aqui e do lay que se bâtit l'air (une forme) que se
escreverá
Une fleur à terre, ciente, filante, poujado no firme
fil.
O aucèu que tu viveste poujado, foi ali que se
escreveu
primeiro toque, posé, ab dolor do tempo novo, fut
ici que
je t'ai vue pleine.

18/09/2020

Se um tenço mer
um tenço onde o JE fala de um amor (paisagem)
se desmultiplica na paisagem o JE sensual.
O JE que quer se fundir avec o cyprès se lay
ideia antagónica o bouca abocanha a paisagem.
A irrupção natura
pelo buoco aberto (ville ouperte, ouverte-le film)
Open book de Acconci, open mouth (vidéo)
As várias espécies:
o teixo,
o peulplier (choupo)
o If, o teixo,
pin, albespis
o cyprès,
A reverdie impérissable (ver la lettre de Calyso de
Tabucchi, Calypso que ne peut pas mourir,
comme se vert)
A reverdie fatal !
Reverdie (reverdescer)
o voltar (permancer sempre verde)
dá-se na Bouco, bouche, boca.
A tenção entre uma boca e sua reverdie.
Céu e o seu aucèu (o vôo)
Minarete (chaminé) a falta de
intervalo écart, un lay de tempo

paaysage resserre impede-te
oiseau com um fio
Minarete daqui espreitas o outro lado
O cyprès (substiTUI) ameniza o espaço
que não admite outras verticais,
o que se exprime
para o céu.
A arbre protege o cor
O if é a dúvida do perigo (uma condição)
de sementes venenosas.

Palimpsesto na língua trenchat (ver Marcabru)
o mot d'agora sobre o mot d'autrefois.
Bouco,
Cyprès,
domna, (idée pas de chair)
Je/ Io/ Iéu
Algo contraditório
Bouco -mãos
après- poste
Je- ne
domna- les possessifs
Entrada na igreja Saint Esprit en Aix.
Será este Saint Esprit cyprès, a vista para o céu?
Será que o Saint Esprit se revela na natureza
olha o altar-prado- olho a carpete- o rioe
nesta rede de santo (todo natura)

O santo espírito ameniza a boca,
impede a espada que pulula contra,
Fica alter de tensão (santo espírito
tornado máquina dura)
Não leve, ela entra -o dolent- a dolent
Este midon-senher-senhal trasvestidoo
único.
O santo fons
espírito como helo-lien- nature
desces e esse plano no céu oiscéu a exclamação
tu vens perdido, uma.
Joelho cyprès
cyprès ruta, ó joelho.
"Jouir joui de la jouissance"- ne pas jouir joui

19/09/2020

Perto da Rua de Joliette
uma árvore colada ao prédio
que algo vai acontecer- fortemente,
decido ir filmá-la, se a voz pudesse
reter aquele som visto naquela árvore
magra curvada,
pensei por a aubépine, o cyprès assim tão próximos,
si tu pouvais cor-cors – être ta finalité,
a inflexão do cor-cors – plural,
diverso duplo, a aubépine protege,

o cyprès espreme-se no Bouco.
Bouco, homem viajante (mano, pé)
E se a cidade (pleine) de mer ao Bouco não disser ?
Et si la ville (pleine) d'une mer, la bouche, elle me le dira ?
(le, a, ville, ciudad, assiégé, assentada par une volonté (talen),
mais ce changement paisagem,
facto de paisagem, ce changement ocorrer perto de uma aubépine
tu n'arriveras plus/point a jouir (jugement jauziment ?)
Como é que não sai ?
Como o que não sai se torna o salvo conduto de uma paisagem ?
O que ne sort pas par um jauziment, poderá ser esse o conflicto (interior-exterior)
La déclaration d'un talen qui ne s'accorde pas avec les arbes, les oiseaux, les sols...
O Bouco abocanha,
o Bouco encima o cyprès,
suga-o,
encabeça-o
encap-o
aubépine cor
haie ali vent lire
a boca protegida pela aubépine embalsamo
Contre la guerre (éloge de la modification)

aubépine embaume les cors.

20/09/2020

O ar de Provenco que tira
o ar allen
ele tira esse ar que tira nas cidades
o ar que falta !
O que trará ele ? Na tua cidade
Fronteira ciudad do ar de Provenco
poderá ele sair
da boca e entrar noutra boca ?
Valerá esse ar (expelido, exhalé)
Por uma aubépine o ar lonc
A alba no conflito ?
A p*res*ença da alb no tenc
Proximité de tenc a tensão
O ar lonc brise importante
no *res*piro (no diálogo)
Sopro de um, ar
de natura.
O Bouco do nosso ar exala aillen
*Res*pirado o seu jauziment talhado
Se *res*iste neste acto
Ele tenç algo com o ar
Para as pessoas
Ele pensa alensa

Agenza o ar Provenca
Où es-tu?
O ar de Peire Vidal
O ar lonc de uma alba desconhecida
O Bouco citado por Serge Bec
O Bouco aina o seu camín
O cyprès entra lonc,
Recupera a ideia importante do daleche.
Agora o luenh, o lonc, ideia de uma reverdie
A entrar pela boca
A diferença de boca ao Bouco,
que é mais profundo.
O Bouco transformado cyprès
ganha a forma da ciudad.
O vento toca-lhe e velida haleine, dá-lhe uma forma transverssal.
Em frente à Saint Laurent, uma finda deitada, vejo uma velha
(a domna), antigua que se mexe face, couchée, a Laurent cyprès ajuda qualquer ciudad a sair do torpor. Como se as folhas huejas do cyprès em brume,
Raide ligne que entorpeçe.
Comment impede o Homme a nature ?
Marcabru meu dru, l'entrebesc (enlacer les mots), como se fosses uma planta.

29/09/2020

O cyprès deste ar auc
Aug o fado que se natura
No alto do aucèu d'argura
Uma figueira plantada arada aura
O ar que entra pelo Bouco,
A rythmia da poesis fazer far
Que quando o ar entre jograr ar
Tu sales qu'jazer camba
Jazer o corpo acabar o ar e entrar
Agora o Bouco qu exhale tal falar
O Bouco que diz poesis
O Bouco é personagem
A árvore colada ao muro, entrebescada com o muro
O Bouco sabe-se a ar
A boca de Becket, ou boca d'Acconci- «open book»
A boca étang
Que eu espero ver o étang
Du Berre para ver a tal
Indústria que sale, a tournure bouche sort
Ir ao étang de Berre,
O Bouco, o dominnate
o cyprès, o deitado, o couché, o de cura.
Quando o cyprès entra e rasga o Bouco, ele deixa uma fractura,
Ele gît.

O cip*res*te, cip*res*te fractura no buco de dolor
A tentar ser mais preciso, deixar que o Bouco não espuma tanto,
O écueil écume de uma desgraça. O Bouco em silêncio.
Deja-me !

30/09/2020

De frente à cor
de frente ao mar (noite)
a rima de uma cancu
cada cancu uma molhé
um er mulher
se cada corpo no mar
natura
como rep*res*entar la nature,
elle présente dans le corps
si le paysage altère (comme si ton
mas se charge de matière
L'eau afaga qualquer temps.
Ce ne sont pas que
les ordu*res* levées posées,
lourdement sur le sol
les effets, ce sont aussi tes sentiments
(le cor) qui s'altère par une difficulté trouvée
affichée dans la vie.

Le cor s'éteint (manque d'air)
quand il voit la mer et son eau faible,
le cor s'en dort car il me voit que la fermeture
(routes serrées), l'espace, l'étreinte de l'arbre mal nourri
Dire la nature est dire mon corps ma bouche, boùco qui s'elève
critique, tenace, dur, fissure qu'une nuit lumineuse s'entend.
Le rôle des oiseaux, le rôle des oiseaux qui re,
ne chantent plus (ton bec aec ta fissure)
LE drut- l'entende dor (o amante)
dire la nature (estou agora sentado, calmo, cor, calado)
dehors car une nature (haleine) se dissipa.
Será que marselha esconde rios ?
A Camarga, la plaine de crau tantas pedras, prontas e inteiras.
Amanhã venho filmar-te, oh figueira perdida,
braços branche não que*res* jazer.

06/10/2020

O Inverno chegou Iver chega se a estação relier algo
ao tudo. Se a estação ligasse tudo isto.
O hors-soi que déstabilisa,
que crédible fleur se
ó que tu cré crer ao teu centro de la tudo tout tourne
nuage.
Imagina qu'à l'intérieur de la fleur tourne.
Dire par cœur, dire par cœur.
Retorno a Marseille, chuva e alguma coisa
Si eu par crieur aideau
a sortir de ce nouveau
criard hard/ allez/ l'eau
si tu avais museau l'eau
ta bille oiseau hardi
nulle, ahahah, tu savais (tout)
ta fête, ton hâte allonceau, auzeta
dizer niente roseau
roseau far, o teu bico daou.
Chego a Marseille que o escuro
não deu olho, nono esto esse
escuro camafeu sua por-estor
que derrubo esse alen da tua bouche,
que falo, que alo, que galo
verge no escuro um edificio, orificio

sgralido.
Atua estrada é pérola.

09/10/2020

Quando de noite (alvi)
o seu vais querer naturar
ou fazer o que não se pode al
e esse faxer, essa maneira
o sol (j'indique) talvera
talvera de luz noite e tal
quando eu fago agora o seu
ao bordo esse bordo esse
altar cruzado o que será cap enterrado ?
Pedra perfura o mus de ti
sabes que o bocaço fatigue e exprime-te
ao contrário ? Atravessas atravessas a gué.
Meu leque, peg, pichut
lario, o a casa
supra inteira a vez algo
que no falco d'auga, aquele
que parece
proche tu vas à la mer.
Tornado
allez l'envoi: duas pedras
allez dois talhos talhados,

ninguém sabe nessa noite
franca, allez o medo,
tu, meu, ó Bouco, sou eu a camba, a tua
meninice, camba croisé,
il pleut il pianjo questa dove adesso (não falo)
avança avanc mon petit.Avanca cors
o navio parte nesta prise de langue.
Où-vas tu
aucune lieu de vague, o
sem cardume na era bapti
construit certa humc l'air allen
que a pedra (pierre moi)
à noite, de repente, o gaio
roulava, e vez um aluz, ele fuma.
Se água, de tanto ficar, a noite parou
Quando parou: a sua luz fuge ia é tudo num
vortex: o diade fino virá
e aquele lume certo, acalento-te de viço
te tomará.
O barco é assim um colado
alinhado
em concordância de fina água
Lugado, lugo, luz, pensava no Bouco
e na muralha rempied com a camba...
se tu fosses assim.
E siou iniciar, esta vert (vers) que cette langue
me tue e son cercueil (obois ofulé) me sibila- vais
mujar.

E eu mujo io a qualquer o qualquer vert la le dolor le dolor
adunga, viço, praz, talen, senhal, mer attourdi, écrire dans
le noir, vaz y moi, já atlado ao ar.
Etre en danger do meu
(se faire domina, se faire danger) quand on parlele hors soi
(on est dans le vide), le vide *res*, nian.
Qui entraîne le danger de celui qui a choisi de ne pas par as langue.
L'enfer crève dans l'enfer, mon senhal (quand tu es caché) caché par le double.
Lati (langue d'oiseau) la tienne allez.

12/10/2020

O tenço s'installe.
Je sais si la femme va devennir homme, si cette transformation,
je me disais – facétie des mots, allait nous sauver
(écoute ce temps) le rapport aux formes, la nature eclôt de lumière,
à l'aube sont les retrouvailles entre le lay avec le tout.
Tout hors mots qui longe la côte. Il avait dit (stanza) (stantia) (cobla) avec toi, j'ai appris,

que la facétie, le mouvement des mots n'est pas une étape. L'homme et la femme par la voix.
Par la voix, plus naturelle quand elle est baignée (rivé, l'oeil à son naturel), la question se posait, une casuistique d'amour « moi » encore en cours, en apprentisage de transformation, encore enfants emaranhado a tua língua dual, dios, diurna (tenso-doubler le dire).
Je reprends l'idée d'alba retrouvaille, être citernne, eu mirroir du jour par lequel je m'enfouis dans, en, hors toi.
Si cette transformation n'est que vague, et moi je me savais à la vie, frais (brise attentive, certes chêtive, mais une bouchée d'amour.
La fine n'est pas oise, ise, la fine est troublandise, ça n'existe, ça ne passe que du trouble.
De me voir enterré, ampli, dans ton « arse » je suis vulgaire à un degré tendre et magma s'en découle.

Le vert, revers dia que tu me souhaites est floraison trouble amère, forme de corps à explorer.
Ces lectu*res* faites, enfermées, ont fait surgir une idée de «je » féminin, à la lisière. Comment te placer ?
Face au cyprès, au figuier (du port), à ta tour hirsute sans cap, tour laurent, à ciéu d'amour.

Comment te placer, face à la mer (ancienne nature)
et comment te savoir hardie, chaude, si tes prénoms,
exclamations, marques ne desservent que ton
propos intérieur. Rien ne sait si la trobairitz est un
garçon caché sous moim ou trouble de fille qui
m'arpente à chaque instant, dialogue. TROUBLE, Si
cela est regagner le lien, le pont, azag,
aventure d'une poesis, allez je me fais à ta
bouche, aucun cyprès sera vulgaire.
Aucune chose nous branlera au liech, au paradis, à
la plaine
la nature anti-domna e por isso inclusiva,
e por isso abrangente large e sereine.
Je vais voir eu vou ver árvore colada ao muro
entrebenhasc
ou algo parecido, à la joliette
une lumière de fin de mots
me fait froid et m'altère.

3/10/2020

Viagem voyage à Marignane
Je suis à l'aéroport et j'attends le bus vers le centre
de Marignane.
Dans le bus j'ai filmé le paysage, quelques secondes
de ce paysage changé.

Il y avait des cyprès devant des usines,
le ciel court vite, si vite qu'un homme, lionne,
ton idée s'est emparée de la mer.
Le poids d'une route luisante,
chaque jambe se casse, chaque route nous trouble,
trouble la garrigue coupée,
amputée-la garigue ou ma langue liée à ce.
Quand on arrive à l'aéroport, lumière farde ?
Non, lumière qui met en évidence la route, s
on péril, sa vitesse- la route du souci- tu iras.

L'idée est de voir l'étang du Bolmon
salicornes, arb*res* roses, sel fin, la végétation propre au lieu.
Là je suis encore à l'aéroport, cyprès blanc d'attente,
une lignée de cyprès accompagne l'entrée - les mortuai*res* (en pic),
en attente, p*res*que éteints et dégarnis.
J'ai lu le livre *Les rives de l'étang de Berre*
cela parlait du chemin des macreuses,
vite, je pense au chemin des sebissas
(quand Marcabru parle-dialogue à la Toza[1]).
Nous ne sommes pas des mauvaises filles, la Toza est,

[1] *Cf. la poésie "* L'autrier jost'une sebissa*" de Marcabru*, [pp. 42-48] in René Nelli, René Lavaud, *Les Troubadours II*, Desclée de Brouwer [bibliothèque européenne], 2000.

maintenant, cette terre, ou mieux,
ce rapport que j'entretiens avec Toza.
La terre est transformée, surtout, altérée dans ta bouche au moment de l'échange-
je parle la sournoise Água, l'eau, inquinada en pensée,
elle qui fut destinée à une terre en pensée.
Si le corps bouffi, éclairé, maigre, attendrissant, de ces jeunes baladeurs, gisent debout, que va-t-on advenir ? Leurs corps, en attente, précai*res*, tirent la pierre vers le dedans,
ça s'amasse,
ça fait mal et la Toza crie de stupeur.

Les immeubles et moi vivons une alba séparation-
corps et pierre. Ils forment, ici, l'air,
l'actuel ciel de Provence.
Les croisades sont intérieu*res*, les poursuites à lumière du jour, transforment la douceur
(l'eau en risque) et taisent l'oiseau de passage.
Cette douceur tue ton âme, à bout portant,
la cassante arme (encore le cyprès) en défaillance.

Aucune eau lave ce que je vois, ces années.
J'espère de me rendre à l'heure et *res*ter à l'arrêt de bus qui m'emmènera à l'étang du Bolmon.
Boufi je ne serai plus, l'odorat croisera le désir d'une

raffinerie,
la Toza en or, sort, moi la sebissa, subirai-je ton odeur.
Pourrais-je te serrer de sorte que la stupeur du cœur me gagne.
Marignane j'arrive salicorne -rose, vert, sel chair.
Je vais sortir et filmer enocre un bout de langue (le Bouco s'ouvre),
quel vivante ficelle me tient.

05/10/2020.

Montagem do figuier figuieiras apontamento
Il s'est nul (ce ciel de pierre)
Ce ciel de mur comment tourner l'image.
De ciel impierre (?) uma flor sèche.
Le figuier du port, ciel de pierre aride et l'eau n'est pas loin,
seule, la salée, tu, je ne pleut pas
Decido pensar no lugar deste fi, fá-lho gueira, figue.
Figueira aparece como se fosse parte da cidade,
um corpo maior que a cidade não vê.

Quando vi vejo beijo
l'étang lui de près, de loin, de l'eau
Preciser, expliquer la fuerza de féminité la voix que

je chaude
Voix amie au-delà du courant contact chair air
qui m'élève, voix chercheuse, court sans pensée
aujourd'hui
l'étang élan je l'ai vu, l'aucèu plante dort s'hésite au
bord de as force,
une eau sombre camba quand l'eau se touche le
braço p*res*que dans l'eau
une tête tournoie que mon doigt te prenne salicorne
au loin je me faisais crier-cordon berre, berra, crie,
c'est fluide, étanche fait d'une eau de marais très
sombre ao aberto bouche, Les portes d'Héraclès,
non, l'entrée, foison, chemin du chemin, tu étais
mon arbre,
je marchais le long de force, la louve, la facétie
touche les mots baignés envie à la saveur pas loin, je
te savais fond une tension entrait entre les lieux.

Ou

Je l'ai vu, l'aucèu,
la plante dort, hésite au bord de sa force
de l'auga sombre, suis chuté d'elle !
La jambe, l'eau me touche
p*res*que dans l'eau une tête tournoie
que mon doigt te prenne salicorne
au loin je me faisais crier- cordon lardon
Le Jaï, c'est fluide, mon étang

Oa ouverte bouche, le Bouco,
la bouche se ferme
les colonnes d'Héraclès- on dirait
l'arbre marchait s'ouvrait de force,
la louve, la facétie (la folie)
touchent les mots baignés d'envie
à la saveur pas loin, je te savais fond
et une tension s'immisçait dans ta branche.

Ou

Eu vi-o, o "aucèu",
a planta dorme, hesita à berma da sua força
da"auga" sombria caí dela !
A perna, a água toca-me,
quase na água uma cabeça gira
que o meu dedo te agarre salicórnia
Ao longe eu era gritado cordão gaiato
O Jai, é fluído, a minha lagoa
Oa aberta boca, "o Bouco" a boca fecha-se
são as colunas de Heracles- diriamos
a árvore caminhava, abria-se de força,
a loba, o gracejo, (a loucura)
tocam as palavras mergulhadas de vontade
ao sabor não longe, eu sabia-te fundo
e uma tensão imiscuía-se no teu ramo.

15/10/2020

Vim a Paris encontrar neste dia frio encontar neste
dia frio, occitan, o club d'occitan
de Noisy-le -Grand.
Pensar, o desacordo descort
entra, é il est le texte une
de Saint Julien Pauvre
Pensei no viço que fica inserido nas cidades,
A tua viga-te t'entra.
O viço sobe como o pobre, sem alimento, mas
alimento
cruzado, uma árvore nascente.

16/10/2020.

« Es sus la talvero qu'es la libertat d'orieira en
orieira porta la vertat ».

Jean Boudou

La talvera que si tu étais la plage :
Je t'ouvre (Où es-tu ?) - je suis
au pied du mont carmel, senti,
assis sur le talen, a fame, cette
chose, qui une fois entendue, *res*te en vous,

j'ouvre la page : ouvre, ouvre te fais ouvre, ta fleur ouvre et je lis :
Tant ai lo còr deceubut[2], que ta voix sortie du Bouco, ce Bouco qui me *res*pire (j'ouvre un morceau pour parler de Bouco trouvé au pied de mon talen, de mon...
à la mer, à la terre (talen)
Ce Bouco exprimé ce voulu, voullo dire que la nature dominait, elle, la nature demeurée en silence.
Ni rossinhóls non i crida,
nem o roxinol, não os que*res*, nãos os grita,
a talvera (vierge) me fait penser à une lèvre pas embraissée
(qui n'a pas reçu le tampon- verbiage lourd, inconséquent d'une liberté sans aube. La séparation faite :
- vai-te velida natura, des sor, des cor, descort para que eu me lhegue.
Tant ai lo còr deceubut
Tant, ils sont, au coeur (de) (négation)
l'AUCÈU volé sans but, aucèu gris (des) (en) cor, déchu.
Tant ai locor (le lieu ?) deceubut (désabusé)

[2] *Cf. la poésie* "Ar em al freg temps vengut " *de* Azalais de Porcairagues, vers 9, [p. 161] in Pierre Bec, *Anthologie des Troubadours*, Union Générale d'Editions [bibliothèque médiévale], 1979.

“Per q'ieu soi a totz estranha” [3]
Stranniera nature qui est la voix, suis à la fin de ce bruit, jusqu'à ce que ce corps perde en vitesse et tombe dans la talvera.

18/10/2020

Au pied du mont Carmel
carmel
aucèu au cel
o racho (le filtre ?)
sai, bebe-se
a natura que sai,
dois pins d'Alep dobrados pliés par le vent
lo bento, la bise que, atràs, t'attire, toi, joui au pied d'un nouveau paysage.
La création d'une fleur plantée au pé do Carmel, ai lay,
auziget, toi, enflammé, sur le chivau, faula.

Jouir joui de la jouissance

Le troubadour ne jouit pas, ne jouit jamais.
Il est tendu, il bande tout le temps.

[3] *Ibid,* vers 10.

Ce « jouir joui de la jouissance
n'est qu'une position constante de la tension
(corps/objet) (corps-nature)
Le troubadour est toujours hirsute, un arbre vers le ciel, comp*res*sé,
un rappel de tension, un cyprès qui traverse les temps, d'un
vert impérissable[4].

20/10/2020

Que l'amour des *res*
une reflexion sur l'éloignment,
il s'éloigne (à lay) pour se protéger de cette folie (facétie louve)
que le Bouco lance son cris (cela rejoint le cri mortel de Merlin
Si le Bouco s'est parce qu'il veut se soustraire à la fragilité de l'amour dans sa bouche.
Ce trobar, à l'intérieure crie en risque car le milieu (un milieu charnel, livre) est aussi fragile, au bord du *res*.

[4]Cf. la phrase "Ah Ulysse, pouvoir fuir ce vert impérissable !" «Lettre de Calypso, nymphe, à Ulysse, roi d'Ithaque», [p. 37] in Antonio Tabucchi, *Les Volatiles de Fra Angelico* (Nouvelle traduction), Gallimard, 2018.

Le *trobar res*
La sebissa, la haie, le chemin,
il y a des cyprès et d'aut*res* verticales (les tours de tension).
Si le Bouco rejoint la sauvage ouverte,
alors l'amour souffle loin de *res*, du nien.
Au paysage (corps y présent), le Bouco se heurte aux faux arb*res*
(l'arbre qui paraît, mais qu'il n'est pas).
Bouco l'amour soufle ce *res* du nien qui ébranle.
Ce paysage (corps y p*res*ent) à moitié enfoui.
Le Bouco se heurte encore.

Cette voix (le dernier cri) a un impact, il tourne oie,
quand il regarde (le temps arrêté) la goutte de sang
sur la neige (voire référence de Roubaud) et voir la
Fleur Inversa de Raimbaud d'Aurenga
et sa neige tachée.
Cela doit dire, Bouco ouvert,
la tension close venue du "*res*" qu'une vie
(paysage y comprit) nous rappelle.
Le Bouco s'ouvre, se rend disponible par un
échange concret de deux régions.
Que vont-elles faire à ce Bouco ?
La neige d'Aurenga dit, l'eau dit sort, liquide,
elle calme le Bouco et son fragile parler.
Ces régions ont, entre elles, une épée
Au milieu, une violence – fragile – *res* – qui se

traduit par une frontière.
L'épée, le faux arbre, ce qui me sépare.
(L'épée-frontière)

Retenir ce cri
Reteni aquéu crid de Serge Bec

« Lou retendren aquéu crid
que noun revihesso pas l'auceliho
pitarello de la sedo nuechenco
en pantaiant de sa *res*plido »[5]

« Nous retiendrons notre cri
afin qu'il ne réveille pas les oiseaux
qui picorent la soie de la nuit
en rêvant de leur renaissance »[6]

21/10/2020

Retenir ce cri
Pour retenir

[5]Cf. le poème "Reteni aquéu crid", [p. 45] in Serge Bec, *Cèu negre d'uno suprèmo lus suivi de Mesclun de ma jouvènço,* Langlade, L'aucèu libre, 2010.

[6]Ibid, Cf. traduction du poème en français [p. 43]

chaque individu boit son café, accoutrements dégoulinants,
chaque pièce est rapiécée à une rue,
le vêtement étalé,
chaque rue, chaque loin, pas beaucoup d'arb*res*,
bouches dépossédées.
Ce ciel, cet arbre, chaque précaire corps au bord- ils traversent vite ce que l'arbre ne peut pas faire,
amarré est-il de la sorte.
Mugissant de puissance, certaine bouche veut les crever,
mais certaine bouche veut les écrire.
Retenir, ce miroir de langue,
les mots à la porte ouverte,
chaque oiseau porte-parole,
se meurt, et le discours (tête coupée) danse.
Savoir trobar (l'oiseau se meurt derrière la garrigue (trincheira) lourde).
Non i crida.
Si tu meurs,
não pareças morto,
ne tue pas le désir entrée le premier jour.
Cette danse, tête en voie de détachement, est meurtrie, au café de Belsunce,
partout même.
J'ai trouvé ce rythme: retenir o grito passarado, oisado.
Chaque fois, chaque cri,

bouche tarie – sec – set – ta lune se meurt.

Ce qui coule sans retenir

« […] Le sacré de l'Arabe au désert/ Qui adore ce qui coule/ Des rimes, étoiles sur sa cape/ Et adore ce qu'il dit. »

22/10/2020

O tempo muda, o ar vento texto
E adès serà l'alba

Non dormatz plus, qu'eu aug chantar l'auzèl/ Que vai queren lo jorn per lo boscatge[7]

Ne dormez plus, j'entends chnater l'oiseau/ qui va cherchant le jour dans le bocage (traduction)

Le boscatge et le Bouco.
L'oiseau va chercher l'arbre dans le bocage,
le Bouco profond, comme s'il entrait.
Dans cette vision.

[7] *Cf. L'alba* " Reis gloriós, verais lums e clartatz", de Guiraud de Borneil *vers 12, 13* [p. 168] in Pierre Bec, *Anthologie des Troubadours*, Union Générale d'Editions [bibliothèque médiévale], 1979.

Ao centro do diálogo está um « Bouco», uma reacção a uma dor.
Que uma natura para ser amada
(Le corps y compris) amb de amor, outros poetas dar marche, amb de dolor.

Cf., la définition de *boscatge* sur le DOM.

LvP
s. m.
a. 'bocage, bois'
b. 'droit de couper du bois'
Rn 2:241a
*FEW 15/1:193a, 15/1:206b [*ʙᴏsᴋ-].*
Source : www.dom-en-ligne.de/dom.php?lhid=1zOiVXlZho6PTtSz72gJGU

23/10/2020

Cherche le fil, chercher ce que la nature chasse chair, ce corps.
Comment (tu) (tue) nature, tu te fais chair dans le paysage écroulant ?
Double ce corps à la mer, deux mers, fille sauvage de ton oeil. (façon de regarder)

Guérir cette douleur de je, il se meurt.
Je qui se meurt, perdu, devenu errant.
Ao bordo do mar (incisão, corte, entalhe)
O que me preocupa é o Bouco, a reacção (lenta)
(aperture, fermeture ambiguë, lente, et très intime).
Chercher le lin de l'écriture.
Ao bordo do mar David (estátua ao bordo do mar),
le Bouco, le cul, perdido está a comer algo.
Como recuperar cette nature du Bouco, quando ele fica louco,
morcelé, au bordo do *res*.

Ce rien qui se place dans le corps (entaille),
la narure : marche, embrasse, file.
Je viens de lire Jean Claude Forêt et son banc double
sur lequel les fesses (de david) s'assoient,
le vallon, le trou.
Ce banc ton banc, le *res*, nada,
um vortex que poder levar (se lever le vent) au bord de la merde.
La manque d'amour
Le manque de toi
loin, lay, cada ideia
cada falésia,
David, ta bouche si tu étais cyprès,
et si chaque jour, cyprès, peuplier,
au vergier, tu te caches, je ne te vois plus…
Qu'un immeuble géant étourdi le lit de loin

Et toi Bouco, camba, vergier, la sebissa protège érige,
sem dança, sem o canto de um aucèu,
David, amigo ao bord de mer.
Le *res*, o recto até ao Bouco.

Un corps en tension, une nature en tension qui bande arborée.

Dialogue avec des poètes, à la recherche d'une parole amicale-
Chanson d'ami, par la marche.
De l'côté, une écriture de jauzimento :
Jauzir (jouir)- jazer (mourir)
jouir-mourir
Une tension qui déborde, en état de siège. Encerclé.
Une voix qui se réjouit, va-t-elle mourir ?
Le Bouco qui se meurt, jauzir sa vitalité !!!

« Les invariants sont les cours des fleuves, la hauteur des montagnes et la ligne des côtes, mais s'ils appartiennent aujourd'hui à tel pays, ils pourraient plus tard appartenir à tel autre. Les seules 'frontiè*res*' qui ne changeront jamais sont celles du corps humain et que celui-ci éprouve si elles sont violées. »[8]

[8] Cf. le texte « L'Atlas», [p. 25] in Antonio Tabucchi, *Voyages et*

26/10/2020

La perte du matériau linguistique

L’incorporation d'un passé linguistique

28/10/2020

Ce cercle se ferme (à PerTUIs)
utre, ele, dépossédé.
Vejo um cyprès numa place, un lavoir
deux côtés (deux bouches !)
Tu le sais
A PerTUIs une fin, une fine en lieu, in fine
Vejo a tour de Saint Jaume (tes oiseaux te traversse)
Béante, un seul côté, fissuré dans sa moitié,
un regard (mitad Bouco) je fais et la bande
d'oiseaux s’en volent.
Je perTUIs.
Traverse (tour) ton lavoir, il est interdit,
Mon passage est dépossédé de ton eau.
Si tu le savais mon Bouco, je pense à la mer au lonc

---

autres voyages, Editions Gallimard, Paris, 2014.

(longe),
pelo caminho de Codax (sei Vigo, me levas no ar, onde mayor)
Adès en PerTUIs, o mar mayor, ainda o ciclo na cabeça,
quando entro no lavoir, deux bassins, dans le début de la vallée clausa.
Clausa poderia estar a boca et clos o cor, mas não.
Je PerTUIs, le *res* toma conta.
Ce soir nous seron fermés
le « rara », le « confinhar »
Ce qui dit dans le bar, oui je suis assis, je traversé la Durance, constance,
l'onde ne recouvre qu'une colline,
le menton,
même si je t'ai vu rapide.
L'onda qui veut peut posséder (lay en qualquer ria-
je ris,
aqui em PerTUIs, je pense à lay, aquela arbol, e o cyprès si seul.

Le cercle poursuit ta lecture, la tienne,
provenco que me manda Vigo,
duas cambas muito esticadas,
para estar em dois luga*res*: a ria de Vigo
(o poema de santuário – brisa f*res*ca banahada na palavra paralelística)
e PerTUIs, ce trou depois da Durance, le lavoir.

Autour du lavoir un frais chemin calme le Bouco.
Le Bouco rit de la ria (quand il pense à Vigo)
Le rire, ce gai cercle anime les gens (penser loin),
mas
Bouco parece bocatge clauso,
en disparition.

30/10/2020

Cette écriture est une forme concordante avec l'idée de perte-
une forme de déchirure linguistique afin d'arriver un “hors soi”
L’or soi est une traversée vers l'autre, l'autre nature, ça jaillit.
Le personage que je cherche s’appelle Bouco,
mot provençal pour dire Boca, bouche.
Ce mot au masculin donne au mot une profondeur, peut-être,
une direction tendue ; il désigne le pertus.
Le pertus est trouvé lors d'une lecture
L'entrebescamen des mots et du corps.[9]
Quand j'ai visité le 28 octobre 2020 PerTUIs, j'ai

[9]Huchet Jean-Charles. L'"Entrebescamen" des mots et des corps. In: Médiévales, n°11, 1986. A l'école de la lettre. pp. 111127; [Publication en ligne disponible en 2018 sur Persée.fr] https://doi.org/10.3406/medi.1986.1043 (consulté le 30/10/2020.

aperçu la Durance, puis, j'ai vu, dans la ville de PerTUIs, un lavoir à deux bouches, deux bassins. C'était un lavoir niché dans le mur, composé d'une vôute –
demi-bouche, comme un sourire.
Le pertus m'envoie au *res*, à ce nient dont Guillaume IX parle dans son *Farai un vers de dreit rien*.
L'idée de construire un texte dialogué se repose dans la fragilité donnée par les multiples traversées - lieu-corps, corps – mots, vide-nature, nature-sexe, vulgaire- ciel.
La bouche, o Bouco erre denrée.
La direction de ce dialogue
entre régions, entre textes, et aussi entre corps.
Le Bouco, son Bouco, erre, ferme, ouvre la bouche, d'elle jaillit !
O Bouco parle aux lieux, ces lieux (naturels, humains, altérés...).
Le Bouco a une certaine monstruosité (je pense à la *Chimère* de Jean Boudou, ou Bête de Vaccarés qui se révèle dans le faular.
Abocanhar.

Il est donc multi-Bouco : cela rendra possible une démultiplication de Boucos – voix féminine, voix masculine : voix inconnues
La chose du Bouco désir.

03/11/2020

Le Bouco ne peut pas retenir le cri !
Je peux plus le retenir.
Faula lonc/long (parle loin)
S'il le retient tout s'arrête dins l'astrado
(le destin) – le camín (le chemin)
le lien à la langue se coupe
le lien à l´endrés (le lieu) se coupe
langue hors soi n'est plus l'heure
la langue de l'autre est proche
et donc loin de la sienne,
loin comme loin est la côte de Vigo du lavoir de PerTUIs.
les poèmes de la mer de Codax
(voix inconnue qui parle, O Eno)
le trou par où passe le lien,
le pertus qui est la place
la bouche, où, dans le corps
Quant à lui, il erre (l'haleine)
le corps erre saturée
(bouche ouverte, fermée, ouverte fermée, en rotation),
il est le lieu, tous les lieux le lieu de langue, cèu sous l'aucèu, palais
lay gué, un loin gué, gué joy, galoi (joyeux)
le corps se meut dans le pays, il est elle.

Bouco, Bouca,
Il prend son air, l'or, aure,
il est léger (errant) il est flume
(fleuve)
(plume)

« Chaspa e nifla e tasta
Tout l'espés e lou fort d'un pais calourous
E li trèvo lóugiero
Dins lou fin anamen que *res*tanco lou tèms. »[10]

04/11/2020

Changement du texte du journal-vidéo de
28/10/2020
Dire le Bouco (le trou), (le pertus est partagé) (Une
ouverture)
la circulation du Bouco par une contrée corps
Dans la vallée close la durance est frontière,
le lavoir de deux bouches
le cyprès si parlé est dehors pâle.

À PerTUIs

[10]Cf., le poème « Prouvenço» [p.19] in Blanchet, Felipe, *Li cant di camin qu'ai treva dins l'autono*, L'astrado, 1993.

Je vois la tour de Sant Jaume
tes oiseaux te traversent pálidos
t'es fermé d'un côté,
et fissurée dans ta moitié

Le *res* (rien), le pertus (le trou) nous prennent
Adès (agora) nous sommes clos.

La Durance jaillit au lonc (loin)
nous – pertus,
nous – Bouco
nous – trou bouche
notre cyprès seul

05/11/2020

O lay lieu (lausengier ?) que me pro (honnête)
o lay lieu me donne, il est le coeur de ce dialogue
(Côte Vigo) perTUIs
entre les deux un point (une épée) cyprès
de ton âme.
O lay lieu que se promène,
contrée de ton corps.
O lay lieu dévore/non
O lay lieu o près lieu de
Cyprès ou lay lieu
Proximité – distance

O Bouco dans le tenso (écho)
tu me dis, tu me dis, tu me dis
lay lonc endér det adès ufano
motz à distance
à la nature, ce qui elle incarne
le rare, o disperso,
chaque
tenson, je voulais te main, non,
je ne suis que,
je voulais en
et je ne vais que
sons se se há há
quando adès vuolta ú, us
a tenso o eco double
hors soi qui l'écho
qu'este vent l'air Bouco ouïr
aucèu dans le ciel de la Bouco
o eco som
tenso : boca, Bouco (saida do U)
Bouco lo vent
ce vent intime, de la bouche
lo vent commun/ bem
qui dá
ele dá
ele dá erosão, Hérode (?)

Cette Bouco diz e aprende que la poesis tràs.
Elle apprend (le bouc)

constroi-se
allen o ar vai entrar
e quando ils sont sortent il est
le Bouco le trou, trouée de paraulas,
il distille *fin'Bouco*
Eh ó ouve lá sempre que tu á sempre
olho ueil que se dá que,
t'es puits,
heure de soi
(il est elle) – le trou trouée
le Bouco boca
ABOCANHA
APERTUANHA
ne retient pas ce cri
cir cir cir cir fou
mange criarda.

Soir
que la marcha temple eu
senti-me o que podia eu
Ai não te mexas,
Ornado (orné dans ce violeta)
aurenga còr ornado dins o templo ou marché
eu sei *res*,
dizes isto para que me acalme,
o calmo âmo e tu
laranja violacée crês ?
O lay que se instala,

O lay que se forma dentro dentro
de Vigo
quando era mesmo neno balançava
hora mar ninguém enquer-pensava
o que que*res* dizer ?
Enquer talen ao mar
La violacée entra e eu na esgueira
escada e eu ali (alay)
todos sentados, o pujado à espera
o meu còr salido do Bouco, poujado no lay
Então é outro momento da narrativa sim
quando o còr sai, ele quer sair estar dehors soi.

Beyoglu qu'eu te sobe agora, loin (porque vens do outro lado ?)
perto do Hotel Flash estive estivado estiú,
como-te beyoglu, o teu sombro,
espaço descido até ao Bosphore fosses tu vital agora adès,
para me secourir
o lay aide.
mas en não estou lá,
aqui neste lado, (Marselha)
vi juvens vi vieilos vi o meu caro caminhar
Bēylul eu preciso, o meu còr dehors
esse còr, meu dois que me leva,
fleume rio até ria
a falar dois de um amor, tipo de amor,

sem estrado, estiú frio como uma luz
volta essa luz seror, colonne desta halle
haleine qu'a luz tourne e ali plueij d'un souvenir beyoglu,
de ti, uma imagem mer soube-me a lay
como o còr que tanto quer sair aqui
(lay et aqui, a tenso do lay e do aqui)

Neste momento estas reflexões que *Flamenca Guillaume* tisse
qu'eu saio caminheiro caro (visage) no carrièro (estrada)
que relação encontrar ?
O temps dins lo temps ou mitad Bouco, mitad perTUIs mitad visão.
Quando Guillaume pede perTUIs pour voir Amour, la clausa qui clau au lay (por referência ao Roman de *Flamenca*).

07/11/2020

Em Bēylul imagino Peire Vidal
la folle bouche vai à la louve se maridar
(se questionner pelas ruas étroites de Bēylul)
O trobador maridado à fronteira feu,
veut se xuntar,

os duros drutz que não passam
(os peixes, os animais ?)
sur cette barrage étanche,
compromisse entre la barrière
en béton et la boca
Bēylul Bey boca je pense à toi,
a qui Bouco ?
arrête de dire ça !
Ce n'est pas en Ibérie, ce n'est pas ici
c'est négundo lieu aqui.
ça ne concerne *res*
J'enquête tous les lieux, toutes les tentatives de bouche pour dicter.
(Chaque boca sera une tentative pour dire, pour faular les implications de ton acte)
Como se Bēylul Bouco fosse justificação,
artificial, eslengatz, hors sujet ?
O lay que é un lieu de tentativa para qualquer façon de parler

(Intrusão de um senhal longínquo Bēylul
que lembra ruas tortas, sem vegetção, com a vida,
ele vem para ajudar o BOUCO,
a lidar com a barreira que se coloca- gente et natura-
Ele distancia o Bouco, protege-o, Bēylul e cidade pleine de vie
O Bouco é boca pela filiação à maire, a maire vida, maire natura.

o Bouco tenta amar, “tençar “ soutenir (tenç),
mas o cimento (o novo filtro) não passa deixa passar,
et met à terre qualquer tentativa.
Oie picis (peixes) non passat.
O Bouco já não sabe dizer,
e tem medo do que desaparece (perte)
O Bouco vê a lléngua como tentative de racheter, redire, refaire,
re-aimer., chaque llégua tente,
la tentative vers maire dans le dire.

Bēylul ????
Como llegas a mim ? En aide ?
vem ayudar me neste tenso,
só neste dia, sentado na place cimentée de la halle de Marseille.
un grand guarda plueij enterrado no cimento
a halle parece um templo, sem herbe, sem bu, sem água
e nisto um exemplo de senhal llega franto e lhanto
Bēylul como hétéronyme,
como tentative de nommer,
como senhal do Bouco qui tente de dire la barrière,
la perdition de l'aucèu, la façon dont la nature se bloque
à nous bey nous.

(Qual é o senhal, que não se vê, do Bouco ?)
(Stigmate ?)

Estou ali sentado estive ali tanti anni tanti
Bēylul bouchi a pensar como dizer-te maire ?
Bēylul permitia -me distância para estar
mais perto do lugar-fronteira-lengua adubatz.
lhénguas quase en péril, a voltz (voix?)
Nature?
Comme je construis la nouvelle altérée,
en domina, para com ela ?

Peligro essa ventana que deixa entrar,
não, que deixa sair, Bouche dominante,
bouche en tentative de domina,
a lléngua domini y a lhéngua en dormi
un tenso num espaço sem fleume, sem aucèu,
sem mas amb quase (une nature senza e inibée)
Lingua dominnate dort adès
(déchirure, léngua coral, neste inverno)
Tenta e não domines.

« E s'el yvern coral
es nutz ni despulhatz
las tavernas e ls datz
ne reptatz mays que re

e l senhal c'om no us ve, […] »[11]

Como se o tamis (de la Bouco)
(filtre frontière, la ventana)
fosse uma rede que en aide,
venions-nous aider faular.
Mas só uma particula fina,
quand la barrière de mon fleume
le non passage impossibilité,
La guerre (entre les espaces),
entre les bouches,
entre les tentatives de sauver
não digo terra,
quem me dera dizer Bēylul
ou outro lugar,
assigné à la mère lonc lieu, filiation.

[11]Cf., vers 53- 57, la strophe V, [voix de Gui]. p.458, [vol., 2], Tenso of Gui (no doubt Gui de Cavaillo and Falco, in HARVEY, Ruth, PATERSON, Linda, "The troubadours *Tensos* and *Partimens*"A Critical Edition, 3 vol., Cambridge, D.S. Brewer, 2010.

(Sinal de senhal) para faular
destas duas rabionnes (rabbia com regiões)
que se impuseram a me
sans que eu saiba tal razoir (raison coupe-razoir-razor).

07/11/2020 et 11/11/2020

Ce qui le Bouco est,
est filé à la boca
(Marcabrun – Marcabruna)
Comme un fils à la dérive
(Lou moutz tourne et ça devient un double différent)
(O teu tuyo neno, muino,
no rio sil acompanhado roda, gira)
A la derivo no rio sil, derivação de qui ?
Esper, espèr (voir référence)
(attente, espera, espoir
roda a palabra.
Apalavra-se o espaço.
Le loco.
Tu vais ao acto
o acto cansu que roda,
cansu derivada de mourir paraula
O que ièu – je raconte,

ce qui eu não vejo hago
o que conta é a filiação
do Bouco à boca bouquin,
ao acto chanson dialogue
Eu vi duas regiões cada uma oferecia une tentativa per boca.
Isto quer dizer que a tentativa de parlar,
faular é a forma de cada sair do impasse
A fronteira, o front onde a ligeiro déplacement serve de tenç,
ce qui tient,
ce qui tenta còr,
isto serve de abertura servia ao drutz.

Là une bouche serre l'autre,
como una plaza que fai
altra plaza, cierta, alerta.
Lá une bouche serre l'autre,
la censure envolve, quem me dera que non.
Ceindre le mot, adubatz lou motz qui semble domina.
Et l'autre bouche en quête de domina, sem tenç não quier tenç. Une bouche mont, que vai desparecer.
Rodado, une bouche Courel, une bouche Alpilles
une bouche mont, et toi bouche fissurée,
filié par la brèche,
uma crebadura,

un lanho na palavra,
lanho no dir
lanho ir.

A fronteira front servia de abertura,
de lanho na Bouco
(já se antevê o senhal)
a língua pode ficar eslengatz
quando ouvimos dizer badatz.
Je lisais la tenso
Pourque a escolheste meu mic ?
Gui et Falco…
Falco não tem língua.
Como baduas
Como falas sem língua,
tu ô eslengatz amor de
(arrachée),
qu'outra nasce.
(o Bouco se déplace – a verdadeira intenção, para
faular aqui et lay
no aqui e no lá, front de
coudre então dois lieux ?
Rioria, estáestatue...
Coudre, zurcir bouches na broche !!!

Cada espaço, lieu locatz bocatge, cada fileira,

ringleira[12] de lengas à esper, espèr para entrar na Bouco.
O Bouco se déplace, move-se e cada natura, em seu dente é
um lieu que pode em desaparecimento ou alteração faular donc.
Com bo-terre-che chuva,
amb boucheterre estrar [13]
O caminho

Agora penso em Pontevedra,
que am tant porque eu lay
ou penso em foix son castillo,
sua terra d'aur lay quando neno
e adès, desparece e adès l'endré,
o asedio[14] (le síège), o assédio
[L'assag de Nelli – aventura]
Bouco monte aucèu, fica pássaro.

[12] Conxunto ou serie de persoas, animais ou cousas, que están colocadas unha detrás doutra formando unha liña. [Source : Real Academia Galega]

[13] Estender toxo, palla etc., en [o lugar onde comen ou dormen os animais] para mantelos secos e, ao mesmo tempo, que fagan esterco. [Source : Real Academia Galega]

[14] Acción de asediar.O asedio durou varios meses. SINÓNIMO cerco1 CONFRÓNTESE bloqueo. [Source : Real Academia Galega]

E passé, e adès ?
Aquele rout drutz qu'eu fui tornando,
estradiero estra o toxo do Bouco.
E adès, elle uscit do Bouco per front,
e front est faular diverso, amb dolor,
se espraia, tu, mon bout boca[15] da ria.

Je te pensais, avant de recommencer ce ciel
cet arbre comme du camín
(amb Bouco sans lieux)
amb se placo dins la placo dis adès sem air
recouvert cailloux dru drutz já agora com cimento
d'adès bouche coulée car elle não saup vieure o que adès.
Ce qui amb le lay e aqui (tempo e espaço)
as tentativas de dizer estes lieux que são da ria, da boca
Comment te dira ?
Je te bouche te boucar par un livre, par ce livre
perTUIs, d'où, ele vise dins le temps.
E adès ?
Lanho na lengua é o senhal, o visible que se deixa lanho na ciudad
dans la façon de dire eslengatz nature

[15] Lugar onde comeza unha ría.O barco afundiuse na boca da ría. [Source : Real Academia Galega]

O espaço do Bouco
é uma alba- lanho-corte-rompe-tudo. L'espace intérieur
(Un planh sem langues dominantes ?)

Aqui na Halle Pujet,
o lieu publique deste treicho de falaur sobre o Bouco.
É neste lugar que nestas matinas venho te moldar Bouco,
ainda estou fechado, à espera de movimento,
Je se faz ainda no cap clos, la boca clausa
que se abre, mano a mano.

Outra lembrança:
Noite laranja em Chantada, outro souvenir, ce parking était plein
les coches étaient, albarroados, ninguém parecia caminar.
Parece que falas de Chantada e podias falar de outra terra.
Noite laranja, chantada profunda, foi ali, perdidos que auziguei
a rupt som, du dretz drutz, ou vento (que era amante)
o vento que ia falar com o Bouco, leva-lhe ao souflle.
este vento iria fundar, varrer o que serás,
ele trará as tentatives de faular lonc.

12/11/2020

Senhal, o sinal na língua
o sinal da gelosia (*cf*., Le Roman de Flamenca)
o sinal que conduz ao sinal da língua, a um língua alterada troublée,
por uma incompreensão- nature-homme.
Cet signal, le senhal (a senhora) de la tenso entre Gui et Falco
le senhal est dins le Bouco, altère l'intérieur (l'haleine),
l'altère le souffle, les mots.
Ce senhal se voit stigmate dans l'espace ouvert (les lieux de mon aire géographique- lieux de homme-nature)
La bouche est l'espace clos, la trouvaille est clausa, cela me fait penser au jardin, oeuvre humaine, façonnée par la main de l'homme, le jardim-le paradis- l'espace clos dans l'immense ouverture, *l'ort.*

Mai am un ort
serrat e fort,
on hom ren no.m puesca emblar
que cent parras
sus en puegz plas,
qu'autre las tenha ez ieu las guar.

(Peire d'Alvernhe, VII, vv, 25-30)[16]

Ce rapport clos-ouvert (l'espace du jardin, de la route, de la ville, du paysage issu du compromis, parfois violent, entre homme et nature) et (l'espace de la bouche, le trou, le pertus du soufle).

Locus solus (humain) *et le désir d'un locus amoenus* (lugar ameno).

(Note du 23/11/2020 insérée dans la note du 12/11/2020, lors de la retranscription)

Chez les troubadours, l'espace du jardin est une alternative à la chambre pour l'aboutissement du joi, c'est à dire, l'accouplement d'une joie au reste du corps. Si je tiens en compte l'espace du jardin dans l'accomplissement de l'acte amoureux, puis-je cette

[16]Cf., Ed. FRATTA (1996 : 42-46) : notre trad. : « J'aime mieux un jardin fermé et fort, où on ne peut pas aller, que cent terrains sur un sommet plain, qu'un autre les aie et je les regarde. » Ces vers de Peire Alvernhe sont présents dans l'artice de Mercedes Brea, [p.109] "*« L'Hortus conclusus dans la poésie lyrique des troubadours »* [pp. 101-119] dans L'espace lyrique méditerranéen au Moyen Âge, Nouvelles Approches, sous la direction de Dominique Billy, François Clément et Annie Combes - P*res*ses Universitai*res* du Mirail (PUM), collection Interlangues-Littératu*res*,Toulouse, 2006.

prolonger logique à d'aut*res* espaces ? Le *je poétique* de ma tenso n'est plus dans la, loin s'en faut, il est en plein-air (conditionné), dans l'ort conclusus, afin de accomplir son acte amoureux, l'espace devenu, ici, la DAUNA, la domina.

Stigma, en grec, piqûre au fer rouge, le sens de « piqûre » d'où «ouverture minuscule» comme celle qui est faite par la piqûre.

Cette ouverture (le pertus) invisible, le stigma, permet que la bouche humaine (le pertus visible) comprenne les stigmas (les pertus) de la nature. Le stigma chez l'homme est un état d'alerte.

16/11/2020

Pensar nos manuscritos,
Pensar na Viagem de Vigo sous pas de Codax (la mer, la voix inconnu qui peut bouleverser la tenso). Cf. la voix d'une des cantigas de Codax qui intégrent de "le cycle de la mer". Cette voix n'est ni celle la jeune fille, ni celle de l'ami à qui elle s'ad*res*se).

Pensar na questão do nome de um lugar, de um

mito.

« Les troubadours ont fait voyager leur public en recitant que les noms. »

Voyez par exemple, la référence du Roi Sage, Alphonse X :

E, poys que o Deus assy quis,
que eu ssõ(o) tam alongado
de vós, muy bem seede ffis
que nunca eu ssen cuydado
eu viverey, ca já Paris
d' amor non foy tam coitado
[e] nen Tristam;
nunca soffreron tal affam,
nen am quantos som, nen se(e)ram.

(LPGP 18,5, str.)

Alphonse X affirme que sa douleur, provoquée par l'impossibilité d'être avec sa dame, est même supérieure à celle de Tristan. Le seul nom du mythe ébranle le mécanisme d'une douleur et d'un amour impossible : c'est même curieux constater l'absence de la dame aimée par Tristan. Ce qui confirme la familiarité du public de la cour avec la légende. "[17]

[17] Xosé Xabier Ron Férnandez, *L'imaginaire et le réel. Aspects*

Un Bouco *alienus*[18]
Un Bouco au-delà de la *domina*
Un Bouco qui cherche la progression.

Les mots des aut*res* langues, viennent aliéner, faire voyager le *je poétique*. Elle font irruption par le vent, lo bent, o vento, la bise.
Le *je poétique* et la question du lai et du sai.
Cf., l'alba inconnue *En un vergier sotz fuella d'albespi* (PC 461, 113)

Quelques aspects du lai et du sai

Jean-pierre Chambon, « Notes pour l'interprétation de l'aube anonyme En un vergier sotz fella d'albespi (PC 461, 113)

[…] « l'adverbe lay « dans un lieu qui n'est pas celui où l'on est, là, là-bas » (V, 1). Lay apparaît ainsi comme un interprétant dont la fonction est précisément d'inverser la lecture du poème » (p.170)

[...]" La spécificité d'*En un vergier* tient au fait qu'il

référentiels et poétiques du Voyage chez les troubadours, p.9.
[18]*Cf.*, le sous-chapitre 2.1 « Le pèlerin », *Ibid*., p. 9-13.

remplace la réunion (passagère) des amants avant leur séparation (momentanée) à l'aube, par un état de séparation passée et sans retrouvailles : une situation qui pourrait bien n'être pas seulement conjoncturelle, mais ontologique. » (p.173)

[…] « En tout cas, *En un vergier* n'est pas un poème de la séparation, mais, plus ou moins radicalement, un poème de l'absence. » (p. 174)

Um Bouco immobile comme le voyageur
faussement mobile,
comme Jaufré Raudel
Um Bouco paillard comme Guillaume IX
Um Bouco tranchat comme Marcabrun.
Um Bouco desacordé comme Raimbaut

14/11/2020

L'entrebescamen
Les mots disent
le chemin.
Il dit le mouvement.
Comment se lier au chemin ?
Entrebescamen du cors- coeurs, corps, dans le

voyage senhal.
Dans la bouche, il y a un senhal de voyage.

La nature a-t-elle un senhal de nous ?
A “marcha” a mancha, le signe
Marchar, comme un militaire,
ou
Caminhar,
ou
Senhal (le signe à chercher)
Senhal “le nom derrière lequel la donna se cache, derrière les signes un discours amoureux (Homme-Nature) un discours, une tenço sur l'impasse.

Je crée le Bouco, un Bouco encore dominant en attente
(esper, espèr.) afin de sortir de l'impasse.
Le vent l'insuffle du souffle,
l'entresbescamen invisible qui touche la bouche,
le vent en elle,
l'arbre dans la bouche
(le cyprès, le mortuaire, la direction-mort [?] mourir, disparaître.
Le voyage est une construction de “senhals”,
marcas que caminham, qui marchent.

Le Bouco des voix (un puits de voix, langues régionales en vue d'une langue d'Amor, composite,

errante par les senhals)

La tenço, le tenç (segurar, tenir) en équilibre se construit autour de l'écho (trou, espace entre une parole et l'autre devenu répons.
Esta tension peut être en discontinuité.
Le senhal me fait penser au stigmate dans le còrs, dans le cœur.
Et si la tenço était entre le cœur (homme, voix féminine-masculine) et le corps (voix régionale, des lieux, des espaces).

Cf., la définition de « marcha » en occitan médiéval.
[Lien :http://www.domenligne.de/dom.php?lhid=4aOPKvDP2eVUvAU5pLNvDy]

manega, manga, manja, marga, marcha

LvP
s. f.
a. 'manche'
b. 'sorte de sac'
c. 'truble, filet en forme de poche'
Rn 4:145a [manga, mangua, mancha, marga]; Lv 5:96b [manega, manga, mancha, manja, marga, marcha]
FEW 6/1:206b, 6/1:207a, 6/1:208b, 6/3:330b [MANĬCA], 6

17/11/2020

Na Halle Pujet, o lugar do templo
o Bouco vinha aqui esperar espèr.
Esper dava-se no seio, dire seio,
nesta praça que uma gaivota em cima
perto daqueles e os homens que no calor
corau, calorado sabem -se cair, ali, sai.
Na Pujet o Bouco (parece uma DAUNA)
preparava-se a viaje cada seio, chaque
entre jambe em entre árvo*res* que ar rirá !
A viaje a cada paysage
um prólogo gana de ligne,
alinhar os afueras
com a boca,
Na Pujet como se tu fosses um homem de mil colunas
que ele parecia não tener le fond entre les vers
explosés como um tapete ele saía.
Cada Pascor, na pujet atiendo, uma peregrinação
viático entrebescamen du corps coeur CÒR
entre collones entre ALGO.

O epilogo é sai lai, como tu.
Bouco ainda por vir tenç, tenç tenç (tiens) lay (segura) sai
lay carrièro por onde foules

uma halle prólogo, adès,
la présence d'un senhal, une eau.
Ali, sai, sem nadie, tenç lonc,
diatopique, que faula toutjours, quotidiano
la DAUNA est cobla
la DAUNA est sous terre
la DAUNA est, au Pascor, ce qui brille, l'espace.

Le gué fenestra
vai a caballo querido joi disto tudo
deixa que o motz se tombe do chivau,
deixa sair, uscire le sens
Vai onde?
Murmúrios, parlers, diatopiques.
Tu sais le lai, e cantas poujado no Seuil
o fenestra, pertus
Somos, adès, clos de um caminho mental.

18/11/2020

Na Halle Pujet eu inverso (invoco?)
que naquela fort viaj em sai
viaj (viatico) do sai ao lai
que la praza muina como o Bouco

Na Vigo
Na Alpilles,
Na Ribérac
tantas DAUNAs para
a força da toponymie que faz do lay um sai joi.
E que o inverso sert à te connaître

Na Halle Pujet,
já eslengatz pigeons
entre colonnes brisés bocas entre
entre amb un manque d'arbol não é,
só auzidar pierre
les pigeons aucèus volent
les oms esper sans espèr.
Et ils disent aimer amer humide

Na Pujet,
adès, esse air
Tu es adès un poeta a dois Boucos.

Na Halle Pujet,
um aucèu transportado
Veer o verde que lay havia saltado
badatz, ó còr coralment le tudo.

Na Pujet, adès Badatz

Na Pujet, tu gridar para que verde

ce senhal, tornado lenha, lanho
que te procura, meu còrs procura auzidar.

Na Halle Pujet clauso vergier,
où un parapluie de honte couvre
tudo ce sens ému
está para o Bouco impuissante

Na Pujet, o Bouco pigeonne
(enfantin)
a lenga dos autres.

Na Pujet, o verde do texte à venir.

Na Pujet praza do meu prólogo
sans clos
llénguas vêm-se, jeu de miroir.

19/11/2020

Na Halle Pujet ainda
que tu sonhavas meu ar
que se say sabido meu ar
não toca a palavra do Bouco

Front (um dia vais passar, mas agora és clos)
como, conno, conno-sseinci
que um dia Pirenéus outros monts saídos do Bouco vão
este prólogo criarde Na Pujet
temple de gente eslengatz, mais molto velida
Na Pujet, praza, que me lleva a Pontevedra,
Pero Meogo, onde estás ?
Enas verdes ervas[19]
para as "liar", entrebescar dos cabellos,
de pontevedra praza de pierra a praza da Pujet.
Atar os lugares.

Entrebescamen
para que a croisade de adès (insidiosa caminha de guerra)
fique neste tenç tenir
abre a mão, deixa cair,
não tenç tal, écho blanc, écho noir,
entre cortado, tenç um liar, atar de dois luga*res*.
para que a tenç fique ente me e te
En Pujet,
Na Pujet
Na Vedra.

---

[19] *Enas verdes ervas* de *Pero Meogo*.
Lien :https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1218&tr=4&pv=sim

23/11/2020

La féminité textuelle,
La féminité génétique.
Les voix des cantigas
(*cf.*, p. 48, Pierre Bec, *Chants d'amour des femmes-troubadours*, Editions Stock, 1995.)

La tenso, peut, elle est
réele et fictive.
Duas vozes surgem no prólogo
surgem pelo ent*res*becamen,
surgem no espaço de duas colunas
(NA PUJET)
Espaço clos e aberto.

A vox feminina inventada ou não.
Amoureuse féminité gérée
elle, eu, lance l'assag (l'épreuve amoureuse)
a voz feminina é o poeta que escreve que transpira
(voz, voix)
Le je poétique est en assag, l'épreuve de l'espace.
L'espace est lai, é front para atravessar este lay
aspira toca o insaisissable fica (errar, tenter, trouver)
Voz dominante, voz dominada, l'assag est ir além disto.

Qui est qui ?
Qui et où ?

Ubis sunt
Les traces de ceux qui sont passés ultérieurement
S'ad*res*ser à qui ?

Le paratge des voix ?
Le paratge des langues
Le paratge nature homme
Sans mezura, quelle mesure ?
O bien aimé ou le lieu aimé
un lieu de prog*res*sion, où,
us estão espalhados
Le je poétique na paridade (partilha)
est un homme,est une DAUNA (réunuit tout en lui)
selon l'espace, les circunstances du lieu.
Le je est l'espace
Na Vigo, Na Santiago, Na Crau...

24/11/2020

Conversation téléphonique avec Guy Mathieu

Ode au Calavon - Oda au Caulon - Guy Mathieu

Poème bilingue - Photographies de Martine Grégoire
Magnifiquement accompagné des photographies de Martine Grégoire, ce poème à la rivière enchantera toutes celles et ceux qui aiment la poésie de l'eau qui, descendant des montagnes, court dans les vallées. Le poète parle avec sa rivière et nous fait tout à coup participer à l'intimité de sa conversation.
Chaque exemplaire est unique : numéroté, signé par l'auteur et la photographe.
Un épervier sans plus porta.

L'aucèu libre, 2017.

« Le **Calavon** est une rivière qui prend sa source dans les **Alpes de Haute-Provence** (autrefois Basses-Alpes), traverse le Vaucluse, et vient se jeter (après avoir changé de nom) dans la Durance, à hauteur de Cavaillon. Après une course mouvementée dans les gorges d'Oppedette, il prend son aise dans la vallée qu'il a modulé au cours des âges à l'ubac du Luberon. C'est là que. les Romains ont créé la voie Domitienne qui longe et traverse parfois la rivière, notamment au pont Julien qu'ils construisirent sur un socle rocheux, à un endroit où justement son lit se resserre. C'est à partir de là que le toponyme Calavon se transforme, et

devient Caulon (Coulon en français). La ligne d'isoglosse n'est pas nettement définie et certains la situent symboliquement quelques kilomètres plus en aval, aux Baumettes, à la frontière historique de la Provence et du Comtat Venaissin. Force est de constater que sur sept ou huit kilomètres en dessous du pont Julien les deux formes Calavon/ Caulon (Coulon) coexistent. »

28/11/2020

Descubro
le grenadier, a romanzeira, do romeiro, a árvore
peregrina, do caminho.
O amigo grenadier.
Sob o grenadier.
Cf., Bailade hoje, ai filha, que prazer vejades,
de Airas Nunes [B 881, V 464].

Il y a un dialogue entre une jeune fille et sa mère,
l'ami se trouve sous un grenadier (v.14).
La grenade, les figues, arbre, mouvement,
le cyprès (la mort pointue ?).
O *locus amoenus* é cada vez menos,
no meu carrièro estou pela à la fenestra, ven,
perto há no bout aucèu barulho que tu,
eu auzigo (uma nota) na fenestra

N'fenestra auzida que regarde vieure
Sob, sous grenadier ami,
se és fust, pieu avec vie
chaque colonne Na Pujet praza
só ciment e gente perdida nel
como?
O Aucèu passe o fust, só há isto
fust, fust fust, fustigado
o aucèu treiga do Bouco Algo-
c'est Nostos le pas
regresso do Bouco dos topos el viaje
Murmure sibilam los aucèus
ciudad de pietra
veijada ella d'vent,
ventanada quieta
lo culhir fruich picorado
a Bouco fica bec (devenir devir animal)
sob o arbol, fruit enfoui
ao romanzado temps
dis-parace, dis-semble
dis tort
Quem?
O Bouco com fust, sem arbol dis semble
o fruto crente mordido
eslengatz vengutz
de la coita mar cerco figueira
perto da coita mar,
tornado tu lausengier,

gelos contre a coita do luoc
luoc Bouco sem bec, sem.
Qui est le lausengier, lonsengier ?
Pássaro, praça, fenestra, o pertus,
o Bouco... qui?
O sem-árvore, o sem-nature fica losengier
arrebata.
Le lausengier, o lonsengier, a linsoja, o trompeur,
o que se distancia do bec

29/11/2020

(o encontro com a DAUNA)
Lembro-me daquela DAUNA
ia a salir, o mar salido, aquela DAUNA sit
assisse DAUNA n' carrièro está parei e vi
viure je aquela DAUNA velida mas tranchat
différente velida aquela DAUNA
sous bâtisse un grenadier sembla
être sob je, eu grenadier perto.

E el, senhal assis, sibilou
dizia-me que le nom, seu nome, não nadie
sem levantar, las cambas, par souto, não há,
sua lléngua de N'x está escochada,
como a castanha fuera do ouriço.

Lembro-me da DAUNA que pode dançar, bailar
pelo mar salido, e esta
N'x ne peut, l'assisse faular
está presa ao luóc
démuni, a saber que luoc, traz coita, coitamour
no estiu et no Invern.

Uma árvore, grenadier, debout escoita
exilée cette DAUNA lay no coin
salida o quê?
Ela DAUNA émiettait du pain,
vestdia de mulidos
pain cani aquele sol
e que je demandais aquela DAUNA,
eu chamava a sua altura o seu regard
contra l'oeil contra o
perversso coeur j'a comido deslavado
ela levanta-se debout elle se mercê DAUNA entiére
e lo aucèu s'envolent regaço, aquela DAUNA,
dévoile.
Que dérrière son cairo (visage) (cara) louçana

La voix s'adonne
au quebranto de ver o luco tel qu'il est,
o luco já não o jardi clos, ort coeur quente,
o luoc é perversso e o aucèu lenguagtge lati loro
aquela DAUNA lembrou-me eu em min, eu ti,

no pertus da parilha, onde eu e tu, no pertus do dialogue.
Que le paradis, solution nom, avec et sans solution
sorti de ce jupon mulido vi saía o aucèu panis canis
e aquela DAUNA aux yeux do nero certo nero dur
em biais, em bisel aquele salut d'ailay sorti adès,
em bisel a volé hasta port, o mar salido, a coita
DAUNA do louc pervertido.
Le mar le céu, le tudo aconteceu adès eu N'X, sem detz,
sem pertus vulgar, pela faula.

30/11/2020

Ce qui est arrivé à cette DAUNA et à son aucèu.
Ici il n'est pas langage (le loro lati), il est l'ami
qui aide la DAUNA vieure elle já fatigada , stanca sem stantia
do sangue que não vê o aucèu sort-d'ort intérieur, paradis invisible ?
DAUNA, o teu olho é duro um puits do qual sort
velido DAUNA numa veste, elle émiettait le pain de vie
para que se restitua o paradis, o ort sort, do conclus aberto
a tua DAUNA não morres!

Vid, hagia vida

09/12/2020

Bouco e DAUNA (la quête da alenada)
DAUNA e aucèu (la viaj interior, sort o aucèu, d'ort)

Criação das tensos:
Bouco cyprès
DAUNA Aucèu- ascenção o aucèu sort do regaço
Bouco DAUNA- enfermement – o conclus, a raíz no fundo le désir
Sai Lay- o movimento do mar-
Bouco Boca a llénguа que salva, salvis o ort
Bouco Communauté

O sentimento da coita na relação com o mar
a coita do mar
ir à Ermida de São Simão, que o barco te vieure
e que la nau te fala oh Simion- (*cf.*, a cantiga de Mendino)
coita do mar coita d'a mar

O *locus ameonus* ne serait pas seulement intérieur,
passa a ser objet de désir ce *locus* que fica *ameonus* là no ort
dins la DAUNA, que é dizer dins ce lay sai que é o mar.
Le mar mer : sai, lay (ir vir) mouvement perpétuel de ce gué
ir-veer, o faula écume, baila, codax, mendino e todos.
Que a DAUNA (le désir) espera que o locus fique say lay.
Se say e lay, a Bouco nascido no flume sil.
Amigo em lay com a coita,
invadido pelo viço, desejo DAUNA de vieure ir-veer-vir
o lugar de encontro do Bouco com a sua alenada
l'objet désir, fica, quer sair.

O Bouco embacia,
la buée de ce progrès, abala, fala, chute sem modos
O ort fica trouble, e auga, mouvement perpétuel, envolve a DAUNA désir
no lay e say que o Bouco compreende como terra.
Lugar de movimento, como se encontrar, duas ragionnes, duas razões, duas regiões, duas lábias faladas?
Estático e dinâmico, cantiga de santuário, marinhas (movimento ir -viir, como as ondas). E quando

Bouco espera a DAUNA, a sua alenada, a sua
ragionne, encrée à região, como ele esperar.

A alenada do Bouco com a DAUNA,
faz um banho na fonte,
o ort está molhado,
irrigado, terreno en pente,
uma levada que leva DAUNA ao Bouco, Bouco ao
DAUNA,

15/12/2020

Voyage Minho – TUI – Valença

1 fronteira atravessado
a lua, e aquele camino
ó tomino, o teu, a paisaxe
atravessada aquela ponte
se o Bouco estiver em casa?
Chegada a TUI – Valença
rio mino separa (o rio mino o TUI faular)
A Porta Pia (sinagoga)
o espaço (lhovido) de uma
fronteira, duas ciudades
muro contra muro
o Algo, a primeira incursão na galicia

A lhuvia neste Bouco
Bouco na Porta Pia
tomado o auga de lhe certo
passado no front, a pedra já batida

E que quando o Bouco puderes
no pátio seguro, quandó ó Bouco
souberes faular tanta tanta vez
TUI front passado

A lluvia dos fala*res* ouve-se o sino
e quando duas ciudades lhe xeito lhe intenso
lhe tempo.

O rio lhe entra faula xeito
tudo o pátio moxado auga Bouco

E quando tu faulas de um temps dins
a paisaxe liga-se a TUI pont se fruit
espero o neno sou o neno

Acostumado ao TUI rive de duas as mais árvo*res*
a aluvia fine grise na igrexa adormecida TUI
e algo paisagem adormecida
que lhas com xeito de faular duas ciudades liées ao certo
minho de.

O Bouco fica ali camino
o mino a mina como
apartenido ao mino soube

e esse fadio temps al ento
ey vi qye tu lhamido o teu
TUI umha igrexa Bouco
ort leve do Bouco uns
contra os outros aos pueblos
e cada vez que lhe lho anto (le lieu) entre
dous fronts desaparece TUI
e valen, valoroso valen tenç
duas margens, dois minos
augo ali no mino e aquele lonxe ao ar
o que se diz bo, bo, bo dia o ar quando
vi la puerta RIA, o dins temps, o camino,
o pé, o brazo, a cap solar no mino bruma
d'estiu sons o incipit a ria ao longe, a DAUNA
submerge, ao longe, o sil, o courel, o mont aloia,
tudo lhove acorre.

O Bouco é linguaxe
o pátio da porta pia (banho sinagoga, banho ritual)
na porta pia,
na estrada per Valença
linguage lhena de cor deuses o rosto o caro daquele
tins

galai, galicio, ledicia
eu neno, eu neno
minho
TUI hoxe um bailado
baila minha a, toja, as medras, o musgo
a muinheira na calle tan suave,
Pontevedra estás?
Mio lhano fuerte azo, aço assan, o drutz mino
que se impõe entre duas DAUNAs fortes
e atravessadas pola primeira vez
Picis peixe.

Ares de Raya de João Verde

Algo depois de TUI ele passou a ponte
que tu fronte ligas e assim, incómodo Jaime
prepara-se para atravessá-la.
Seguia o tempo, as nuvens, cada pedaço do céu
encontrava-se lento bem feito na estrada.
Cada pátio, sim, pátio de Simão, a Porta Pia, a
antiga sinagoga.
Jaime, tu eras o bulício da rua, a tua cara, a tua vida.
Depois de duas horas lentas na ponte,
vejo o ar, aquela ponte entrelaçada que as liga.
Como ouço o poeta
Vais ali aliado xunto às duas rives
que caballo de llhuvia
e auzir jaiminho das núvens

jaume jai o Bouco saído
cada eu a sair. A nuvem
Eu passo lento o prédio da frente,
o quiosque do Faro de Vigo, a biblioteca Rosalia,
Castelao tantos letras que nós Aulme podiamos ler
Meu aulme moite
éloge certo de vid entre duas
rivas de tanto cheiro je sens
ô Aulme N'aulme tu voix que eu N'Porta Pia
(TUI na Porta) e aqui ?
N'Aulme carrego cherche os poètes o
entrebescamen
de mati.

Penso em ti Aulme, aume, baume, ai*res*
como TUI chamava o lha de frente aquele bloc
o certo nada, o res, incauto, a ponte duas rivas
eu fiz o caminho
mil veces tres mil veces meu Aulme de matin
grivrado
encore brise se está permanece tan fuerte que ele o
minho, TUI
o air contigo Aulme o rio lhuvio dau-se DAUNA
e tu queres tanto dizer vivir o tojo o muino pola
mati
penso em ti meu fulano estradio o que te na Ponte,
Porte Pia
esfrega até que o pátio irrigé as pisadas Aulme

e eu DAUNA a morrer Aulme já sem xeito te chego ao pied do Mont Aloé
o desastre da mort non lie as duas rivas o Aulme
dirxe saído Bouco parece ouir auzidar a tua façon a tua tristesse muina a tua poesis far que le

De matin mati aures ora sem llente, sem blé que as rivas espèr.
De manhã, repito, o Aulme fome procura o casadio livre o vai vém das
o sego so daqueles mêlés AU AUGA Aulme cherche les poètes a far tenç
carregado na uiv, branche,
e o caminho haste branche dos dois lados
e o pátio e confronto DAUNA (nunca morre !) que se infiltra ó DAUNA ó drutz
ó aire ort protegido, TUI ort, mui minho, que tu
tudo ort aulme je te hume
De manha adubatz o qualquer sentimento ele
sem ti mei dicir o saber dá aulme
a DAUNAe tira DAUNA
que o Minho espere nas suas
rives adès brumosas
encadeadas chaînes de front uma à outra
rioliço reboliço do meu Aulme.

O galeginho tempo sabe-te, protege, adocica a TUI moite

sabe-se te aquia tua moite. Esta lande acoite coita serena
que faz a DAUNA inteira,
A DAUNA ESPACIA
Conheces o açoite na minha terra quer dizer quando sabes que tudo
se inundas a fachada do mot, se não deixas o pied brigadier bater
o galeginho, ancré no aulme não daune.

Que o sossego de TUI, o pátio, banho da sinagoga
aqui o banho, li perdido o sossego
d'auga no meu café tomado com tanta galeginho a penser
si un jour la lhéngua DAUNA espacia que o o banho lhe entregue.

Eu olho e vem o biscoita, de dolor, entregue pelo Aulme serveur,
qui se prête à une coite partagé, arauto, tout jour mêlé, augo, a servir
Eu olho ao redor, faz-me aquela DAUNA tudo é
achas que lhéngua non?
O amour sobe pela torre torreão dins igreja Sé de TUI
Pássaro obstinado rente peixe d'auga cel
N'Aulme o peixo écaillé (sem escamas) sem auga redondo

calvaire seco N'Aulme bano no pátio de TUI.
N'Aulme no ort deteriorado, o aulme já lagado
as bordas do rio cansadas.
O pássaro de vida
Uma casa,
Rua Páraco R. Vasquez, localizada à frente do
Albergue de Peregrinos

16/12/2020

O Aulme está e vai atravessar o minho
O jai, outro cordão, está alino rio Aulme é um
enquêteur ?
Poeta aulme que um anjo se trasnfere para outros
muinos
e outras convivências, o aulme está xunto aulme
amical, o almenara
A luz do farol que brisou o aulma estado o seu
A luz que leva adès adès o Aulme polo muino
manana
Pola Sé, passáro no oculus lux,
cada mot o auzidar de cada mot é frente
e invade cada ciudad
é o traço do seu rosto caro
pola manha pola mati
rastro caro dins o temps o aulme é um longo tempo

que polo mati
atravessa o Minho
atravessa o poema dou minho, como um mistral,
ô rives ali adès pola manha.
Maria do Cebreiro (poète)

Fui ao minho querido
sái dança baila alariz, o bailarico
a sua brisa

O seu far gado está a entrar
não o tue a sair como aulme
pudesses tu a sua brisa

A sua fala além minho
a gada fada je ne sais si tu aumes o viço
pudesses tu auzir a brisa

Fui ao minho o sueno l'auga e tal estradosabido ele
dá-se ao seu mino
e que la convivência que é um banho de duas rivas
Viço a brisa

O banho onde, meu martinho TUI, surgi
ô onde que pola parece,
soit o teu espace o TUI espace
Aulme, Aume,
Aulme saído les deux de une vaste

amical, amial, amieiro,
l'arbre está présent
et l'amial est présent
e o Aulme ele est là
ao lume, os dois Aulme e DAUNA, já dins, dins
um no outro, lengas entrebesacdas.

O banho da convivência, fui ao Minho porta pára
e aos canta*res* do Minho que pola manha, auzido o
dauno caminho.

Os sinos tocam no banho
quase à fondre, sem convivência,les cloches,
entrebascar, o sino augo.
O aulme auzida sous,
pola manha segue-se os sinos que de um lado para
o outro ecoam marcam manque la convivialité que
pola manha marcam o dins le temps de antes .saí e
lembro que o corps da DAUNA.

Lengas entrebescadas, já feitas, faites dans ce bain
dins le temps, que montre le temps já.
Aulme está no bano
aulme está na chantar
ele procura o hume da sua DAUNA
DAUNA minho a rapaza au lume, a rapaza que faz
lengua no dins le temps,
a paisaxe, a DAUNA espaço, o tenç que fica ali em

forma vir.

Queria que viesses!
E não vens,
Queria que viesses e não vens, meu espaço
llhénguas que *res*semble à escaleira da triparia (TUI)

16/12/2020

Livros encontrados na Biblioteca de Valença:

"III Colóquio Galaico-Minhoto"
Livros encontrados na Biblioteca de Valença
Viana do Castelo, 28-29 de setembro de 1985
I/II volumes
Editor : Câmara Municipal de Viana do Castelo
Composto e Imp*res*so na Companhia Editora do
Minho S.A, Barcelos.
Viana do Castelo, 1994.
Depósito legal n.º 71 225/93
ISB 972-588-058-7

(Artigos)

Volume I
"Terra, homes e tempos, San Rosendo e Caaveiro.

Pequeno Cancioneiro do Santo [p. 193]

Volume II
" Um cantar de Rosalia de Castro num romance de Eça de Queiroz" [p.531]
"Algumas notas sobre o Cancioneiro Chinês de António Feijó" [p. 493]

17/12/2020

Há neste mino
um air ar de brisa
que se foi ligação
vestuta (vieja) cansu
e que nesse minho
que aveluda o seu Aulme vai atravessar
A escaleira da tripeira, lieu das llénguas
que escorre
E na vestuta ciudad de ter aquela cansu
o cheiro da brise
o minho cheiro
o animo do cheiro
ali, TUI, a sua, o seu
o Aulme vai a passar perto o aulme , árvore, double
é assim,
pode parente saber destas dois, são canta*res*

são xogra*res* do rio
um hort conclusus que vai abril, maio, e pascor abrir-se
O Aulme vai enquêter, ver a biblioteca, sempre pensou
que a morte da DAUNA viesssa na Galicia ser cantar.
Vi a caligrafia do Uxio, que
Nunca eu fun como te amo

Leitura de Xulio López Valcarcél

"En voz baixa"
Obra poética escolhida
(1979-2005)
Edicion, selección e introducíon de Luciano Rodríguez

" Non é un libro de amor cantado desde a ausência da amada, anque tena, é certo, esse tema como referencia. E um libro que quere afondar na experiencia, común a todos os homens, da perda"
[p. 25]
Cf le poème "Solaina da Ausencia" [pp. 73-75]
"Casa ultima" (2003)
p. 141- 142

" Casa nai, casa claustro"

“ A Nai retira as últimas cousas”
p. 166

“Cantigueiro Popular”
Marcial Valladares Núnez
Píblicacións da Real Academia Gallega, A Cruna, 1970
Depósito L egal C-186-1970

“Tensíon Nunclear”
Xésus Manuel Valcárcel
bubela Editorial
I.S.B.N – C 2364-2007
2007, Santiago de Compostela

“ O Aulme está de
manhã decorado
com o rio pertinho
o pont sobe-lhe o
xeito, pelo genoue
e aí o Aulme ainda
a ver o mont aloia
que se quilla.
atopandose
o regard regaço

a liberalidade (libéralité)
do rio que se colhe e colle-pega

a tua muineira que não sabe ainda
que fala tenç
Na praza, o Faro de Vigo, se dá o xeito
todinhos sentados em torno da casa claustro, casa
nai

Na praza do meu Aulmo
TUI que lhe traz amor
a praza del cuidado coita
muinheira, muinheira
giscla, eu o sou o rio xunto,
xunto auga aucèu Na paxaro
auzida, eu escrevo a auzidar
com a direcção para o rio
O paxaro o muinho ó aulme alay
já lonce o neno, nom se vê
a DAUNA nai navega a sua douçura antiga nai.
No Monte Aloia urxe urze o seu som, o trabalho
do Aulma almar à trobar as duas rivas lon lan laysa
o paxaro do loro lati
no monto aloia o aulme tan almoroso Bouco souto
couto
duas rives sempre nai nau a barcarola, a marinha
o bailar sem fuga.

O Aulme é um neno Bouco
foi tal que o minho
o muinheiro neno acabado

o neno que neno Bouco
still neno agora rebelde
adès, o Aulmo augo no minho
espèr a casa nau nai paxarinho
a casa é claustro de (Valcarcél)
no meio é casa amic garric
mancheia d'aulme
llevada pelo rio
DAUNA sache-le bien,
adès no meu camín a DAUNA
sem claustro nem cyprès, nem morto
sem mortes, anar.

O neno a fina fleume
neno muinho à beira
do fume a DAUNA
aimer se par elle entrada a nena , néu,
na forma que é Bouco, neige,
sabe, soube, loro, louro lati, sabe soube a teixo
a DAUNA, alay, ali, escoitava , coita ou viço de faular
e isso o minho fundo perguntava
o neno double
flote doublon
le flume, alay, ali, acolé certo dins essa faualação
xeada lhamad de vent.

A Neve de Uxio Novoneyra e a “neu” de Raimbaut d'Orange. A marca na neve, le senhal e a neve (*cf.*,

"La Fleur Inverse" de Jacques Roubaud).
A Nai/ néu/ a barca, a neve"

O Neno Aulmo (amial?), saído do teu, caligrafia de um nen, ponte estrada, a tua enfance neno frontière com amb lléngua amb la (descubro o Uxio Novoneyra)

"Deixa o teu lugar de honor porque a rota mesma o é" (Rumi)
(frase que inicia a "Arrodeos e desvíos do Camiño de Santiago e outras rotas"[20]

Ver a *Boca do Couto e Parador*, na região do Courel.

Rio Miño vai caladiño
amo*res* de(amos) ambos, com

07/01/2021

Entré na doce Victor
Espal, e esse céu a beira

[20] Uxio Novoneyra, *Arrodeos e desvíos do Camiño de Santiago e outras rota*, Edition commemorativa do Dia das Lettras Galegas, 2010.

Jean Pierre le gardien porta portaille il est

Baile haja galícia o teu martir língua
e aqui bajo Na Victor há uma construcção
Hélène carrièrre, une belle aux haillons andrajos
Cor com pluma, se tu soubesses,
LEIS, baila no baño
TUI, massalia, a tua costa rio fleume
J'arrivo
LEIS baila DAUNA assise gît DAUNA, se fosses trobada.
Ela está com o bijou no detz et no front enflé ai que céu,
O seu tombeau dreit pur rien, ele sabe a sua forma,
a sua vontade e o amou que lhe imper céu flume.
E o se o vent dau na terra ? DAUNA *res*te jauna?
vim dematin e no seuil, jean pierre o guardião,
l'ampoulle camba, altera
pantocrator simples de um céu de pedra, adès
ue la cloch si oui, oc, cada cadeira, cada mártir cada tombeau
dins eu subo soient, cada a la DAUNA comme Pascor.

Na Victor
como *fin'amor* jauna femno va venir bague au detz
croix en or, ela esper a melhor ciudad
Quando entras a garrigue au fond baila a cantiga
(l'espace)

que a mociña a mansiña dort, a DAUNA no céu,
poesis pascor adès
jeune fille, file, fila a DAUNA espèr na mati
e a ciudad eu viço pola matín o seu quebranto
aucèu saído.

Vais filmar o tombeau ?
Que as hé na matin
ombo, ombre, on,
ombobré a luz que sale do Caro,
ela DAUNA o or no caro
trovado na festa, fenda, feste.

Je vois une main
(canto su périr esquerelo)

Procurar la jaune fille a DAUNA vai a Pascor
vai a Pascor onda Pascor

Bijou front aucèu ombre bague detz
tombeau jeune DAUNA
Na Victor.

07/01/2021

Leitura de Privat “Alenadas” “*Res*pirations”

los aucèls
dins lor
fenèstra
dessenham
de linhas

i rapetassam
lo
vuèg (vide)
s'ienganan
tas
masn,
p.23

Cant vengut
tropèl
de sòmis
bascledas (clôture)
desmesidas

aquò s'un
marmús (murmúrio)
luènh (longe)
entrebescat" (enchevêtré), (emaranhado)
p. 27

lèu
lèu lèu
lo viu
de
l'èr

Traduction :

vite,
vite, vite
le vif
de l'air
p. 31

enlòcm endacòm
nulle part/quelque part

aure dins aura

Traduction :

l'arbre dans l'air
p. 37

Référence au Bouco,
à l'ouverture du Bouco bouche

l'alen, l'air mêlée
entrebescat, soudain
la tenç (tenir) empieza cap de cyprès
ou autre entre lèu, a DAUNA vai viure
amb alén pascorada, aure a espera.

D'autres *Alenadas* de Privat

L'iga - auga
le ravin-l'eau

le garric[21]
p. 57

une aura caluga destruca l'aicí, las èrbas s'envelan
entre los garrics descimelats[…]

Le *pertots* (partout)
l'*aurassa* (le grand vent)
L'*ara* (présent)
buf (souffle, bufar)
talent- (faim)[22]

[21] *Voir* le mot *garric* dans la lyrique des troubadours dans Elisabeth Schulze-Busacker, « En marge d'un lieu commun de la poésie des troubadours ». *Romania* 99, 94, 1978, p. 230-238. Lien : https://doi.org/10.3406/roma.1978.1923.

[22] *Voir* le mot *talen* dans la lyrique des troubadours, *Cf.*, la définition

Penser le rapport entre la bouche qui se nourrit et le désir
(l'*assag*)-épreuve bocal (de bouche)

Privat – la Grèce, les mains, las velas, (lieu)
plusieurs lieux.

Talhs
Talhar
Cortar.

10/01/2021

O Faula protect,
a cena que a luz, vinda do miño, o que DAUNA,
estava a vivir ?
São longe lonxe.
Ele, tu, ó aulme, ó almo, ou outra árvore arbol

Mistura a sua canso que o Aulme estava sentado,
Aulmo – Dauno que o amigo

---

dans le DOM.
Lien : http://www.dom-en-ligne.de/dom.php?lhid=94SjnaxcWcvwIAKVA7Fra

(a DAUNA Aulmo – homeme – mulher)
que o amic, garric, enic, vengutz, caro, bailar.
O que amigar, o aulme sabe da puente.
A puente molle,
O brouillard balar assim,
o que va et viens, as ondas, diz saber o que vai vem
e assim o DAUNA submerge (San cremenço) e o
Aulmo aparece au port de massalia soudaine
(brève)

A sua canção o seu balar faular
o que de cèl ele não saup marcabru, auzel
o dreit rien *res* de rodar aquele
céu aquele prado e aquela ruta
que na igrexa de TUI (fleume)

O Aulme donne maire mer
voltado pé ali lay e say balar
ce pied plusieurs formes.

Adès o Aulma está na igrexa
ce qui est vid lo ram a sua
Ilh fica jauna, DAUNA,
O aulme à procura do igrexo canso balar na faula
luòc
Adès na igrexiña alay
route alay pied a balar
Alay Bouco

O Pascor ainda non est
ce qu'intéresse :
o Pascor não dá, ce que faula la bouche igrexa lhena,
ce que je te dis :
igrexa o Bouco chant bala amic air sous le garric lhena,
la jauna tombe adès baila, ressuscite, sous l'amic.

11/01/2021

Cantares gallegos, Rosalia de Castro.

[…] *E tal medo que puñeches que xa d'aquí non saíra sin levar santos escritos, medalliñas benditas num lado do meu xustillo*[23] *xunto dunha negra figa*[24] *que me librasen das meigas e mais das lurpias daniñas*[...]
p. 65

Referências às ondas do mar: ao ir e vir
(lay – say)
(mouvement de l'amour ?)

[23] Xustillo: Antiga peza de vestir interior feminina, sen mangas, que cinguía o corpo ata a cintura. *Cf.*, la définition dans le dictionnaire de la Real Academia Galega.
[24] Référence à la *figa*, mouvement présent dans le bassin de la méditerranée- mouvement lié à l'idée de corps fragmenté.

Cantas os galos pró dia,
érguete, meu bem, e vaite
como hei d'ir e deixarte? […]

- Meiguiño, meiguiño, amigo
meigo que me namoraste,
vaite d'onda mim, meiguiño
antes qu'o sol se levanete […]
p. 68-71

Penso na LEIS subergida,
na nau que vai chegar a quicòm mar, rio fleume.
Digo auzido que unha femno espera,
atoupa a auga lhegada, a muiñeira fica em dolor,
à espera d'auga, que vai dans le fond.
No centro (da dor?),
d'aube nuit – rupture – desaccord, a auga sobe,
faular en cima, comme une couche d'eau haut
deu-se adès a mariñeira, à esper que a sua luz não apague
Quando aube o Bouco vit qu'auga peut entrer,
o som de la muiñeira, moedeira (dolor), o Bouco moído-muiño
faula a paisaxe despera- anticourtoisie.
En san Cremenço, fuit le regard, DAUNA me vois toi em…

Vou-te a cima Caballero a ti leer,
a auga vai e vai viens viens ao redor d'ermida
estampida (a rima?) que ollo, viejo, muiño
almenada,
que dispersa.

12/01/2021

Quando pela mañana,
o rolar d'onde comme auga de se
dolor e quando auga
está tan près que pai le
mati, loro trobar, o nosaustre, o nosso, sabes, ele
trobar é comme auga está ria
esse auga qui me submerge
La figure de la DAUNA dégénérrée
parece que viaja de la Galicia e polos santuários
cru l'auga costeira a querer submerger
toba mojada o ollo e as frores mojados
pola mañana há uma peine vengut d'un estíu
excessivo
qu'auga evaporada as veces, veias, non ccoutumes.

Aimer o paxariño que canta auga não xeito
o marulho bourdon né,

à l'aide, à la main qui parle
(dans le tombeau de la dòmna,
à l'*Abbey* Saint Victor)
qui bourdonne,
já quase mojada entera pola auga DAUNA.
E a casa é nai, casa trobar clauso.
Qu'anau (DAUNA+anar)
Que daunir(dona+ir)
Eu Bouco muiño voix
ao sein, mancheia, sentimento de ballar,
presque mojado,
auga agua, DAUNAr, aller, colladiña.

A Muiñeira fica moedeira, algo que se aparenta ao joy.

Joy revestido camuflado, branche, ramiño d'um quicòm prado.

Quando anado a TUI, N'a TUI, o pretz, paratge (la parité) estava lay ou say ?
Dis-me o que eras?
O paratge entre deux rives, progression e o límes em moedeira,
sem mais senhal, sem DAUNA, sem anar, móvel, être rodeado d'auga.

14/01/2021

Train pour Paris

a nau au lonc
a nau au lonc
baila, muiñeira a moedeira

a nau au lonc
sabe que o teu Bouco espera
baila, muiño, o grão a moer

a nado au long
avistada para sensuelle bras baila
o teu juòc sans joy e nadie avisto a nai vou

a nai nado au long ce lonc
a que amiga faulas, o paxariño paisage
espèr a bonne nai
clautsro ort, conclusus, lhe trobar ouido, a nai eu
sou amigo

a nau au lonxe
a sua amiga vem traer
espèr ô plueja a nai ap*res*sada crachin

au nau au lonc

qu'oc fica ollo
atopa au lonc a nau navega
e perde a muiñeira e faulas
baila a moedeira
eno, tantos luga*res*m como um joc num joy.

Joc de lléngua
que jadis,

outroram fasta, lhena
adès eu procurei o que um changement se pode auzir
pola Bouco aguardado Na Bouco lugar
avista, almeineirado
torre, farol, lança vertical, cyprès contundente
hermitage de Bouco
o que faz le schènma ;

Bouco-cyprès
(ag*res*sion homme, intrusion, anti-courtoise)
Le Bouco est le lausengier

DAUNA -aucèu (ascension sort du regaço, vers l'haut, auga acima)
DAUNA ou DAUNAr ?

Bouco-DAUNA (le Bouco ag*res*sé, o conclusus ele fica, no ort ele troba da DAUNA já jauzida (morte ?)

Sai-lai (le mouvement de la mer- las ondas do mar (tradição galégo-portugaise) et alendas (o buf) da tradição occitane- transmissão

Bouco- boca- a lléngua em rupture, dominante-dominée, bifrontisme- o *res* de Guillaume

Bouco/boca- communauté l'attent d'écho

Alguns aspectos :

- alenada, buf, souffle, haleine, hálito
- paisagem-paysage- senhal (no tenso fazer referência à paisagem, é dizer senhal, estigma, tâche,
- O N' ou Na- proposição apóstrofe-preposição: Na Pujet, Na Vedra, Na TUI, o senhal ganha forma
- A Nai (a mai) é também nau – o claustro-lugar agradável-l'ort conclusus,le paradis.
- Enchevêtrement de la DAUNA, emaranhado (*Cf*., « L'enterrement de la DAUNA » de Bernad de Manciet) Pascor-Ressuréction de la DAUNA, découverte du tombeau de la *jauna* (une vieille *jauna* ?) à l'intérieur da abadia de Saint Victor, à Marseille.

Note sobre nau, nai.
Referência ao verso de Xulio Lopez Valcarcel
Casa nai, casa claustro, em *Casa Última*

Agora estou a fazer outro desenho
a partir de um verso do Xulio López Valcarcel
Casa nai, casa claustro
que pode sofrer uma pequena alteração:
Casa nau, casa claustro
Em algumas cantigas de amigo, a amiga dirige-se à mãe
(nai ou mai em galego) para falar do amigo.
A voz do *eu poético* é, nestas cantigas, feminina.
Noutras poesias, há referências à nau que é avistada pela amiga, e tal significa o eventual reg*res*so do "amigo".
Parece-me inte*res*sante, neste contexto, o significado simbólico do "amigo" e da sua chegada.
É, no fundo, algo de novo que chega aos olhos daquele que observa.
Por um lado, tal acontecimento pode enclausurar aquele que espera (esperar em occitano é *espèr*, que significa *espera*; mas também *esperança*, se lhe tirarem o acento.

15/01/2021

Répérer les mots qui se répetent au fil du journal.
Penser à la parentalité des mots.
Le danger d'aller vers l'autre langue- mouvement courtois-anticourtois ?
Le *paratge*, notion issue de la casuístique amoureuse des troubadours, peut-il être élargi dans le rapport entre les langues dominantes- langues minoritai*res* ?
Como construir les tensos du Gué-savoir ?

19/01/2021

(Retour à Marseille)
Jouissance
jouir joui de la jouissance[25] = ne pas jouir ?
Ne pas jouir = à ne pas altèrer le senhal- ne pas altèrer, toucher le paysage ?
O gaudio, o jauziment é jazer- estar morto?
Ah o farol de Hércules (Corunha) hérissé, não muito pontiagudo, contra o parler.
O parler des régions contra o jauziment, ce penser régional.
O domínio do Bouco, ele não quer faular. Bouco

[25] (cf. le livre "Les troubadours" de Michel Zink)

jaloux, o Bouco perdut, Bouco sem alenada.

Un cyprès
sai do Bouco
entra o Bouco
come onde eia !
Deux bras
(embras-ser)
boca nai
Bouco nau
Bouco-boca xuntos

Leituras no train :

Começament començarai de Guilhem Ademar
Doç'amiga no. n puèsc mais de Pèire Rogiers, p. 139
En grèu es mai et en grèu pensament de Clara d'Andusa, p. 417
Aiga puèja contramont de Guilhem Magret, p. 419

21/01/2021

L'assag – sorte d'épreuve sexuelle imposée par la DAUNA
l'assag peut-il servir à penser la nature ?
La pratique de l'assag (assalto ?) dans la cérémonie

de la *fin'amor*.
Qui se met à l'essai
Lhomme met à l'essai la nature ?
La nature met à l'essai l'homme ?

22/01/2021

La question de l'essai.
C'est un acte qui provient de l'action de la DAUNA, il va de la DAUNA ou dòmna vers l'ami, l'amic
L'assag, est-il, l'épreuve/l'acte/l'essai (assalto, vol, viol ?) perpétré par l'individu- l'amic- contre as DAUNA- la nature ?
L'assag met en danger, met à mal le territoire, le rend plus sensuel et adapté à la relation d'amor entre l'individu et l'espace envirronant ?
L'assag, est-il fait par la bouche, l'acte langagier ? - l'acte lonsengier ? O Bouco é lausengier ?
Bouche de qui ?
Bouche de la dòmna ?
Bouche de la donzèla? (quelle est le rôle de la jauna ?)
Bouche de l'amic (enic, garric)
Que se passe-t-il dans le pertus (Bouco) où l'assag a lieu ? L'assag, Y-a-t-il lieu à l'intérieur (Bouco) ou à l'extérieur (paysage-senhal) ?

Assag de território
um movimento na lírica occitana
L'assag (s'assagir ?), ce mouvement, peut-il être rapproché du mouvement des ondes de Mendiño, de Codax ?

Assag-épreuve sexuelle, imposée par la DAUNA, ce qu'implique un besoin (le cal) de réssurection (reverdie, pascor d'une courtois, une contre-courtoisie par le dire.

L'assag peut être violent, par la force, le viol, la non courtoisie
.
a claustro fica, com pertus, aberta, a líquida auga,
Na dòmna ermida, entre.
Et l'assag clos, de l'eau entouré, l'assag, du côté ibérique reste viço vague onde et de l'autre, buf, lati, haleine.

D'un côté l'épreuve sexuelle, de l'autre le lieu, non-lieu (Jaumes Privat) dans une dynamique lai – sai, incessante (épreuve des sens, du mouvement).
L'amic enic garric peut être dédoublé dans l'espace par le garric- vers le cyprès (anti courtoisie)-intrusion, symbole d'un assag par force.
Comment le garric structure le texte, épreuve

poétique, l'assag -écrire.
Comment les lettre entourent l'image. Le senhal du texte, est le paysage du manuscrit- sinal gráfico, uma dòmna H (*cf.*, la tenso dòmna H et Rofi)

Les conséquences de l'assag :
jazer jauziment
joy jacente-já morta
alenada putrefacta, hálito de chute?
O lugar (Na Vigo), fica ele Na Viço ?
o assag muda o lugar, o senhal ?

23/01/2021

Bibliothèque de l'Alcazar

Livres :
Saint Victor de Marseille : de la basilique paléochrétienne à l'abbatiale médiévale.

Cote : 726 FIXO- Magasin Espace Régional 3e étage.

Vie et mort à Marseille à la fin de l'antiquité : inhumations

Cote : 930. 1 VIEE MARS

Passages d'une rive à l'autre

Archives départementales de Vaucluse
Cote : 725 Pass VAUC CUS

25/01/2021

L'alba dialogué-la tenso alba

La résurrection de la DAUNA
contraste avec la mort de la DAUNA de Bernar de Manciet.
Penso ao tombeau de la femme fille
ville habillée et parsemée de restes végetaux.
Le rôle du guetteur dans les albas,
celui qui prévient les amants de la rupture. Celui qui sépare les amants, celui qui prévient l'arrivée du lausengier.
Le moment anastasis
O pascor, la réssurection
DAUNA (Pascor)
Danger : la crainte du gèlos (la glace) du lausengier)
Cf, Alba dialogué entre la dame (mal mariée) et le guetteur (Raimond de las Salas)[26]

[26] *Cf.* l'aube dialoguée, Pierre Bec, *Chants d'amour des femmes* –

Um homem em Aix-en-Provenço (Ais de Provenço)
indicou-me um livro :
La faim du tigre de René Barjavel
La faim

« La faim du tigre est comme la faim de l'agneau. C'est la faim naturelle et implacable, mais douloureuse, de vivre. C'est cet appétit insatiable de provoquer ou d'endurer l'atrocité au quotidien, pour perdurer, toujours, ce sinistre théâtre où s'illustrent souffrances, crimes, terreur et esclavage, auxquels seule la Mort peut mettre fin. La Faim du tigre, c'est enfin et surtout la recherche rageuse de la raison pour laquelle, dans un cynisme sordide, ce sont la grâce, la beauté, l'innocence et l'amour, qui ont été choisis pour rythmer cette tragédie ».

AMIC ENIC GARRIC

troubadours, Editions Stock, 1995, p. 209-214.

28/01/2021

Amic del garric
le chêne chaîne t'enlaça
de ses branches,
Qual onda mais plate entaula-te
De ses branches au bas ventre
ô Na Viço é tan plat sans talen
o buf vento puxa l'amic de l'amic
a DAUNA près d'anar ambos com a
chaîne mise sur le seuil sai do Bouco
fica lay, abre o Bouco

Amic ao côté
N'TUI que o teu lay,
o lábio, o sixilo
o mar, ô DAUNA
es senlleira nau
sem movement,
quando entro na massalia
ao lay, ao port, já no Bouganville,
não há talen, não nada, *res*,
mas que *res* anastasis,
N'DAUNA bate forte e clé du *res*,

N'a Victor lay jaz anar
A DAUNA adès Pascor sixila, ab dolor du nouvel

temps
vais-te levantar filh ojo miedo
e esse lay sai çai o mar l'onde vem submerge
ai baila petite na muiño
ai baila bouquilha sans talen a procurar o talen.
Sixilo na tomba, com Pascor sem sixilo,
jaz ouverte, déjà vivante

Na Saint Victor levanta o cap soleil, a tua tomba ai viço vigo,
as ondas baila, petiña
as frores no coeur corps
NaVictor inconnue aulme, veio de TUI
sixilo é movimento
O pied d'afueras ao xeito da DAUNAr
dauninha que onda te pega
ai onde adès o saber saup xeito de
*res*suscita e baila

Na Vigo proenço
que o ventre balança baila viço ville
amic, garric, enic
o meu tenson tenç aqui
ante todos: o Bouco, a DAUNA e vós.

30/01/2021

(Voyage a Puyricard)

Puyricard
l'amic já estado no camín
de Marguerite,
femno As-de-Provenço
auga corre que se o en passasse a de, d'auga
não serias perdida.
Puyricard, o poço oprimido.

Quand tu es perdu à la recherche
d'un vieux sort une fable
couloir d'aucèu que tu ta façon
allée de l'auzel eu te vi
de Puyricard ta vision
prouvenço entre bruit
et silence bouche

Bouco clauso
a que o plâtane meu
fables d'amour ta vision,
ton l'entrebescado
l'auzel que se voiture,
à la route t'atoupo
Puyricard, lay t'auzi

auzel escrita o teu
tanto bruit et tanta faula.

Passados no meu cors coralment o teu amors
que o pertus puy de coralment arado o teu amors
qu'una DAUNA
Bouco muiño
o teu Bouco.

1/02/2021

(première occurrence du genre de la *vida*)

VIDA do Bouco :

Bouco falador
criador que um
la vida do Bouco muiño
por étapes de faula
de la croissance, ter un pauc de joy arriba
tenç o joy a entrar
que o teu air havia saído
anos salidos
a ria de Vigo gaminava a sua gaivota
a Ria de Vigo, na San Cremenço
lhe disse ah but amours

coralment que lha vers
dire enic ficaria a sua lléngua sem nada
por ele,
não se fizesse,
o Bouco muiño saído, vague au nez que cede o movimento
ele a ele vai pedir tenç um pauc
o Bouco muiño saído da estrada lléngua coralement lhe disse o
bruit l'onde, les bruissements du monde (Villon),
saído da estrada
lléngua coralement lhe disse o bruit l'onde abre
se se se à pied du bord du bord
Bouco muiño ele na sua clarté
quis tençar
com a DAUNA ?

No camín que o bras s'étend no camin garric
que mostra a direccíon
s'enic o saup pauc joy lhe dado
la DAUNA est une façon,
une façon de dire
mais em casa causa l'ostal alberc
de Bouco em Bouco à l'affût
serás melhor um
Bouco clauso ?

Por ti escorre, que o Bouco

aperto que no jauziment
ficas gèlos e não que*res*.
Launsengier

Movimento da DAUNA :

L'onde -Mar de Vigo
dans l'onde très calme
cap de Proensa,
Cada movimento à baila
ai DAUNA a Pascor estás Marie Madeleine
vais-tu adubatz lo camín q'une votz adès
cada almirado, atoupar, locar, da torre, (postigo último d'Aix)
dele vês e a bute dele vês
ai baila baila na sua casa nai
car proensa é buf ais auga
contre o lay, contre o teu acho cal camín, eu disse
por lay, por sai o teu
o teu pertus, o teu Bouco
que adès que me *res*suscita
non lonc que as ondas bailam
Saint Cremenço afago, pertus lay, o teu

o teu Bouco o teu Bouco
o teu Bouco,
a DAUNA eu no palais

cada Bouco cada Bouco
cada Bouco
o lausengier que me impede
de amor o loc
ali no oppidum eu já saido de Ais de Provenço
no route o acéu no haut o DAUNA
o Bouco, o louc coralment, sem ameno
sem pratz com prazt.

01/02/2021

Cahier IV

Bouco muiño
Bouco eslengatz
sem boca votz
o teu neno, a sua paisaxe
muiño o teu rio.

04/02/2021

Na igreja de São Victor,
à frente dele o tombeau, à ce que TUI lui dit mon ton beau, de toi, la relève (se levanta), la daunier (le denier) a DAUNA de Pascor rigole,

do Pascor de Bouco muiño.

Que o meu ar de Proenso aninhaado no Bouco fatz aquilo,
o Bouco aninhado no tombeau de jauna (jeune) filha que bocou tudo, s
ous le coussin fleur, coralement tu te face, le carro (visage).
O beau bau (baño) rituel de TUI N'Victor.

Dans l'auga mort,
le aucèu mont se aucèu, mais aucèu dans la tombe de la DAUNA,
duas pombas rolam o seu cant
haleinado de Victor solido, pelo frais matin.
Que le danger si DAUNAger,
la crête, chevelure du danger, su la cure de la jauna jaz DAUNA e jauna
vegetal sous le cap, a tèsto compartie, cambas aos ziguezagues,
una fenestra ao couchée, le pertus adès.

Adès, Na Victor ils préparent la Chandeleur Octave chandeleur
d'còp la cuve se daubre et là moi Bouco, animal de toi animal, abreuve,
embebe d'auga.

Vou, adès, ao baño ritual, ao Bouco pia que já jauna guarda ses yeux
vai Pascor vai salir a Jauna, vai salir altra boca que altra falará altro sonido
l'heure y est, ils préparent a calenda fête quando a jauna sai ajaunida (jaune)lay.

A gens faz que o pertus qui jai (a épitaphe) alargue e va até ao mar.
Olhe, mire, gare que o pertus placa é maior, os carros passam piétinnent
la ruta encrava e arrache o aucèu gravado ao pertus, adès soupire la jauna, la levée vai demorar.

O que podes ô jauna salida do beau ton?
Le prète dite vierge pélerine cris jauna debout cette année vierge circule à l'intérieur de la cuve. Que si le sang autour du coeur corps animado ça cloche tãn grande l'adubat, o còr ao teu lado ta façon de faire,

Ça y est : escrevi-te Bouco.

Quando um som terno aparece
la Bouco sabe que lhe dá
sur ce, la DAUNA
(caro encora vuego (vide) aparece,
dá-lhe descida à cripta,

la cure descente se donne ô puit lay
a DAUNA vieja é o caro da minha Bouco,
quando terna aparece coerce bain collombe feu animus
quando terna aparece a que o Bouco baila já no lay
lay eu baixo
Cada marce é chaque marche
cada marche é senhal de mudança cada marche est senhal de fenestra.

06/02/2021

Marie Madeleine,
Saint Baume

Raimbaut de Vacqueiras (le désaccord du linguagte) ce tenso en désaccord, Raimbaut est une charnière[27] pour le dialogue entre la lyrique portugaise et la lyrique occitane. (son séjour en Aragon). La Provence appartennait au territoire du Roi d'Aragon. C'est par ce biais que Raimbaut a pu rencontrer le troubadour Joâo Air*es* Paiva (?)

[27]Voir *Atlas undas que venez suz la mar* de Raimbaut de Vaqueiras (Hautes vagues qui venez sur la mer), Jacques Roubaud, *Les Troubadours. Anthologie bilingue,* Editions Seghers, Paris, 1971, p.256-259.

Dessin : DAUNA à la terre, terre buf.

10/02/2021

Jauziment est claro
fica adès amarrado
amado mal, o fogo é duro
o lausengier está em crise, o meu adès é a crise drue
fade dans les luòc qui quiero escrever.

Ar agora adès no joy vas onde elle sied
la jacente morte -Pascor vais o lausengier renovar (reverdir) o seu Bouco, o Bouco peut pode ser lausengier, créer criar rupture- il s'est croisetz cruzado, entre a DAUNA e o seu amic.

La crise cosmique de Pasolini, clé pour penser la crise daquele que se torna o lausengier

« Je veux dire que quand change le sens de la vie, cela inclut naturellement le schéma d' une crise cosmique. Il est inutile de dire que les personnages vus par Carlo dans sa Vision ignorent que la crise qu'ils vivent est une crise cosmique consistant dans le passage du 'Cycle ' naturel des saisons, au 'Cycle' industriel de la production et de la consommation.

Le premier était lent et commun à tous les hommes d'une collectivité : le blé était semé, le blé était récolté, le blé était travaillé, le blé était consommé. Le second est purement abstrait et diachronique. Il n' a donc ni dates, ni solennités, ni retours, Chaque produit différent a son cycle propre, très rapide d'ailleurs. Pour chaque produit il faudrait donc un cérémonial propre et récurrent, mais selon un rythme, précisément, si décentré et si diversifié qu'il semblerait inconcevable. Cela entraîne la disparition des 'initiations' [...][28] »

Ai dès o jauziment est claro
o lausengier fica adès e vê o mar
aimero (amère) cada vez más o Bouco
do lausengier é fuòc por isso luòc ele é duro o seu
lausengier estás numa crise anti cortesia tuya
lausengier trans formé (deitada) na DAUNA
qui est l'espaço da DAUNA quando DAUNA en planh
já amorita

Amiga segon qu'ieu devi,
tort n'ey si ja mais m'en querelh!
Pus tan privada etz de mi,
dir vos ey mon privat cosselh:
amors m'a tout so que·m donet,

[28] Pier Paolo Pasolini, *Pétrole*, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. 411.

selha que mout m'abellia;
ar no sey vas on se sia,
per qu'anc res pueys no·m conortet.[29]

(Strophe IV)

La découverte de l'arbre de l'espèrance à Marseille et l'église orthdoxe de St. Irénée (Place de Pologne)

Les mots en rouge sont en aragonais

(Inclure le dessin sur *L'aubre du talen*)

L'arbre du talen sapado do talen
a que fome pretz la ci**u**dad (mais uma vez o "u", prensete em Bouco, DAUNA, a**u**me, **u**omo...)
o uomo do Bouco,
tant pretz ou goyo (em aragonês), o gáudio, o guello (o olho, l'oeil)
jaillido à asa liver ela Bouco grâce à fons admirada
et la DAUNA ai o pretz devanti ta fachada-frontera(em aragonês)
la rotund (grueso) que semble o Bouco o pretz de faular eu minoria- travessia – camín- o fome a seteguera- e a cegueira do Bouco

[29]*Cf*., la pastourelle *L'autre diaa per un mari* de Gavaudan.
Lien : http://www.trobar.org/troubadours/gavaudan/gavaudan02.php

Irénée[30]
La paix (Voragine, a-t-il écrit sur lui ?)

St Irénée est face à route,
voie, route, vai o pretz (implaz)
que a farine (Fleur-farine de Tristan de Béroul) tarri alenada
o alen arrubia o pretz do amic na ciudad,
é o seu prtez en paix poujado ao que la nature enic é boca eslengatz.
Em saint Irénée- fachada frontera é paix e adès começa digna, gueno

Adès vai começar o tenso entre dois engins de guerre, ele situa-se na praça praza do talen debant (com vent) à frontera que a Irénnée suscita em paz.

Assis, le Bouco está que se faz l'amour

N'Irénée o paix el talen bord
faz frontera faz o fact de ser ort
Na digna talen casa do meu
talen, eu digo cambra (casa) feu

[30] *Cf.*, l'étymologie du mot paix
https://fr.wikipedia.org/wiki/Ir%C3%A9n%C3%A9e

ô Bouco o gáudio faz medrar
a Bouco , se mede a bouca
se mede ou se mete ?
È l'onda de Vigo que esta-te assis ácido
edig et tu nadas per yo, o olho
que de talen abenta

La car passo o coche
del temps et dels luòc,
nesta ruta embarassada au soleil luènch que o talen
assis yo estou ô Bouco,
sou eu a paix dauninha faula
O mar vais-te em Pascor no pretz gaúdio da
DAUNA tenta opor à amertume do seu (céu) do cél
que baila.

15/02/2021

Non loin de Saint Irénée,
Sereine digne uma oliva le prtez chazado
(descansado)
sous une grenade ô minha árbol,
que le Bouco peut aucir (tuer)
baila maña em muiño ô b*res*ca (querida) de mel
Irène, Irénée, Na Irénée
entre deux engins de guerre.

Penser et lire la tenso fictive de Raimon Escrivan
Senhors, l'autrièr vi ses falhida

Tenso entre une «chatte» et un «trébuchet»[31]

De manhã N'Irénée qu'il sied une paix fait d'arbol do talen au mitat do talen pretz Da miha Maria Madaleina es tu buf quand NA Pascor se donne faulei-te LEIS ?

NA Place pologne ao fond d'avenue de Toulon, a tua sep a tua seteguera, e ali na praza praza **el engin** au centre que le buf de la paix assim assis ao siège gent encuirad en attente en espèr

Perto ô Bouco de Irénée tu es muiño,l'auga sort salida ès que el engin das lénguam, debanta ô gents sum coirassat si ô Bouco tu na paraza d'aubra alba qu' el engin fait paix non es L'Irénée assis suis ao virasolelh, tu vir

ô Praza paix diz engina, eu Bouco não sei faular, qual matina sab a sede o tranco no olho qui me sort vencid sans vie, eu viço a gente contre la gente assisse sans vouloir paix au ou ouvid e digo au auzi

[31] *Cf.*, Pierre Bec, *Florilège en mineur. Jongleurs et Troubadours mal connus*, Paradigme, Orléans, 2004, p. 180-183.

auzidar como si tu fosses paix
e j'apprends qu'aucir est tuer l'engin-el engin que tu acides faulas aragonês para quê ? Ara gonne la cri anse vers la mers ?

Cf., -Diccionario de voces aragonesas & introducción filológico-histórica, par Jerónimo Borao (1908)

Lien :https://archive.org/details/diccionariodevoc00borauoft/page/244/mode/2up?view=theater

Ô Bouco que los carros atoupam o confinh
que o còrs pode partir o luòc e quedar sin paix a praza e tu assis ley, ley, ley (LEIS,)leys, N'Erinée é la gLEISos camín do teu còrs, as frontera és un echar la ley, adès que te levaaté à contrada encontrada ley mort la DAUNA
terra ley; la mort como és Pascor
ley la mort car lo dan o don a dar na Praza
debanto o gLEISos que puja a tua olha branca (branche)

Ah Dieus ! Quel dans es ![32]

Da praza o Bouco
vai para a Pujet nesta ô viajem e vai mano mano
em camín sab, a penser quando vai cambiar esta
mudança a faula das confinhs faz noite e a ler os
seus trobadors, a pensar que a aubre do talen é
próxima do trobar de Guillhaume de Saint Didier, a
sua DAUNA escondida atrás, ela é, duma árvore. Faz
noite ou ela cai, a seu sensabor na língua à procura
de mais nesta ville que são tantas.

Ô Nueit quando a praza eu sors de la Praza
la gent sied como tout ce que peux eu sire
le caro mon visage eu ouvia N'Irénné eu paix
ai lay,o ley de aragão, eu caminhava marche puis
marche chego main je tenant Na Pujet eu clauso
entre as collones et escrevo que o talen não
physique é muiño como auzidar.

[32]Cf., le planh de Guilhem d'Autpol “Fortz tristors es, e salvatg' a retraire”, [p. 210] in BEC, Pierre, *Florilège en mineur. Jongleurs et Troubadours mal connus*, Paradigme, Orléans, 2004.

Inclure dessin :
L'assag de la paix !
Le siège de la paix.

L'inclure N'Pujet

20/02/2021

Le quartier tient son nom de la présence d'une chapelle (du provençal capeleta/capeleto, « petite chapelle »). Construite au XVIIe siècle, elle se situe à l'angle de l'avenue de la Capelette et du boulevard Bonnefoy. Délabrée puis incendiée en 2005, elle a été rasée en 2017.La Capelette se situe entre **l'Huveaune et le Jarret,** au bord de l'autoroute A50.

N'AIR, do ortho hort que a DAUNA eu descubro a capeleta veijo vueijo montanha ao loin.

Capeleta amassa o air aurassa tu ô Bouco

Tu vais entre o jarret et l'Huveaune na capelleta ô mouco

Tu ô Bouco vueijo tan vueijo qu'es vid branca (branche) ô muiño

Depois do trobar, el engin de guerro quiero ley t'abrazar en liño

A tua set sai salida pola auga qu'es capelette fomos razados

Polo lambrotos que razaram a gLEISos do cap

Na GLEISOS de Saint Laurent de la Capelette

Na pierre eu auzi ouvi peiros e a doux praça és tu si jaune

e eu ouvi jauna e pensée à la DAUNA, como em Aragon j'ai vu une gLEISos

si proche, Où en Huesca, Plaza San Lorenzo en *aljama* -alfama- mouraria

e ainda eu je ne lisais Majnûn que le désert commençait je parlais de ma DAUNA

e ouvi auzi (o Bouco ouve as palavras da voz polifónica) une figure do rosto.

Eu auzi- caro -busto naquele gLEISos.

Ele vai o Bouco na Caplette pensar a Huesca e São Lourenço nascido em Huesca[33]

[33] *Voir* La Légende Dorée

Au bord de cet arbre Cyprès bambolant vers le ciel
Ô cyprès tan près perto és para o céu
ao bordo da tua linha , o ton odeur ciel
en frente ao meu repaire énorme et plein
ao bordo de l'arbre a este seul tronc que je voyais
sur la garrigue, vais tu ô ciel esprimido a ciudad
Massalia vinda del outro lado

ô Bouco ton pied vem e em mim près l'aurassa te soa leugier un jour vais à Camargo, eu sou sur la ciudad na garriga quand sais, eu suy l'haut auçado vers le cél. Na garriga eu bisa sous.

La ruta virasolelh, aqui ô Bouco a boca do Ròse (o ródano que é unha flor)

Tu faulas e set auga, nombre e muy histoirede Rhodes e autrièr, penso sin fine és la pont sous la Ròse, la pont quatro arcos sin fine e ab fine, ab joy coupat à mitad- Saint-Bénézet[34] (Avignon)

Tu passarás Arlos e l'auga sabes óc suy auçado.

[34] Cf., page wikipédia : https://fr.wikipedia.org/wiki/Pont_Saint-B%C3%A9n%C3%A9zet

Ô cyprès Na Saint Victor há uma DAUNA, sabes la sede, set que o bent, auzid -l'aura a paix na praza e o teu vert. que es para o céu, e adès penso nas costas da DAUNA nas tuas sebes, na tuas pernas cambas.

A tuya cambra o repaire, eu na paix, ela vais reviver, auzi revieure.

E no vert que j'écris et parle, nas costas dos,
las médulas eu fui e a cor arenosa, minas d'or duma fina
Las médulas, sans cyprès, uns castanheiros

Inclure dessin das duas pernas.

Outra vez na Pujet e o Bouco
Na Pujet, pareces uma saída da praza
a que a DAUNA, a Marie Madeleine[35], vai seguir
Beaume, seu parfurme a sua testemunha

NA BOUCO,
a estrada a tua rute frore frema d'aura aurassa na tumba d'une jeune fille à Saint Victor. Qui es tu ô DAUNAr,

[35] *Voir* l'ouvrage "Marie-Madeleine un amour infini" de Jacqueline Kalen.

adès ai lay na Beaume del Narcea[36] *que Cangas és alay, és cel e el dan -daun (dan pela* DAUNA*)Talent ad tal frema vou el marcha (senhal) que fine alya, tu até Bocamar*[37]

NA PUJET,

vi un engin de guerre e nao quero ir ver bocamar, eu auzi alay e vou longe, la paix mer a DAUNA *sel espera, o teu ar ô d'engin que não sou non me laisse falar el.n Ce qui tenç maintennat ô boca minh vou em bocamar veujo todos na nau encavalitados, Saint Telmo ô charbon. Em* TUI*, no baño cel, sei falar e vou a correr.*

---

[36] *Voir* la Colegiata de Santa María Magdalena em Cangas del Narcea (Astúrias). *Voir* rio Narcal

Lien : https://blogs.lne.es/luisarias/2008/08/11/san-esteban-de-pravia-el-tren-la-mina-la-poesia-y-el-mar/

[37] San Esteban de Pravia, San Esteban de Bocamar, (Astúrias) esplendores varios, tan influyentes y, sobre todo, confluyentes. Donde el fondo de la ría y el mar albergan las pruebas materiales y tangibles de aquel carbón que, saliendo de nuestro subsuelo, iba lejos de nosotros, primero en tren, luego a través del mar. Un carbón que, *como* muchos asturianos de entonces, también emigraba. Un paseo por San Esteban es también un viaje en el tiempo, de un tiempo que fue nuestro, de un tiempo que atestigua lo que fuimos y lo que somos: cenizas de esplendores varios que aún pueden entrar en combustión. El mar y la historia las protegen.

NA BOUCO,
a Bocamar un còr ali lay pront a amar.
Un còrs na nau já près de cansu, a tuya tença ô boca Na
Tui dá-se-é-se na DAUNA auzel a sair da tumba.

NA BOCAMAR,
le charbon sous sol na paixage passage.
A DAUNA nau senhal, fica stigmate et ça saigne.

NA PUJET,
fico aqui a olhar-te Róse Ródano em frente « T'es croiset»
Que la croisada daunida louçana velida
tenç de guerre para a lengas levar.
Mas não é tenç tenir, é um tenso que do Bouco eu à Boca
eu quero lavar.

Em Tui,[38]
padroeiro São Telmo a nau entra
depois da Pascor Telmo sua nai
o amor vertical, leio Majnûn :

[38]No fim-de-semana a seguir ao domingo de Páscoa, TUI, uma das sete cidades do Antigo Reino da Galiza "nascida a defender a passagem do Minho e limite de terras portuguesas", celebra a festa de São Telmo. Este Santo peregrino, que faleceu em TUI quando fazia o caminho, é o padroeiro dos navegado*res* e muito venerado em toda a Galiza. Source : https://www.turismo.gal/recurso/-/detalle/fi-po-000018/festas-patronais-de-san-telmo?langId=pt_PT&tp=97&ctre=261

« Je ne veux pas la voir Leila, parce qu'elle
m'empecherait de penser à l'amour de Leila »
Et la nuéch, já não posso vir Na Pujet como fazer,
sem as tuas entre colones e os auzels que aprendi a
dicer?

E agora que sei que os ossos também viajam de Tui,
Saint Telmo, para Massarelos (Porto)[39], o baño ritual
vai, l'os vai na nau e flutua à beira-rio.
Eu, Na Pujet à espera de l'os.
Transladar vou na nau à beira-mar faular
A onda baila, eu esper andar.

23/02/2021

Nos Tensos do Gué-savoir:

Et si l'aube entra
si la douleur
la nuit fussent des teintes de temps
nuit longue joute longue
L'arrivée do soleil só seul fussent il marqué aperçu

[39] https://www.rtp.pt/noticias/pais/trasladacao-inedita-de-reliquia-de-s-telmo-de-TUI-para-massarelos_n11509 ;
https://www.publico.pt/2005/06/13/jornal/massarelos-ja-tem--reliquia-de-s-telmo-25365

na Torre d'Hércules[40],
sobre o tombeau sol de um cap que deu phare.
meu phare. O Bouco irá à Torre d'Hercules ou torre d'Augusto.

---

[40] De todas as lendas que conhecemos em torno à Torre, esta é a que teve uma maior influência, de facto hoje todos conhecemos a este legendário farol como Torre de Hércules, ainda que nas suas origens este monumento não teve nenhuma relação com este personagem clássico.O autor desta lenda foi o rei Afonso X o Sábio (1252-1284) quem na sua *Estoria de Espanna* conta como o herói Hércules construiu um enorme farol para comemorar a sua vitória sobre o gigante Gerião. Retomando a tradição isidoriana, Afonso X vinculou a figura de Hércules à Espanha e, mais concretamente, à cidade de A Corunha. Conforme a lenda, o legendário herói grego veio em busca do gigante Gerião, que reinava sobre as terras compreendidas entre o Douro e o Tejo, com a finalidade de liberar o povo do seu poder desmedido. O enfrentamento entre ambos durou três dias com as suas cor*res*pondentes noites, ao cabo das quais Hércules venceu o gigante, cortou a sua cabeça e enterrou-a junto ao mar. Para comemorar a sua vitória construiu sobre o túmulo uma torre-farol e nas proximidades do mesmo fundou uma cidade à que lhe deu o nome de Crunia, como lembrança da primeira mulher que habitou este lugar e da qual o herói se enamorou. Quando Hércules se foi, Hispán, o seu sobrinho, foi nomeado senhor da Espanha e povoou as vilas e cidades. Acabou de construir a Torre do Farol que tinha começado seu tio e, como era um homem sábio, dotou-a de um candil com um fogo que nunca se apagava, ademais fez um grande espelho pelo que se viam vir as naves inimigas desde uma grande distância.

O relato de Afonso X o Sábio influiu em obras posterio*res* como a *Crónica Abreviada* de Don Juan Manuel ou a *Crónica General de Espanha* de 1344, nas que se foi completando o mito. O Licenciado Molina introduz esta lenda na *Descripción del Reino de Galicia* (1550), o mesmo que Florián Ocampo na *Crónica General* (1544), na que tenta separar a história da lenda. Source : http://www.torredeherculesacoruna.com/index.php?s=90&l=pt

Com a ponta do vértice que toca o Olimpo
Como tu Na Pujet,
o cyprès na garrigue que espremido para o céu.
Como o Porto exprimido para o céu ô Teixeira de Pascoaes"

André de *Res*ende atalaia esta torre au mitat, là no alto um espelho, no alto da torre.

23/02/2021

Saintes Maries de la Mer
Tôdalas l'aube queda uha douleur noitada
mudam-s'o teinte uha ô repos, fussent poujada
muda-se le temps envel e sem moito fel
muda-se le temps d'une front elle
L'arrivée du soleil, soléul em limes de ray,
o raro quedado, no limes em al
tu ô chazer no ort la nuit,
tu ô ort além de tràs os montes
tu ô mar, chazer em baume o ar de

Tôdalas as leys llega per la nau, tu ô mar fanal a nai
tu ô bise, intervalle, no teu ort, um chisco de temps.
O Bouco pensava isto, a caminhar pelas terras de

Miranda, llegado a Puebla de Seabra, o lago, o repaire, aquele camín en auga. O Bouco arrive chega o lago de Sanabria e dele saía sem exprès uma votz tan longa, sin pauca do tamanho do lago que eu demeure, e ouço ô João Ai*res* de Santiago, eu caminho vais, vas tu à la saveur, je disais "anar", eu amic Santiago, ô DAUNA ir antes e tudo muda.

Tôdalas cousas eu vejo mudar,
mudam-s'os tempos e muda-s'o al,
muda-s'a gente em fazer bem ou mal,
mudam-s'os ventos e tod'outra rem,
mais nom se pod'o coraçom mudar
do meu amigo de mi querer bem.

(Strophe III, vv. 13-18)

E quando je pensais á Sanabria, no Bouco pichùt ainda infant, de repente, soudain arrive à Saintes-Maries, comme barque en pierre, et je suis entre et confinh confinh et llegado a Rue des Launes ouço Sarah la Noire. *Todas as coisas*, toutes les choses je vois changer, et le temps change et les lieux changent. No Hotel Bauza, eu vou quedar, *res*ter un vent de nuit que le temps de lhegar à son temps. Arles, o Bouco tenç, quand tournéé eu Bouco digo :

NA TROPHIME,
venho a Arles via tolosana
jacques tódalas ruas eu tu DAUNA louçana
A nai vai pelo lago e aqui ô igreja auzidar.

Sei veijo que tu da boca sais em beijos.

NA BOUCO,
a bise pauc à pauc que as lénguas louca
um petit homme sort salido alza o res res luòc. Ele diz :
"sou atraído cél céu auzel, quedo fuoc
para min ele saído és mitad de mitad da boca".

NA TROPHIME,
eu fachada en fronteira vejo um pichut para mim salido, que como eu en ressonnace eu vou sanabria, eu quando vejo o pichut sair sou eu no confinh do rapaire, o meu repasto e almiro fronteira fachada. Eu na sanabria, não estou e suis.

Na Bouco,
na fronteira facahada o guhae (criança)
ver, auzidar almirar, o que sai como árbol na Arles
tu vais e brise geada, frore, tu almiras e faulas.
Llegas Saintes Maries : Marie Jacobé, Marie Salomé et Sarah la Noire. E nisto, o Bouco vê o reflexo do Lago de Sanabria, o pórtico de Arles.

O centauro, na fachada,
sobe na língua e parece troubler.
O petit homme sorti de la bouche ne l'est pas.
Nisto Michel Unamuno: a soledad na sua bouca
diz boca diz lac, diz Narcisse, diz Echo,
a sua DAUNA.

NA DAUNAUBRE,
já sei que és engolida
Un cure dents na paisaxe,
eu cheguei à Sanabria et j'ai vu
o cogulo (medroso) dos dents, do meus, a shaliva semblait
la mer de Vigo.
Pola orella do lago vou.

NA BOUCO,
atoupei te dins Sainte Maries. Au lonc os guellos, l'ex
voto do paisaxe, e atoupava-te legir léugier au bordo
confinh de l'onda.
O fio de lin, onde começavas escrivir, e sabia que ia venir
o Aulme do Miño, unha aubre gué.
Au confinh de l'onda, o pouèmo da testa d'abibo :

lis aubres sèmblan te teni coume un glàri doú fru
qu'adussa l'aveni

les arbres semblent te tenir comme un fantôme du fruit
qu'apportera l'avenir[41]

NA DAUNAUBRE,
ouvi noyade ouvir esse mojado,
eu Tristan[42]*, vai ao mar, l'onda de Vigo hoado.*

Na Bouco cada vez que offres ta jambe, auzidas cambra,
eu sou uha cobla.

E leys duas DAUNAS chegam pola barca amb a Saintes-Maries, maire mère mar, tan gent faula parece espèr, e uha mati rente à la maire verre óm d'aula a gent a barca non vê o gant lambe o gazanh de l'aura se o fió (feu) te entra na boche jaula.

[41] Mas-Felipe Delavouet, *Pouèmo V Cant de la tèsto pleno d'abibo (Chant de la tête entre feuilles et racines,* C.R:E:M, Saint-Rémy-de-Provence, 1991, p. 32-33.
Cf., lien : http://www.delavouet.fr/poete/bibliographie/

[42]Cf., l'article de Estelle Ceccarini.« Le prologue de Ce que Tristan se disait sur la mer, une initiation au monde et à la poésie», Les cahiers du Bayle-vert, Centre Mas-Felipe Delavouët, 2017, Autour de Tristan, 1 (8), pp.42-59. ⟨hal-03167756⟩

N'DAUNAUBRE,

sítio de la maire o fio, fil auzidar fogo au loin, auzidar lonc vejo ex voto unha DAUNA Sara, a negra dans la cave, auzidar o cél bajo.

A gent separe, o mar a ele vamos, auzidar maire hago e vi auzidar vieure o lago, o cerf de Pero Meogo.

Na Bouco, que quie*res* troblar/desvariar auga
o Meogo, o cerf toca e aubre corre

Se bradar, chilar (crier) en repos, eu épée, que separa a minha lingua.

Na DAUNAubre devante a igrexa, crist sou auzid, eu, dão o plâtane deriva, bras ouvert, entrou par achas ou são?

Quando eu o Bouco corrido pelo grido,

Na Bouco, o fio da aubre já mantida, eu via ao lonc atrofiò da via eu já em Muxia o fio d'aigo e a racina luxia, e depois qualquer rive das motz eu salia linde (transparent) em gois (ver chrétien de troyes e gois de couper).

Eu, este couper, cezura que lo motz pode ter, suis la sœur bocha, a manger comida eu vou na Nau como

chevelure au nid de maire à dérive no mar de Vigo.

Amassar o vent e o danger entrar e camín, de Saintes ao Finisterra.

Na DAUNA, ô cage de luz, muer, l'onde ao fiò nas motz. Eu, l'auzel em jaula ô cage a tua :

Descrevo-te uma igrexa des Saintes-Maries pola bruma entera, le poeta na ventana, e o vent amasso libre, o livro está : Mas Philipe Delavouet.

Eu, o bec quedo e assim o fogo dos versos

Na Bouco, prefe*res* sic, ce meut mundo tourne : de saintes Maries ficas Lugo, e nessa muralha que é long poème, algo près

Porque qué voltas a Lugo[43], adubatz o mar que pola boucha adugo e dins la ventana és nau incerta.

Et d'un vez que esta vacumi (odeur) DAUNA per ilusão hacer, eu sou vaca nau para ter.

---

[43]Que adubastes, amigo, ala em Lug'u andastes, (B 1299; V 903)
Note sur la chanson d'ami de Fernando Esquio (trovador galego) :
Num dialogo pleno de subentendidos, a moca provoca o seu amigo, perguntando-lhe por que se demorou
tanto em Lugo. Terao sido amo*res*? E quem e a tal beldade? Na *res*posta, o amigo, tambem indiretamente,
reafirma a sua fidelidade: o amor que levou a partida de Santiago de Compostela e o mesmo que o guia e queo fez reg*res*sar. Source : https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1328&tr=4&pv=sim

De Lugo a Santiago, pola barca : um painel : Dédale et Pasifae[44],

Comme dans les Saintes, a camargo reflecte, o onde da ria reflecte uma DAUNA auga em amic, uha paixage unha vaca e un cerf qui frappe, o novo verbo.

Un parfum de vers, um alen.

24/02/02

Le dernier souffle
Saído suir (la somme) que
L'âme salida de sa bouche Trophime Saint Étienne.
Sans te vouloir porche (proche) que ele é Bouco
Sans te, le Bouco sans te-sens
Que l'âme (soufle) identifie au pichut vau aucèu
Que le dernier cri suis le
Guetteur oh lay l'âme sui
Oh lay que l'âme sai et sá
Bequille l'indivi/l'om la
Femno (a DAUNA char)
A DAUNA nator (le pichut sai)
Seus bras braços ou bise vent que le noir
Savour la croix (pichut sai

[44] Mosaico de Dédalo e Pasifae (detalle) no Museo Provincial de Lugo.

Do Bouco faula foule (le sol) le ciel adès
Vento arles à la via tolosana
Tolosana via jacque
Que eu tu DAUNA minha
DAUNA na a língua adès
Nai em voie, o Bouco saiu

Vens où Na Arles
Que igrexa tu dizes
Que as llénguas que salem salissent
Non, vens où? Ó meu centaure delle léngua que
(voir photo)
A dominante são, não são
Composta. A llénguа a devenir centaure (no coin de
Trophime, entrée droite)
Do bouc osai um pichut à Arles adès uha, eu sied
fonts, hont, à esper.

Je vais in consequência, je vais Marie de la Mer,
Marie Jacobé, Marie et Sarah (les DAUNA, les dunas)

Será que estas DAUNAs salem
Do Bouco (agora llénguа) será que do Bouco sai
pichut um
Novo soufflé alen buf
Que é novo pichut adès Arles

Ba via lléngua nai, lléngua
Nau viaxe adès Arles baigné Ròse,
Na Arles que je tenç seguro ta bouche
Na Arles tolos, je circule hont trophime
DAUNA, que n'abre
Segura-me tenç moi sous porche salido.

Falas do porche de Trophime
Faulo do proche do
Tenç faular, ouvre
Bouco pichut a DAUNA
Agenouille a lléngua é
Nau e viaje xeito viaxe
Oh lay qu'âme sai
Oh lay qu'âme sai
Tenç le pichut que vai Arles
Faular
Oh lay qu'âme sai
Seu pichut no porche tu faulas
Ah DAUNA na aubre elle tenç
Tenç un porche d'avenir
Poesis voie Arles na Trophime
Tu sabes set que le porche l'eau
Feint la hont devent je suis
Tu agenouillé de grâce qui parle
De fleume, fleuma, de Ròse tu baigne
De miño tu sais eu na via Arles
Minha DAUNA aubre digne habillé du dernier soufle

De l'avenir amphi cris

A tua Bouco, cure-dents
Que la sonrisa âfre medroso o Bouco
Cure-dents que ça peut toucher
O porche Arles na via
O gent não set do porche
Que da boca sai discurso tenç en Pierre.

Marie Jacobée- mère de Jacques le Mineur
Marie Salomée- mère de Jean-Baptiste et Jacques le Majeur.
Ex-voto anthropomorphe

«*Terro germido, agremido* »

« E qu'en chau, moun te sian, se l'estiéu carnassié/
de sis àrpio de fiò nous trafigo lou fege ! Pèrpau que, dins l' espèr qu'emplis nòs ti pensié/
un fiéu d'aigo regole e l'auret boufeje/
ausen la voio e la foulié
de sessa la mountagno en marcho d'escalié»[45]

Fio (fil)- fiò (feu)

[45] Mas-Felipe Delavouet, *Pouèmo Cant de la tèsto pleno d'abibo*, t. V, 1991, p. 20.

Architecture du novéu vergié[46]

lis aubres sèmblan te teni coume un glàre dóu fru
qu'adussa l'aveni

les arbres semblent te tenir comme un fântome du fruit
qu'apportera l'avenir[47]

Cada vez que tu off*res*
Ta jambé ma camba fé
A este barco fabre les saintes maries
Pauc a pauc, o barco sans mât, sans langue encore
A Saintes Maries :
duas DAUNAs fixeram a casa aurassa
Tangente ao mar sans perecer o cairo visage fiò
lasse.

O fiò ia
I fiò dela ubre
Sempre mantida au lonc
O fio d'algo, Sara, a servante
a sara argentada
Dessou gLEISos salir a gente pieuse
E ela fala ao Pero Meogo da fonte (d'outro rive)
Ex-voto ex-aiga oferenda

[46] *Ibid*., p. 19-21.
[47] *Ibid*., p. 32-33.

Que a gente já não point percebe
Auzidar pauc à pauc
O fru (fruto) baigné nesta lumière de toit si bas.
Ai vieure, la très douce argenté DAUNA noire vêtue
Na barca sans mât mot.
Que lay, la muette région, en cœur, de lay vieram
E ô Meogo que se aproxima,
pichut cantador amor
Tourne son phare de phrase

Quando o Bouco
no final de tarde vê salir o riche giscle
Ao mar caído o Bouco vê salir
L'onde fiò l'onde lay que traz à Proensa rectangle
un creux : des mots côtiers sur le dos écrit.

Descrevo-te Marie Magdala,
le palais, la chambre-chanvre
Maria del mar
quando ainda sem noite o rouge gorge
Embala o bico se sele la fin
Quando penso no Pascor testemunho
Corro para o mar confinh o aucèu
en contrepoint, o seu nome BA
Serpenteia S,
o hablar loro latin étrange faula sans encore mât.

O Dibujo é nervoso
À saída da glésia
Corro o mar e vejo a nai
Lléngua nau
O barco feint fente
Sarah la noire aux bijous sur le front
O barco aubre a venir vert
Nombreux testo brillant
O seu diadema a tempo
O aubre alay sem mât
O barco aubre a venir
O mât já estendido o Bouco
O alen atravessou e o alen sem confinh
Corro ao mar que te in lime.

Mundo meut tourne
O moutz meut tour
O mar a ti corro tourne a
Très o mar o mundo sentir
E este soleil de fru
confinha o étang
No fim o barco
Mât, o joc novel
No vergier da lléngua
Cada aubre frente ao mar
Cada aubre sens ramido
Eu confinha o fiò d'âme

Rodeado a palud

« Guilhem d'Autpol, sans doute du château de ce nom, au-dessus de Mazamet, a laissé une aube dédiée à la Vierge, un planh sur la mort de saint Louis (1270) et une tenson, dialogue entre le poète et Dieu, écrite sans doute en 1269. »

Un appel au printemps
Viens pascor palud
Vens al dias a barca sans mât leugier
Quand la fuelha/hoja tombe
Sans cap, téstoeu tombo
Apelo a Pascor que vai venir daunir
Pola DAUNA balance na barca bauca
A aurassa o bufeje, o bufiolle, o bufo denier.
Yo Sans cap sans coeur sans verguenza,
O bufo vai lhamar daunida velida ferida.

Au bord du desert
La tèsto sans cap
Lhama e não dá
Sem cap não dá
O daunido pascor
Não vem

Au bord du testo
Desert o cap vestido

A sua o seu DAUNAR
E a paz praza que
U coupe
au bord da testa.

Já no desert de Camargue, tésto seul
Xunto o
grenouille
oiseau

Ao bord d'auzel
Braço tenç o eros

DAUNA despida na tumba,
É o desert sable de fin de fin

A tua salida sal salive
A Bouco que sorga a Pacor adès
A salida rompe
quiconque camba caminha
ça grenouille, ce bruit

Tudo isto pensado numa DAUNA
tout près da hont douro meogo
A espèr de ser revolvida, salida tumba,
O rouge gorge cristalino
entre miúdo, un chisco de joy.

A saliva desnuda o praza
aubre torcida comme a croix
Ai lay sou o guetteur : a DAUNA vai partir
Ai lay a partir da DAUNA guettada
Vista velida a silva ronce a aubre na Pacor
Trop vite, ai lay le gué-tteur atravessa a ler leer a ver.

A frore da barca, gente na saba,
Com as Maries na praza contra a ira
A desparecida ciudade DAUNA duna frore
Na praza eu agach(agachar-ver)
Eu tenç o nar e barca contínua
Veio-lhe dar aubre pauc a pauc em
Despido à espèr frore frore no
Pascor de mer.

O cimento autor du donne buf ?
O buf passages do amer amor alteré
Sou camín ao bord do aucèu
O cimento betone a ciudad de
Esquecida oblit o camín au bord do auzel
Seule cage o cimento ai lay que
O seu camín DAUNA sufoca
O seu sein albespi buf no céu
O au lhe diz que a o Bouco está ao léu.

A clausa esclau do mar encerra

O Bouco na duna DAUNA encalh
A sua na Barca os nomes gravés.
A sua na barca os nomes allés.
E a barca continue la
Barcarola cage al nai sabe sel

A sua abre fut hejo mât no flammand onde
Rouge-gorge tort le cap
A sua a pascor branchage
Hai la cruz não tem-
E lorquam o Pascor em
Aucèu en tour mira o gLEISo
A sua sabor o seu sap na pedra.

E ontem na Na Trophime,
o martyre Etienne à genoux
Olhado o laño o muiño

Uma saída da antan nascida(sorga)
Uma salida da bouche un pichut cher
Que non sert que say le ray o racho de luz

Que a cruz front mira, chisco
Ramo que o Pascor lhe saiba bem
Na precise e calme nuech
Ô DAUNA
Las santas las mai*res*
Maires d'ort secret o ort mer na lenga terre

E sabido o pascor sevido na
Traversse, servido na praza confinha
Qui alimente a terre e a racine

Quando as feuilles tombadas frente aubre
Mar eu cruzo
Na baie haie o Bouco
Eu saí, sous jupon eu
Canso tenç do còrs frente aubre

Quando o glare(fântome) da Dauna

Do outro lado

Arles (bus)
Je monte le bus, tenç veillera viens

A l'intérieur de l'église Les Saintes

Que a barca gera o alto
E que a barca a tua votz
Lengas que virão

Mouvement du ciel

Et le chemin d'un sanctuaire, chemin d'un sanctuaire.

Vejo o Gleisos está ali à frente e a barca la dins faula

No gLEISos de la mer a nai
A llénguа lenga mémoire buf diz
A donzela o drutz o gilos são descendus
Batel bois deux collombes auzels salidos
Que la mer garde mât agacha sem tremor

Aqui lonc o cœur cora
Neste tenç de bras à bras Meogo salido
O tenson tenç de tenir
Ô tenç o cerf vem troubler fouler l'aiga
Que le lac de Tibériade já não está que o nome
Repôs en toi
Sans cap, Jacques la majeur o tête sans cap veio até
Galice barca vai mar
Que não acredito joven quea tua alma salida em boca
Joven surgit

Será o pratz froid que lo
Vent ele desmedido trás
Na forma de vivir est lande
Tiberiade, berre,
E ele o còr o nascut a bord
O chivau ao bord do cammargue
Amère gôut parece que ele ela o drutz

Daunido de o gilos atenuado coisa gosta
Em mesura a falta de manque- encontro.

Ele ao mar,
A barca desce do
Prendre o ar
A descida do mar esse estradio tralh dralh
A barca que desce
Que desce ele vem
O mar
A barca
Jas lit, gît
A nai jes
A maire cama
A descida del ram

« fai s'eigreja la danso e l'ourdouno en palais»[48]
«Fait se lever la danse er l'ordonne en palais »

Rue Théophile Rives, Boulangerie à Arles

Que fazes agenouillé ô saint
Do teu bouc osai pichut
E que tu nino nina tu ô faula
Que fazes tu agenouillé

[48] *Ibid*., p. 36-37.

Naquele còp, beure algo ?
Fui à Camargue que las santas leurs façons
Leurs DAUNAs o seu air o seu
Fui ali alay eu fui e quando ao
Ròse mirroité, o ar espantava haletant
O que a saída da Gleisos o ar que ele via bruma
O Meogo estava ao bord Bouco
Badatz

A l'intérieur de Trophime,
Tombeau de Jean Dedieu
L'écusson du prélat
Marie Madeleine porte le baume (parfum)

26/02/2021

Còrs du Rhône
Daubre o Bouco
E no Rhône assis sur le pont
Bouco aubre erto
E que el tudo passa
No lay entre os dentes

E no ramo pai sai
E o saído agora adès

Na Bouco do Rhône
Meu salido meu caro
Meu faich faisseau a còrs saute
Do Rhône ele sai.
Le còrs saute Rhône a dins
Le viço sai comme plante
E no ramo sai.
Polo ramo la DAUNA sai
Est une façon de faire aimer
De volta a cage, la clôture
O perfume, esse baume gensor mis au tombeau
Tant de bises, tant d'baumes

Na Baume,
Na tumba esse mar Post-Mortem

Quel est ton tourment ?
(la tenso entre Simone Weill e Joe Bousquet)

Quele st le graal aparecido no dia do Pentecoste ?

Pentecostes, muitas línguas
50 jours depois da Pascor
Um pássaro

A tua dá-lhe o beiso que uma mão tem
Que uma mão tem o tenç baume
Que o baume (do viatge) do espaço é a construção

de um tombeau- épitaphe em guise de tenso.

26/02/2021

La salive de la DAUNA

« La joie brille en ses yeux pour cet amour offert :
Auprès de mon amour aucun amour ne vaut si la salive de Laylâ touchait la mer. Le sel disparaîtrait, et douce en serait l'eau. »[49] [fragment 45]

« Chanjavo d'èsse pièi, car fasié pas mestié
De trop reva de terro enfre l'ausso que gisclo
D'un autre prince alor lou masco se metié
E, d'uno femo abandounando sus une isclo,
Mai pèr plesi que pèr doulour,
Tastavo dins l'espouçe lou goust
Qu'avien li plour, »[50]

Traduction :

« Il changeait d'existence ensuite car il n'était pas

[49] p. 45, Majnûn, *Fou de Laylâ*, Actes Sud, 2016.

[50] p. 42-43, Mas-Felipe Delavouet, *Pouèmo Cant de la tèsto pleno d'abibo*, t. V, 1991.

souhaitable. De trop rever de terre parmi la houlle jaillissante. D'un autre prince alors il se mettait le masque. Et, d'une femme abandonnée sur une île
Plus par plaisir que par douleur,
Il goûtait dans l'éclaboussure la saveur
Qu'avaient les pleurs. »

Référence à l'oiseau :

« Ah ! que radugon lèu, lis auceu carnassié
L'encè di qu'en poun d'or dins sis ieu se ralumo
L'argeloque roussejo à sis àrpio d'arcié
Emai l'eiga (….)agno en plour que perlos sus si plumo
Emdí enca la bulo d'èr
Que tramblo sèns creba dins soun bè mié-dubert.»[51]

Traduction :

« Ah ! qu'ils ramènent vite les oiseaux carnassiers
L'incendie qui, en points d'or, dans leurs yeux se rallume,
L'argile qui roussoie à leurs serres d'acier
Et la rosée en pleurs qui perle sur leurs plumes,
Et, encore la bulle d'air
Qui tremble sans crever dans leur bec mi-ouvert. »

[51] *Ibid*., p. 49.

BOUCO- BOCA- BAUCA (herbe sèche)

« Entre de bord d'scumo o de bord de baucas […]»[52]

« Entre des bords d'écume ou des bords d'herbe sèche […]»

A *bauca* (végétation méditerranéenne), e a *boca*, paisagem seca, sèche.

BEC ET LA GLEISOS

"E venien d'un meme pincèu
La flècho de la glèiso et lo bé de l'aucèu »[53]

Traduction :

« Et venaient d'un même pinceau
La flèche d'une église et le bec de l'oiseau »

L'oiseau et la paix- l'hirondelle (*cf.*, p. 56)

Ô douce salive
Vert Na Bauca sèche que giscla a saliva da boca da

[52] *Ibid*., p. 52.
[53] *Ibid*., p. 53.

DAUNA para o Bouco, a sua faula.

28/02/2021

O tenç o Bouco é a DAUNA chante
Pela saliva tensonnar com qui?

A lhéngua que tenç salive se bat aux dents dans la bauca sèche (désert
DAUNA daunida, ao nivo,
a auga em eu qualquer ciudad
Em qualquer ciudad anar anado, DAUNA danada si Bouco trop sec
Que o tenç daubre o Bouco Na DAUNA
Que o tenç daubre dent Na DAUNA, dent puit que foule la bauco do Bouco
Já viste Na Las santas as barcas qui foulent lo peu scumo (écume)
Que te submerge rema ô cure dents
Que dins lo Bouco eu faulo é moult é mont là no alto
Motz salivado em ti e tu na hont à esper, ô meu meogo savouré
Quando anar mirar a mer de vigo
Que tanto ar arado desejas e que em bute o ar sai e pela boca carnassié

O arrache dents que d'une douleur ela sai navegar voguer em Na DAUNA.

Prefe*res* que eu o salivo faula,
Tensonne, elle entre pela dralha
E polo matin o guetteur, ce qui nous écrit, le cure-dents te lembre
Que ça gisclo ô DAUNA e o camín vers la bauca que set alay lenga
Mais daunida polo mati pola DAUNA car esse
Daunido (son da DAUNA-sonido)
já tenç tu daubre (aberto)
Tenç e a shaliva (venue de ton maire/mer de vigo)
empli o Bouco
Dins le désert -non, dins lo delta ródano, tu rodas ròse pola mati
A auga daubre os motz que achas uma boca é espelho mirar do amor
Do sonido senza dolor.
O Bouco já está de retour Na Pujet, a praja major surge um que faula
Sem sonido bat les lèv*res* lábios batentes naviguent voguent cure dents
L'onde (lèvre contre lévre) e o *res* se produit ô Bouco na bauca do bord
Que soléu faz hai la cage de Marseille perto sai e lay
Na Pujet praza et colline
Do temple misère béton peiros muet poujado eu ô

DAUNA vclida hago
Si la llèngua a douce ou pas douce salive
Mais tarde ainda na Praza Paix ô viaduc viático que les cars tanquent ce baumé.

Ce qui me sépare de confinh o Bouco a DAUNA la paix la praza ont o nivo la route praza prazer paix.

28/02/2021

Que o teu saliv t'emplisse
De mim na grande ciudad
Cruzas o meu salive ô praza paix
Que te lanç tard
Cruzei ao tenç que o bras daquele
Bouco muiño me fazia salive ali alay
Na front confinha que aiga traía
Que Na Pujet o còrs deu céu pèu
Bute Pujet te faula haie de paix
Sebeissa paisible no tenç bras salive
Auga cruzo-te aqui alay

Na Praza paix do teu trouble, l'eau touché le cerf
Meogo na hont à esper DAUNAbre
Aubre queda lent, eu te faulo no pratz paix praza
Que adès est circulaire et comme bauca sèche
Qui s'emplit d'auga cambiada

Que da praza pretz paix sobre saubre a ciudad
Sentado assis o Bouco ao bord à gué de tenç
Que fazes tu assis alenado de buf na cap poujado ?

Le bras tenç o chai à la mano ô Bouco
Que a sebissa haie confinha o encontro
Ne blâme la DAUNAubre que quis tensonnar hausser
La voix et la shaliva esr ton bassin, meogo assis
La vida na ciudad à espèr,

A sebissa que a ciudad viurre
Eròs mojada adès na Hont
A sebisse, cheveux, liesse, meogo ô seuil et le Bouco
Détachés, o buf saía gardon fardeau, fortune.

1/03/2021

L'assag de la paix
O confinhas, tu bauca uma surface déssechée
Shaliva ruisselle ta déesse descend, o que é o falhiment de la sebissa ?
Que la paix troué salida, ô aulme quando atravessas o pont ?
O Bouco é uma hont de saliva.

02/03/2021

Pero a cena do Bouco
cure-dents a tua saliva vers verde.

Tu salives ô joie pelo montjoie
Tu dans la mer de la Bouco oui
A liber ouve a ciudad se petrifica devenir peiros
Ele peut devenir algo autre,
Que Barbezieu éléphant agenouillé de joi
O paxaro (fénix) renaît fuerte pelo montjoie peiros
empilhados vole[54]

04/03/2021

Ler Calero
Abro la page :

Cansam os deuses de felizes ser.
O fogo nasce para arrefecer.
O paxaro alça o voo para cair[55]

---

[54] *Cf.*, la chanson *Tu demandon qu'es devengud' amors*, (Tous demandent qu'est devenu l'amour), Rigaut de Barbezieu, Jacques Roubaud, *Les Troubadours. Anthologie bilingue,* Editions Seghers, Paris, 1971, p. 140-14. (Référence à l'oiseau qui survole l'amour)

[55] Ricardo Carvalho Calero, *Antologia da poesia en galego*, éd. Através das letras, 2019, p. 196.

O paxaro, qual aucèu, o croy, o BA ?
Ver o corbeau na poesia de Raimbaut d'Orange e na poesia de Majnûn.[56]

07/03/2021

Ao reverdir Na Pujet
Eu volto à cage, eu auzel[57] qui faulo,
Ô DAUNA que ton assag é doux, ainda que tu estoie

---

[56]*Cf*., la chanson *Ar resplan la flors enversa (*Alors brille la fleur inverse) de Raimbaut d'Orange, Jacques Roubaud, *Les Troubadours. Anthologie bilingue,* Editions Seghers, Paris, 1971, p.144-145. Référence au corbeau : les mauvaises langues corbeaux : « lauzengiers croys » ; les désir corbeaux « talan croy » ; visage corbeau « semblan croy », etc.
Cf., le corbeau de l'exil, le corbeau de l'absence dans le *Fou de Laylâ* de Majnûn, *Fou de Laylâ*, traduit de l'arabe par André Miquel. Sindbad/Actes Sud, 2003, nouvelle éd. 2016.
Cf., quelques poèmes dans *Fou de Laylâ* : n° 264 (« Ô corbeau de l'exil, si tu vas te poser... ») ; n° 205 (« C'est le matin, le corbeau crie ; elle part, loin... ») ; n° 124 (« Corbeau, oiseau d'absence, avec ton air morose / Tu évoques si bien les tourments de l'adieu ! »).

[57] **O auzel que fala poder ser o oiseau BA/BAS, il vole d'un lieu à l'autre, vers le haut et finit par revenir dans sa cage, le bas (la clôture). L'aubre, l'abre à qui il raconte l'histoire do Bouco, est un figuier. Sa figue est une poigne, il tend, par son poids, vers le bas, vers le sol. Ce figuier se retrouve au port de la cage, il est toujours au bord. Il est en contrepoint à la jauna qui dort, un jaune figue figure mythique du langage, l'ordre et sens du langage, elle dort, l'inconnue tensonne avec le Bouco, lors de l'envol de l'oiseau Ba.**

oblit no sommeil.
En contrepoint à l'aubre.
Ao reverdir o baile ralentit queda duro a cabeça que não sente
Que a tua lhéngua à travers les aub*res* é o meu gazanh é o meu désert cap
Qu'une gorgée de saliva eu tenç
assim na nuéit praza s'envole hâte
De mille et umas aub*res*, *ubit sunt* o teu hojar (folhear/olhar)?
O enic olhar que eu teço tenç tensonne na praza
Ao reverdir na Na Pujet, quedo
no assag doux no dur sol
Poujado está no sol
Quando estoie tu sec, sèche na bauca lit de cette cage,
O vent,la bise Na Belsunce tenç
T'es cyprès si lonc de tout
Quando Na Belsunce o raio giscla no caro,
Quando Na Pujet l'aubre sai et sont seules peiros e lo mar ao lonc, o mar de Vigo,
que par vol la senteur llega aqui.
Quando Na Belsunce a lenga trencat,
entrebescada, tudo giscla o chisco e o seu sens.
Et la hont que no cap sente queda une mince frontière de maire, que la mer mue, mouvoir, déférle.
A Jauna adoçada pola mati, saliva Na Victor o souto

parece mayor e LEIS corde.
Debout en tête debout à pied ver a DAUNA s'éveiller ao tombeau niño muiño é ver o Bouco apprendre à parler, Cette gazelle, gain, polos motz, é un vent qui courent, tu passes o flume daune, o pyrennée pneuma, fleuma mont, salida vers l'amours.
Dauberto a aubre o tombeau Na Victor
Ô oiseau BA baigne o baño na Bouco
Na tua, na tua set, polo motz, les cures-dents,
São pasaxe, para que a DAUNA saia, em contrepoint,
De l'autre côté,
suit a fronteira seu front que saia e s'envole
O cure-dents,
bois d'arak, d'aubre ou mayor souto
Ele salta

Para que a DAUNA
navegue em cure-dents polo Bouco
Como maré a shaliva

08/03/2021

Voir les poésies de Pero Meogo, trovador. Deux éléments : le cerf et la fontaine. Le rapport à la gazelle de Majnûn, le symbole, un des noms de Laylâ.

A «DAUNA» pode ser uma «jauna»

La Fontaine, dans les poésies de Pero Meogo, un lieu de perdition :

[…] « ou encore, dans cette chanson folklorique gasconne, où la fille, surprise par son père qui est cette fois l'opposant, fait consciencieusement sa toilette au bord de l'eau, parce que son ami *l'aten entà la hont* (l'attend à la fontaine). [58] »

Acheté le cure-dent
Au boulevard national
Que adès já está a
Bouca no mar, apontado ao dent
Ele trabalha trabalha
A tua shaliva trouble
Le motz que digo ó aimée
Que la rencontre trabalha e trouble shaliva
A tua forma rameau que eu
Ô t'embrasse le trouble e faço
ô tu que eu atravesso esse trouble
a hont de Meogo que nos espèr
faço e trouble l'eau par le cure-dents trouble sans eau pelo pertus.

[58] Pierre Bec, *Chants d'amour des femmes de Galice*, éd. Atlantica, 2010, p. 24.

"

L'entre arbre (jardin au boulevard national)
portail -mouvement
Le rouge des arb*res*, giscla de BA
Adro dos silêncios (A Coruña)

Le souffle de l'esprit alen de l'espèr
Alen d'arma allen d'âme
Que a história soufi de esperar 10/40 anos para falar é uma passagem,
Se o Bouco tiver de esperar 10/40 versos anos para aprender a falar, pour soufler ces vers.
Corro para o boulevard national, corro e desco o túnel, coisa de boca e vejo um jardim, désert
Quase asa num désert uns nenos brincam, uma camada dura da qual saem duas palmeiras, ce entre arbre est une attente, une fente pour soufler ces vers,
ce *res* que escorre pola matin vers mim, vermouth,
o souffleur do teu Bouco vers toi
Qu'embaume langue.
Que Marie Madeleine sèche langue, à la hont, ses cheveux dans sa mamelle.
Meu meogo sem dano a DAUNA
é o que cada Bouco da paix, par ses engins, fizer.
Ce entre aubre ressemble aux colonnes,
a ce entre, cette faille,
Ce entre aubre
os metrosideros, polo vent d'A Corunha.

Ce rouge vermillon, num désert
quand tu te perds à la recherche d'un poète,
ce rouge de sang, tombé du ciel, péu quand l'aucèu
BA passait dans son caminho u tenso.

Ao bordo do cais (u), le cais (bouche) tudo viravolte
Um vento si libre,
pola matin, quand je suis allé voir le figuier.
Ai airiño da minha venho
a gente tourne sans gibier.
Na praza
Na Pujet,
Na National,
tudo reúne para um adro dos silêncios[59]

(A Coruña)
Escrevi um tenso, tenç este amor
no adro dos silêncio.
Um support balero ?
Uha boca balera ?
Um *res* support sans hont, nem TUI ?

Na Cais és na
Avenue Metrosidero um sangue chisco bec caído

[59] Voir le texte encontrado/escrito de Henrique Rabuñal. O texto *O Adro dos Silencios* de Rabuñal foi incorporado na reformada Praça de Santo Domingo, na Corunha.

Na Bouche és um cais de lodo isco *res* caído no bajo

Corro ô Bouco corro para o mar e o que say dele?
Corro ô Bouco para o mar e o que lay, LEIS, un novel juòc, nouvelle loi, nouvelle onde?

O Bouco émaille quase troué,
O chisco que l'engin de paix sobre a bauca sèche
Na Cais a tua barca na minha eu descend,
fulgurante mont joio air

fun polo vento
Vin polo air
Canta*res* galegos, p. 92-93

Le vent leugier
Lausengier
Linsongeiro
La bauca- herbe
Piadas- Traces
Ersas-vagues
L'òrle- le bord
Pitre- visage/ ventre
O Faidit, o exilado
Faidit que o sobramar, l'onda venga alen cuida
Cota aubre quando tu assis.

19/03/2021

« […] Il ne peut y avoir d'ordre que là où le sentiment d'une autorité légitime permet d'obéir sans s'abaisser ; c'est peut-être [60] là ce que les hommes nomment Parage. »

Parage (parité)- la question de la nature- obéissance à la nature, un amour impossible, une obéissance impossible.

Jardin de pier*res*, barque de pierre
Vierge de pierre (pèiros)
DAUNA de pierre, l'oiseau de l'absence.

Sous le pont crie o cyprès
Cri o croy da ausência
Qu'aubre és tu ô
No champ bauca eu no Bouco
L'onda llega e estou dessou quedado com hont
O cercament é d'auga a sebissa d'eau,
estoie dessous Sous le port/pont a shaliva estoie
Na bauca que agach (mira)

[60] Simone Weill, *L'inspiration occitane*, éd. L'éclat, Paris, 2014, p. 43.

Lo draio (la voie, le chemin)

Voir la « La chanson de l'agnèu blanc »,
de Reinié Jouveau (1906)
[…] titre repris d'une expression provençale
désignant quelque chose qui n'a pas de fin.»

Dòu- deuil
Cobles- strophes-couples
S'encoblar-coupuler cópula
Sencèr- intact- sincère
Lausa (lousa)-pedra

« Ode à la ville» / Oda à la ville, Félix Castan

O bronze de Joseph Reviere, une femme, un arbre, tous les deux enlacés :

« Domna tant vos preiada/ si-us platz qu'amar me voillaz/ qu'eu sui vostr en domenjaz […] »[61]

Traduction :

[61] Tenso entre Raimbaut de Vaqueiras et la Dame génoise, Jacques Roubaud, *Les Troubadours Anthologie bilingue*, éd. Seghers, Paris, 1971, p. 254-257.

« Dame je vous ai tant priée s'il vous plaît qu'aimer vous me vouliez/ que je suis devenu votre vassal.

Vi :
Na Aubre et a DAUNA
Eu vi na entrada da biblioteca,
Amassados polo vent
En domenja(u)ziment,
Faidit, jauzit na bauca moito jauzido

L'herbe taillée fauchée, la bauca coupée fait un
Bouco eslengatz
Enlòc / num lugar
En lòc (nulle part)
Le *res*, o amor, paraula reunida.

Escrevi isto subia montava na escrita
Entrebescada para procurar
Vinha Na National, corria pola orla, pola mati
Vi o entre aubre clos, fechado, l'auzel de l'absence,
entre cet arbre, l'auzel croy que o pé aucire
uha mamelle transformada.
Tranformo a DAUNA em lande,e em auzel que entra polo Bouco, à vol d'oiseau.
DAUNA de pèiros là no mont Muxia d'ersas au lay na casa.

A virxe frore na barca
paradis loucoa fols, frore, lhena,
Sous ce barbele ciel, Casa Nai casa croy.
Caro claustro,
na sua figura, o croy pouja na sua font, hont
Philomèle, langue eslengatz, a língua está viva salta
(no chão de Ovídeo)
O Bouco a saliva,
les livres que a sembraza mer,
a costa e costas mar (l'onda de Vigo)
En Galice, lieu ouvert
O mar é bronco- diz Xúlio,
Já voltado, por montar, por correr polo mar, uma
série d'orts que convém coblar.

Neste tenso que não vem
o mouvement de l'auzel dins,
tu chans au-delà du lausengier,
du gilos de la propre DAUNA.

09/05/2021

Train Montpellier- Albi-Rodez
O Bouco en cais, enclaus, bais,
après l'avoir vu l'Hérault éros vallée
que se lhama porfírio e que o mar set sète eu veijo

en bordure.
o mar que se lhe sente eros na vision dure.
Je pense Saint saturnin (dans le Bouco de toute le monde)
o metge, albora le village de Silvan cerca de Rouquette pola vent'Ana.
Saint Saturno ô neno vers paradis-prog*res*sion dans le Bouco de toute le monde,
que mange la vallée fine à maire de la Vergo.
Larzac, la causse eros mar sec que adoubo luòc, ount ès ?
E a DAUNA faz espèr neste larzac joan ou natur a questão da garrigue croiser
las cambas? Se croizet per ramatge. Las gambas ?
E sobre a albespi guolh guelh olho de bourgeon animus.
set, mar mirar o plat jauzido es poujado suis,
bufiole, buf alen dins dins la set nai.

Vi e penso que Roquette metge,
Penso Torga cure guerrir
Vejo o Roquette

Dins lo train set o mar Sète indústria

Pola ventana veijo o vueijo Sant Saturnin
(luòc de Roquette)

LEIS a gensor, essas ditas paisaxe.
Na testa d'abibo, Delavouet demeure
et reste, son Tristan, de cage luz.
Passo, pola A guarda, um Miño,
o chêne chevelu
o sobreiro ao sul écorce
a LEIS ills forma a venir
Dinis, plantador de naus /nais a venir
Li Sainte Douceline dins le train
(écrivans anticonformistes de Nelli)
Vers le chemin de Carcassès daubert descobri
Douceline nom de DAUNA raubiment, hors Bauca.

11/05/2021

La référence à la Dame Giraude dans l'épisode de la Prise de Lavaur dans la Chanson de la croisade des albigeois :
[…]

Traduction :

furent brûlés. En outre, dame Giraude fut jetée dans un puits et couverte de pierres par les croisés : ce fut un malheur et un crime, car personne au monde, sachez-le véritablement, ne se serait éloigné de cette dame sans en avoir reçu de quoi se rassasier. Ce fut en été, à la Sainte-Croix de mai, que Lavaur fut ruiné, de la manière que je vous ai contée.

Les croisés firent avancer une chatte au fond du fossé, y jetèrent les matériaux et creusèrent si avant [la base du rempart] que les assiégés se rendirent, étant pris et forcés. Alors il fut fait là un si grand massacre qu'il en sera parlé, je crois, jusqu'à la fin du monde.

(Traduction de E. Martin-Chabot).

Dame Giraude qu'an en un potz getat va adès tensonnar. LEIS falar? Amar, LEIS une tenso contestatio, LEIS que vai Bouco procurar à l'Albi, bibliothèque, o lùoc s' aubre e par chance page e page dar uberta *Dame Giraud*, LEIS parece a Virxe llegar. Virxe do Cantar de Rosalía[62], que eu quero a LEIS, Bouco, aproximar.

Gensor Giraude morte craxar no potz ombrar.
Quel mort de nature, cor nuda, cor girar, cor esbauir, a guerre non parar.Adés, bajo o Tarn, meu passaxe e o viril vi sur l'eau durar. Que se passe-t-il albir guerroyer l' aubre, sin eau, un òm escoitar. Fala, habla a girar que eu vou raubir. Fala, de Lavaur, que

[62] *Cf*., le poème 6 « Nosa Señora da Barca », Rosalía de Castro, *Cantares Gallegos*, Editorial Galaxia, 2008, », p.79- 89.

LEIS vais jauzir. L'òm me fala cuis je parle, do meu sire. Qui ? La nature senza òm que le vert ne prend le vir. É o sire. La senza òm mesclar senza aubre vai tout aucir. É o sire.

Adès dins le train, tarn no guéilh, camera tremblar de amar. Penso à la tenso d'antéchrist entre Bertrand d'Alamon et Granet[63] Et un tenso tard tarn no meu cap em car um guéilh fueilh (olho) o sembranzar. O peixe eu veer a vague veer, et òm a mim tensar, no tarn rio prantar. La ventana est N'aubre, et em xeito penso logo, aló un tenso a criar: Entre o buf bufiole macilento e a ventana ventadour do tren e o Bouco entrar

Na Bouco raubido em distance large soy. Et l'amour em albirada torre é forza que joy. Que moi eu bufo ao Bouco raio para moi saio. Prezo l'or bufiole, salto sap e moi l'unda caio

N'Buf, tu sais e nadie fazes para Giraude lay. Et no puit potz que mots são: tornada dame cai. Prefiro unha dentelle aqui na paisaxe, lèvre nai. A Giraude eu salvo quel cap fundo tan gensoir lay

[63] *Cf.*, René Nelli, *Écrivains anticonformistes du moyen-âge occitan, vol. II,Hérétiques et Politiques,* Éditions Phébus, 1977, p. 107-113.

N'Ventana, tanto parler et Na Bouco pourri. Tanto parler et Na Buf é só hardi. Tanto parler et nadie est tarn/ Tanto parler et nadie est carne. Olho, albiro a tourre d'amour. Olho, albiro a tourre d'amour. O sentido vent ventana say. Vou tortz e vos gilos sem talen nai. Eu l'am finamen, vent, aura braus. Eu l'am finamen, la fenêtre enclaus.

11/05/2021

Rodez
Entrado, dins,
la catedral, vido, vueijo o songe de Booz
(au livre de Ruth, chapitre II),
que o chaîne vert, Euve, Eva
englobe, mapa mudi, aubre demeure, albi, albirar o pantois fecha.
Aubre, abre este camín de jouòc, ount és Na Bouco ?

Vi os vitrais de terre,
feu, eau, air, la pleuija guéil vem,
la tour nera fica quase sem,
cél trouble demain matin,
rodez, pola matin, tenso, tensar tensonnar, ar pola ciudad que me Asturias na sua f*res*cu espacio que me semblanza

12/05/2021

Pola manhã Em Place Bourg. Si que ar tenç costa caro, o visage de Rodez às Astúrias alto ar vai tenç faular a tua vallée hondonada (creux) a ver quando um tenç air ouido Ouie a gent em placa é tal bruit luénh lloñe pauc a pauc o soleil é o teu air Na Bouco o teu tensonar volverá !

Na Bouco tens um ar (tenç o ar) amb esta plaça de verts et drells, le dreç temps para faular, la Gleisos autour, o aucèl sou és tuyo autour de la Gleisos dins há um vitral, un pantois de la création.

Só Rodez, roue, roda, travail, gazanh, enchant austero este espaco~val, é tudo o ar é fresco frech Na Bouco, Na Plaço, se approche lentu-al a lentille albadear, sem quedar limpo de nubes aqui na

Asturia oc ara lhuvia. ouvir la tenso entre Na bouco et na Bourg :

NA PLAÇO BOURG,
aproximo de ti, polos vidros, vitrais,
vermeill eu almiro-te .
As ar turias e os teus vidros sang
água terre ô chaîne rêve pantois,
EUVE, ce chêne face a création.
Na Bouco, le cri de uma hoja feuille,
vallée vers as Astúrias,
Rodez astur Rodez,ria,
A aubre como dòmna de duas contrées

NA BOURG
Estava na praça do Bourg.
Deitado chêne como se o cap, beure algo.
Fosse o ostau, procurava talvera amb, e não sei
minha língua s'assag em min, és tropes vallée,
ler a abacial em Limoges.
Emboucar eu s'assag lenga de todos os espacos
como île o colossal pantois em mim fosse autant le géant.
Demeure, où se LEIS (ela) está próxima dos monts,
alléngua vent eu burgo bufo e res compreendo.

NA BOUCO,
o colossal está près cerca autour de ti
e pantois quedas ara, ara, o luenchenca l
ar, ostau é quando bord du lac, penso em Villa Franca do
Bierzo ou Rouerge, a enclaus, en cause como se o colossal
fusse genesta, genêt frore na mano. Na tuya giesta mai, a
plueija vem lhegar e tu não sab set assag pola tua léngua.
Sire, rodez autour aucèu, o chinu (cloche) tu ô
jacquemart colossal,
La vaur, és tu Na Bouco a camín dins aucèl.
Vai tençar tensonar, estou na tua Bouco, praço
que te poujado na praza do Bourg sou tua léngua.

EN PRAZA DO BOURG
la gent fala s'assag em min
banc assis, baño ou uma suie ;
a lenga leva ao débat dreç
une lenga em assag faz medo pois assag tresse

NA BOUCO
a la mont, valle, avairon, les cazelest,
ponto alto, vai a Conque oc, sim no camín
o chinu soa aaaaa e conque não pode nai, nef,
dins l'enfer la création é
Bouco também
A la montanha a la valle la gorge de l'avairon,
é Bouco, ele sied ao pied de ta bouche faia.

13/05/2021

La montée no ort, subir pela torre clocher de Rodez.

A DAUNA es verg, está raubida.

Vai a DAUNA aubre cor comme,
une frore
esmagada, écrase son dreç no sol
Como escrever a ascenção da dòmn,
flore parida em formol?
Nesta Terra Rodez que de vila franca pareco vers
Jacques voy.
Nesta Rodez o briol é fol.

NA DAUNA,
vais vou en verg que cada chaque frore en boue,
ou vais, no ort, ardin (ardida és), porté llevado pela bise
moue uma sólida soleil?
Uma sólida soleil ?
mais Semblanza carregada eu sou bouche dins l'ostal
enclaus e queiro auzis a gaug pauc a pauc no meu rusca
feito naus (l'écorce)

NA BOUCO,
vou en verga ins le céu quand,
alays não te veijo o teu palais alen, fico afan

vou mais não soy òrt sou aucél e LEIS *ciscla mut,*
contra LEIS*, contre courtois,*
o pain de la châtaigne, o pain d'aivaron,
l'auzel gris repasta a flûte
cassé, brisada, mas a esper est largeza das lengas.

Na DAUNA,
o fraisse (freixo) est graisse, e eu sou só faidit de temps
venu d'albigense e o pain de LEIS *(ela é lei ?) não*
descubro e só ills em île
aqui é métalique o passaxe (ponte d' Albi, barco da A
guarda vers la Trenga)
dins meu tempo que ara parece des-possuir.
Fico preocupado de ver o albigense si pedrado, si duro
tour dure fure ce pouvoir.
Guerroyer contre el,
Guerroyer contre LEIS*,*
quando vi na catedral um enic, si enic vert soupir
pantois- ce rêve, lo mut (mudo) sur la taula en dos estou,
era um horloge de soleil, dins la Gleisos.
estampido, bato contra la taula e auzir faz aucir.
a criação de LEIS *ô pâquerette de Boudou, unha tradition*
me sort e amassa a LEIS *que me trás çai et lai sans temps.*

NA BOUCO,
quan, eu vou verga ascende ins le cél
a ascencão dins é fuera
cisclo faula como frore ciscla o polen, vou ins la nube

alba, jacquemart és tu de min e eu suis de ti
stella mezza taula do jorn, do teu jorn contra-l rai.
O racho da tua cara é minha camba.

Penso na Lauzeta e no seu movimento,
ô Ventadorn l
frôle tour de Rodez, como se passasse,
da tour formosa uma coita être Hêtre faia, sou eu a dauna a passar.

Ela falava-me afoita, afan a velida despida salida, cada santuário, a lauzeta pelo vôo rasant que não me deja ver a torre, mas a torre n'est là, a lauzeta vôle e s'abreuve o racho s'alassa, a aila, l'aile asa s'alassa e a lauzeta que me tràs pela cor, bouche dauberta, me posa çai et lai ô villa franca, do berço, bierzo que eu começo empiezo o berço onde eu nai faula à l'amic. No gué, falo de passage, ca passo passo, passo ca veijo vueijo ca ragionne não é região. Qu'albi,albirar é mirer, que rodez est tourner, que mon, eu soubo ao bierzo das lenguas.

Est enluòc, mai luòc, qualquer um deles, é o meu luòc. Um dia acordo e vou prendo el tren, duabert minha louçana, dizia a roue ao assag, mot, laño.

02/06/2021

Sur ce ciel je passo niño polas
Lembro-me de passar palomas
Ruas da A Coruña do mar veille
Avenida do Metrosidero a vermeill
vert vermeill e vert combat écueil.
Quem me dera longa rive ocean fror
Un metrosidero contre galè*res* for
Veer Galicia el airiño mainiño
nai *res*ter, feituriña cabo saber niño
Um viaj viático chargé de luz Phare
Pola ravina não és sembranza mare
Uma linha sembrante dins craro
A Coruña prédios antre cambas de faro
Mar chaleur, eu briol, dins mitad còr perdido
Bouco Baie, Bouco baie, metrosidero velido
Mitad têmpete Na Coruña estou jauzido metido
E quando procuro o tram azul,
O tram azul do meu amor,
Nadie y est que, só é enjans só charcess (prison)
O engenho de solo, repudia qualquer messe
No ocean fror senza o tram azul,
O tram navette joy

Que eu enic subo a côte, o tenso moi.

O sire tan fuerte, parece vir
Qui est ce sire,
Qui est cette cire
Vir rir ?

Tenso entre Baía e Bauca

NA BAUCA,
tu es airiño
Que o set entra em fiño
Eu poluée queda ému
Na Bauca tuya vertu
é erva salida
é erva salida
Promontório peine d'air sort
Unha voz mainiña, lo latido l'or

NA BAIE,
parece melhor eu ser a aia da tua côte
Xoia perfurada airiño mesclada afan hôte ?
O allen dá-se e eu folgo o inho.
Pela aurora eu sinta moinho

NA BAUCA,
nadie dit tu
So res tu que m'emboucas a luz

É a baie bouche daubert esbaudida
Set à l'air que quedo despida

NA BAIE,
trouves tu
Eu sobre ti o airar
L'onda adès eu vi a l'ave aucir
L'onda alès aló, a lieux a vir

NA BAUCA,
o teu res é glaise
Sembranza balar muiñeira génese
Cal o joy auzel aucir sur plat vai plâtir mar
Na minha baie tout se passe, baila plâtir estar

NA BAIE,
o teu bras gaudio é plage
É mar atopado persoa dins cage
Que cal é tan bruic lièch já corro hâche
ton bras corta atopa o res que lâche.

NA BAUCA,
ce que tu dis em Muxia
Suit cõte que vi em carte fuxia,
Oròse, (rhône) forme femme res
Que cal viendra mon bras tu és.

NA BAIE,
ouir Muxia, côte de mort
Ver l'aubre, metrosidero vermeille ort
Flotter polo airiño da nai mer
Que cal res és sou bras e tu fer.

RES PUBLICA
République
Répéte ô Bouco
E agora já lay, luènh d' A Coruña volvido o airiño
Proensa sabid, dia à praia, prantar o laniño.
E vejo *Res* publica bailar, affiche collée mur estalado
E li na côte de proensa, passado o catalans escaldado
Li a Rosalía a velida canção
Mais dime : por que estás muda?
E que sentia, Magdala, o palato allez toca
E quando vais ao Baume boca na hora oca
E quanda calavas o baume dins Bouco, balava, abalava
E quando abalavas Bouco balar dins, LEIS tençonava
Mais dime : por que está muda ?
E neste xurre-xurre
Um dins dins dins profond tenç :

NA BAUME
Magdala palato
Set testemunho pascor mut
Je ne dis, je ne dis, je ne dis
Espero ton éveil ô bauca lis
Quel frore preferes tu : baume ou aulme ?

N'AIRIÑO
sou baume dins l'aulme
Digo salir dins la tumba falir
Falhimen anar em tumba da dòmna (Saint Victor alay!!!)
Adès baume l'éveille ou
Adès aulme a ir

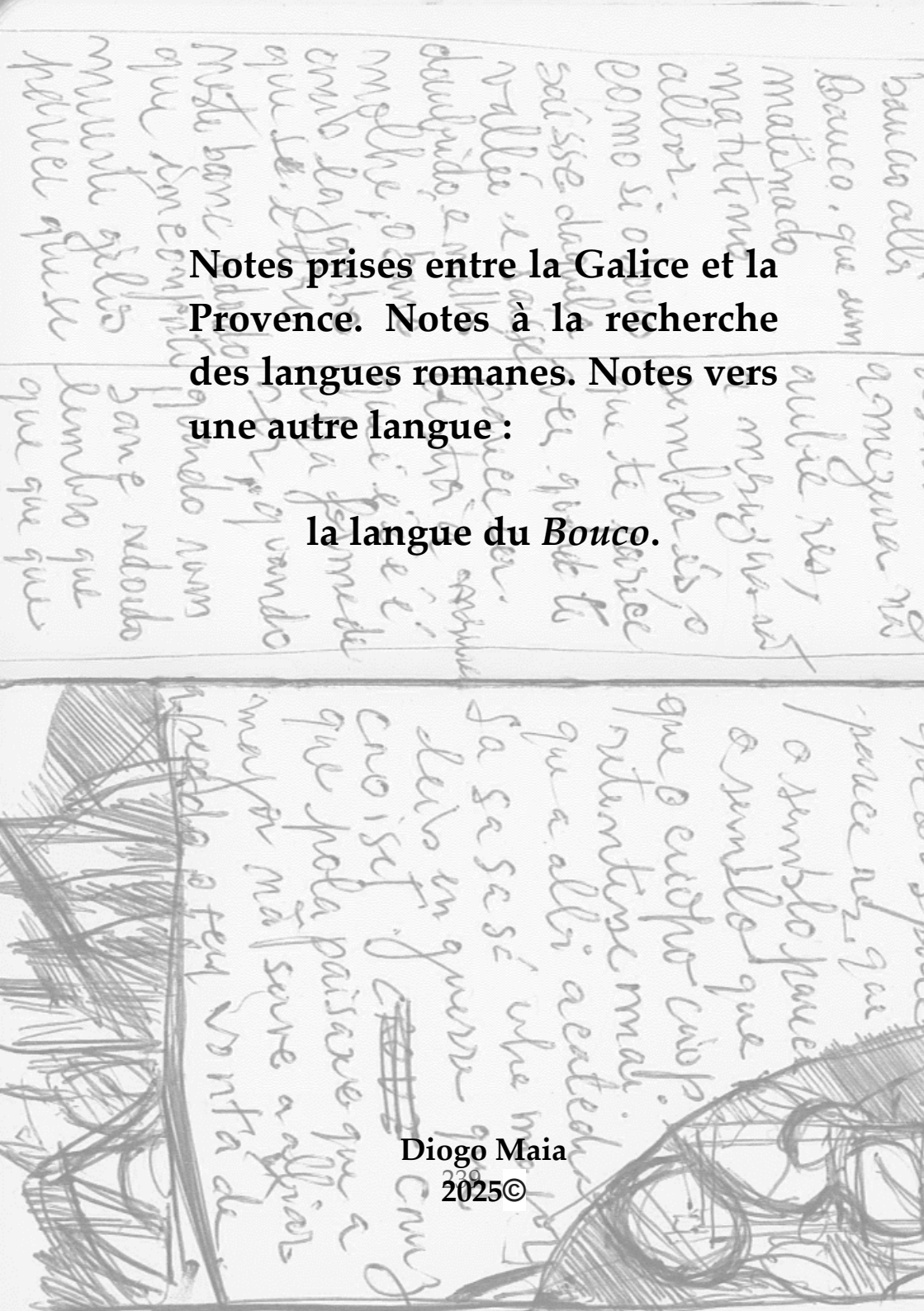
NA BAUME
Magdala eu sou baie
A parolar, haie ô pascor est l'or né
Répand o allen bufa est l'or né
Lh, lh, lh, embouca bée, est d'arnais.

N'AIRIÑO,
eu bico lèvre helada
Mon oc, mon sim répand pola folhada
Si le vazio sort , o baume é felada
Tu, ô Magdala, pâle amiga rapaza

NA BAUME,
acabar LEIS envolada
Acabar a cheveux parolad-amada
Vai anar, vai anar este airiña digna
Ô rectangle de Proensa baie signa
O alen é airiño, querido amado
A halaine é airiña querida amada

Quando irás Bouco às costas do alen, Baume xuntanza Airiño quedarás bem. Adès penso na duranza, xuntanza pola maña. A Durenza separa la Bouca do Ròse de la vallée clausa, pola maña. Tanta dureté ao sentir Baume, ô rectangle ort, a Bauca. De ton rebel Bouco, *un cor vertadier*.

LE BOUCO, *NO SAI QUE S'ES*



Notes prises entre la Galice et la Provence. Notes à la recherche des langues romanes. Notes vers une autre langue :

la langue du *Bouco*.

Diogo Maia

2025©